

Jorge Arrimar

O Planalto dos Pássaros




CAXINDE Edições
CHÁ DE CAXINDE

CHÁ DE CAXINDE

25 ANOS
A UNIR PELA CULTURA



Jorge Arrimar

Nasceu em S. Pedro da Chibia, Planalto da Huíla, Angola, em Junho de 1953. É licenciado em História e especialista em Ciências Documentais. De sua autoria (ou co-autoria) foram publicados oito títulos de Poesia e três de História. Encontra-se representado em várias Antologias de Poesia e em Actas de Encontros/Congressos de História e Biblioteconomia. Tem participação dispersa por variados jornais e revistas.

7000

O Planalto dos Pássaros

Teofil
Cunha Amizante
do
Teofil
Quenda,
19 Set. 2019

O PLANALTO DOS PÁSSAROS

Autor: Jorge Arrimar

Direcção gráfica e capa: Loja das Ideias

© EDIÇÕES CHÁ DE CAXINDE

Avenida do 1.º Congresso do MPLA, 20/24 Luanda

Telefones: 336020/334400

Tel./Fax: 332876

Impressão: Tipografia do Carvalhido - Porto

1.ª edição: Abril de 2002

Depósito legal n.º 1973/02

Este livro é editado simultaneamente em Portugal pela Editora Campo das Letras.

Jorge Arrimar

O Planalto dos Pássaros

Nota Prévia

Pede-se ao leitor que tenha sempre presente que este livro é uma ficção histórica, não um livro de História. Deste modo depreenderá que não existe rigor histórico no texto que estas páginas suportam. No entanto, chama-se a atenção para o facto de se ter partido sempre, e na medida do possível, de um enquadramento histórico correcto. As principais personagens deste romance existiram de facto, conservando as mais antigas os seus próprios nomes. Ressalvando as principais coordenadas, datas, geografia e um ou outro acontecimento, tudo o resto é ficção. Para o leitor interessado em ter uma noção das fronteiras (apenas as mais evidentes) entre o que é histórico e o que é ficção, apresentam-se os seguintes esclarecimentos:

Existiram, de facto, os Governadores de Angola que são referidos no texto. São verdades históricas as leis e os interesses políticos dos governadores quanto à expansão para o Sul, nomeadamente, a tentativa de “abrir uma comunicação das terras de Benguella com as dos Rios de Sena e Mossambique”. É na sequência desse interesse que se funda uma Junta, chefiada pelo Tenente-Coronel Pinheiro Furtado, destinada a preparar uma grande expedição, por mar e por terra, até à Angra do Negro (ou) dos Escravos, nomes por que era conhecida até então a Baía de Moçamedes (hoje Namibe). A expedição terrestre (1785) foi chefiada pelo Sargento-Mor de Ordenanças, o morador de Benguela, Gregório José Mendes. São exactos o número e o tipo de participantes na expedição terrestre, para além de outros pormenores, como o número de cabeças de gado abatidas para alimentação dos componentes dessa caravana. Também é um facto histórico a viagem do morador da Huíla, João Pilarte da Silva, feita às “Prayas dos Macorocas”, em 1770.

A "Relaçam" dessa viagem é o documento mais antigo, redigido na Huíla, de que se tem conhecimento.

O Capitão Manoel Velasco Galiano foi para Angola na comitiva de José de Almeida e Vasconcellos, Barão de Moçamedes e Governador de Angola (1784 a 1790), fixou-se em Luanda e deu origem a uma das mais conhecidas famílias luandenses. Tirando isso, tudo o resto não passa de ficção. Joaquim José da Silva, natural do Reino de Angola, foi Secretário do Governo (1783 a c.1791), em 1783 deslocou-se a Cabinda com o objectivo de tentar desbloquear o porto daquela região, posteriormente visitou outras localidades por incumbência do Governador, e ocupou o posto de Capitão-Mor de Massangano, seguido do de Ambaca, até finais de 1798. Foi autor de um breve e curioso texto laudatório das "Virtudes exercitadas no Governo do Reyno de Angolla pello III.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Barão de Mossamedes governador e capitão general da dita conquista", que gentilmente dedicou à "Senhora Baroneza Sua Consorte em signal da mais viva Gratidão".

Um dos primeiros capitães-mor da Huíla de quem a História fixou o nome foi, de facto, António Rodrigues Jardim, natural da ilha da Madeira, que sucedeu a Paulo Pilarte da Silva. Reinava nessa altura, em todas as terras da Huíla, o grande Soba (Hamba) Kanina Gongga, um dos maiores potentados daquelas terras desde sempre. São também pertença da História as revoltas do Injau contra o seu senhor da Ombala do Lupolo, assim como a eclosão periódica das Guerras do Nano. Para além disto, quase tudo é do domínio da ficção.

A História diz-nos que, em 1794, por razões desconhecidas a povoação da Huíla sofreu um colapso, tendo desaparecido por algum tempo.

Dedicatória

A todos aqueles de quem a Huíla guardou o eco da sua passagem e o alento das suas vidas. Isso bastou para que, cada um à sua medida, fizesse parte da História dessa região magnífica... e, igualmente, viesse a contribuir para a criação das personagens e dos factos de que este livro se tece.

Agradecimentos

À Isabel pela ternura com que acompanhou este trabalho.

À Zé pelos conselhos que soube dar;
ao Eduardo pelo conforto das suas palavras;
à Inês pelas possibilidades que criou de podermos trocar oportunas impressões.

À Cátia e Lídia pelo carinho com que acolheram este projecto.

Ao José Eduardo Agualusa pela generosidade do seu apoio.

Capítulo I

“Lutaram pela sua terra, muito e tanto, até fazerem dela uma terra de guerreiros, e de nenhum outro cultivo.”

(Pedro Rosa Mendes – *Baía dos Tigres*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 63)

António José se despediu do avô, todo ele só tristeza no abraço longo pelo corpo antigo mas ainda forte do mais-velho. Lá fora, já não se respirava paz mas transpirava-se um cheiro acre a pólvora, a fumos da guerra que estava por todo o lado e até por dentro de toda a gente. Naquele dia abafado de outubro de setenticinco, os guerrilheiros jacarezavam de muitos lados para lado nenhum, com as mãos nervosas a desconseguirem de ter dedos, só mesmo tubos de kalaches e gêtrês a escarrinharem fogo nos capins amarelos da terra seca de paz. Alguns tinham a caratonta riscada com tinturas de guerra e a cabeça amarrada com ligaduras, o branco delas escondido no castanho das feridas oxidadas. As bandeiras mostravam os símbolos de cada um dos exércitos rivais: numa, desenhos de foicinhentas facas e de estrelados paraísos, tudo sobre fundo de avermelhada cor; noutra, um vaidoso galo a esgravatar num arimbo¹ de capim verde; noutra ainda, o amarelo zairota a desconcentrar-se na invasão dum azulento mar. As makas² todas eram por causa da defesa do povo, mas o povo sofria, sofria e desconseguia habituar-se nesse caro preço.

– *Dentro de um ano, no máximo, estarei cá de novo, avô.*

– *Ah!, meu filho, nem pensar! Vais para muito longe e esta guerra é tão estúpida que não acabará assim tão depressa. Eu já estou tão velho que... – a voz calou-se num soluço inaudível – até nunca mais, meu neto!*

¹ Lavra

² Confusão. Zanga

O mais-velho Agostinho abraçou o neto, comovido com a despedida. Ele era daquele tempo em que os homens não choravam para fora, choramingar era mesmo só para dentro. Na sua rouca voz o cacimbo³ do sentimento fazia-se ouvir:

– *Até nunca mais, meu neto!...*

António José se desprende daquele abraço que o fazia sentir-se pequenino a desligar-se do materno útero. Um soluço enorme esganhava-lhe o peito porque o espaço dentro dele já não existia, transformando-se num grito enchorinhado, curto mas denso... denso cor do chumbo a se derreter na vida...

– *Adeus Avô! Voltarei para o próximo ano, quando nos arimbo for o tempo das maçarocas!*

Aquelas palavras eram de despedida, sim. Ele, bem no íntimo, sentia que tempos difíceis vinham aí e por isso dificilmente acreditava naquilo que elas prometiam. A tristeza foi subindo fumosa pela cabeça como se ela fosse uma mutopa⁴ xuxualhenta nas suas águas de refrescar os estonteantes fumos. Depois a lembrança daquele sonho recente a baçular-lhe⁵ as esperanças de um regresso rápido. Nele via a terra a perder-se dele, endoidada... depois, só o regresso, muitos anos mais tarde, de barba branca e rosto marcado com as rugas que a idade oferece, máquina fotográfica ao pescoço, a sua figura mais velha em companhia dos filhos já crescidos. Aquela máquina era o sinal de que ele estava ali desconsolidado de ser filho da terra, turista de todo o sítio e pertença de sítio nenhum...

Cansado e triste, atravessou a rua e lá na entrada da casa paterna, ainda só no passeio, olhou para o fundo dos caminhos e tentou guardar o imaginário tesouro: uma rua afunilada que se alongava até ficar apenas reduzida a um ponto dentro dos olhos. Aí ficava a casa dos seus bisavós, casa velha enraizada nos arimbo da história. Já não conhecia o seu bisavô mas conhecia muito bem sua bisavó Carolina, D. Carolina

³ Tempo húmido e frio

⁴ Cachimbo de água.

⁵ De Baçula, rasteira.

Augusta de Sousa como a conheciam de respeito os vizinhos, velhinha de cabelo sumaúma eternamente encarrapitado em penteado totó. Os anos lhe tinham encurvado o corpo rijo e os seus olhos estavam sempre perdidos na leitura de encomendados romances que lhe chegavam pelo correio. Vó-do-Comboio, chamavam-na assim por causa do dito cujo que passava a ferro a estrada vizinha, quase corredor de sua própria casa, e era fácil os desabituaados assustarem-se com o rugir do comboio que parecia estar dentro dela. Vó-do-Comboio acalmava sempre as visitas contando-lhes a estória do ferrugento que nunca abandonava a sua porta como se fosse um permanente guarda.

Vó-do-Comboio tinha muitos filhos adoptivos. Metade das pessoas da vila tinham tido os braços dela a amparar-lhe o nascimento; parteira de muitos méritos e de prodigiosos conhecimentos, havia aconchegado muitas crianças nos seus primeiros momentos desta vida. A outra metade dos moradores tinha nascido com a ajuda de outros ternos braços, os de sua amiga Herondina, D. Herondina Amador Pita para os que a desconheciam na intimidade dos amigos chegados e a respeitavam no nome família. Ambas se amorrinharam na beirinha dos cem anos de vida, a própria idade da vila. Igualmente na margem dos cem anos foi o passamento da outra sua bisavozinha Vó-do-Zeca, D. Amália Martins Bettencourt de seu completo nome. Era também avó do primo Zeca que vivia com ela e assim os netos desconseguiam de a chamar só Vó. E quando o dia se cansava de brilhar e a noite chegava vagarenta, eles se aproximavam para a cumprimentar:

– *A bênção bisavosinha!*

Logo depois pediam-lhe que lhes contasse aquela estória antiga dos carros bóer⁶, cujas espanas⁷ desmaiavam as rodadas mãos no abrasado corpo da chana⁸.

– *'Inda conta bisavosinha, 'inda conta!*

⁶ Grandes carros, parecidos com os carroções do O. Americano, de quatro rodas, puxados por várias juntas de bois, as espanas. Foram introduzidos no S. de Angola, no séc. XIX, pelos bóers, oriundos da África do Sul.

⁷ Conjunto das juntas de bois (chegavam a ser 12) dum carro bóer.

⁸ Planície de vegetação rasteira.

António José fechou os olhos. Uma imagem triangulosa se acendeu no escuro e ele viu nos vértices as casas dos seus bisavós e também a dos seus próprios pais. E a Huíla encontrava-se, também, dentro daqueles limites.

Foram só alguns os segundos de delírio que escorreram pelos cumes da sua memória, mas parecia que tinha passado mais de uma hora. Entrou em sua casa, aquela velha casa de paredes grossas de adobe, construída no tempo do caprandanda⁹, sob a vigilância atenta do pai de sua mãe, seu avô Alberto, o Tchinkoto na sua alcunha muíla¹⁰. Baptizaram-no assim como resultado daquele seu interesse antigo pelo boi castanho de chifres que pareciam pinças do lacrau ekoto¹¹. Vô gostava muito daquele boi e dizia sempre que um dia ele ia virar mesmo sua propriedade. Vô Tchinkoto não aguentava esperar mais, precisava ver os chifres ekotos daquele bovino lindo a saracotear-se no meio das suas manadas e a fazer sair invejas nos seus vizinhos. Sempre que pensava assim, suspirava só:

– *Meu Deus!, mas como é mesmo bonito esse boi!...*

António José franqueou a porta que desembocava no longo corredor de paredes decoradas com artesanato angolense. Logo na entrada da casa, os olhos se prendiam num tambor alto que mostrava um corpo de gravadas figuras a lembrar cenas dos matos. O tambor de batuque descansava numa felpeluda pele de leão que o Vô Tchinkoto tinha matado havia muito tempo atrás, nas terras do Lubando. Tinha sido uma vingança dele sobre um perigoso leão que escapelara João Nunes, seu companheiro de intermináveis conversas e de entusiásticas caçadas. Uma patada do bicho-fera tinha descosido a cabeleira do crânio do seu amigo, deixando-o quase morto.

Na parede daquele corredor também se via um painel de madeira que um artista tinha entalhado, cujo principal motivo era

⁹ Corruptela de “Câmara Leme”, nome do director da colónia madeirense que se estabeleceu no Vale do Lubango, a 19 Janeiro de 1885. Por extensão quer dizer qualquer coisa antiga, do tempo dos pioneiros da colonização.

¹⁰ Etnia do Planalto da Huíla.

¹¹ Ekoto, lacrau de pinças grandes e curvas.

a figura de um lacrau encavalitado na cabeça dum boi castanho, com as hastes transformadas em bovinosos chifres. Por baixo da placa encontrava-se uma zagaia de lâmina larga e brilhante que tinha, na ponta oposta, um espigão de ferro dissimulado entre as cerdas castanhas de uma cauda de holongo¹², este o segredo cuvale¹³ de ela sempre acertar no alvo. Mas a “muana puó”¹⁴ era a máscara que mais atenção despertara sempre, por ser a mais bela e a mais misteriosa. Aquela máscara quiôca formava o centro de um grande sol de flechas: flechas com sarapintadas penas de galinha d’Angola e ponta de ferro em forma de gota; com matizadas penas de perdiz e ponta de ferro em meia lua; com pretas penas de pumumu¹⁵ e ponta de ferro em forma de tridente; com cinzentas penas de rola e ponta de madeira endurecida em forma de arpão; com brancas penas de galinha pedrês e ponta de madeira em forma de espeto. Outras mais completavam a decoração, cada uma delas com penas de diferentes aves e com lâminas de diversos feitios.

Sentados na mesa grande da sala de jantar encontravam-se sete pessoas, contando com ele. Seria essa a última refeição na companhia da sua família ali na sua própria casa? Afastou rapidamente aqueles pensamentos tormentosos e sentou-se no seu lugar de costume. Seu pai, Álvaro, à cabeceira, como sempre respeitoso, de óculos encavalitados no aquilino nariz; António José tomara o seu assento em frente do chefe da família. O lugar de sua mãe Alísia era sempre guardado no lado da mesa, à direita de seu pai, no controlo discreto das traquinices dos seus dois manos, o Alberto e o Nandinho caçula¹⁶; do outro se via a mana Graciosa e Vó Ana. O mano Joca, como sempre, almoçava em casa de sua Vó-Madrinha, Marcelina. Meio-irmão, Joca já tinha nascido quando pai Álvaro casou com mãe Alísia. A amiga de juventude de seu

¹² Grande antílope.

¹³ Etnia do Sudoeste Angolano, pertencente ao grupo etno-linguístico Herero.

¹⁴ Máscara quiôca representando um rosto feminino.

¹⁵ Peru-do-mato.

¹⁶ Irmão mais novo.

pai, Minga Fana, quando teve o mano Joca fora-o levar à sua avó paterna para ela cuidar do neto. Assim Vó Marcelina ficou mesmo a Vó-Madrinha e criou-o de pequenino.

A sopa foi servida quente mas arrefeceu depressa por causa do vento frio que soprava naquele dia em que se encontravam todos à volta da mesa grande de girassonde.¹⁷ Mas nesse almoço não se comeu, apenas se sorveu vagarinhoso um pesado silêncio. Todos não queriam acreditar que aquela guerra entre angolanos seria mais dura e mais prolongada do que a que tinha começado em 61 contra os portugueses. Só que os pressentimentos eram mágicos e se costumavam adiantar na corrida contra os atletas da razão. O silêncio endurecido se quebrava na força das palavras arrastadas e dolorosas que iam sendo proferidas.

– *Pai, eu estou decidido a abrir caminhos...* – disse António José com palavras ocas de fazer barulho só... suas cascas a esconderem vazios...

Mas a mãe comentava, de lágrimas a queimarem a voz, que nada ia ser fácil no futuro que não se adivinhava. Como seria possível para aquele seu filho, tão jovem ainda e sem nenhuma experiência de vida e de trabalho, vencer as tremendas dificuldades que se poderiam erguer no seu novo caminho? Ia até Portugal “abrir os caminhos” que a guerra em Angola começava a fechar, lá naquela terra estranha, distante, da qual apenas havia ligações feitas de palavras que o tempo das muitas gerações se encarregara de tornar quase inaudíveis.

– *Mas, tanta agitação porquê? Já conhecemos tempos muito piores e ainda por cá andamos! Vão fugir de quê? Alguém vos quer assim tão mal? Ainda me lembro dos Hotentotes a...*

Vó Ana foi interrompida na estória dos Hotentotes¹⁸ que tinham invadido a Chibia nos idos tempos em que ela era a menina Aninhas. Já todos conheciam aquela sua estória antiga, mil vezes

¹⁷ Madeira de cor avermelhada.

¹⁸ Povo habitante das zonas áridas do Sudoeste Africano. Nos finais do Séc. XIX invadiram o Sul de Angola para roubar gado aos povos vizinhos. Chegaram a entrar na Chibia sob o olhar aterrorizado dos seus habitantes.

recontada, sobre os heroísmos e terrores de antigas resistências. Mas agora havia força para novas resistências?...

A mana Graciosa, a única irmã, cujos suspiros tentavam em vão preencher o vazio das palavras que não conseguia dizer, abraçava António José com a ternura que aquele prolongava com a voz, pedindo-lhes que não ficassem assim tão tristes pois que lhe tiravam as forças que ele não tinha para deixar a sua casa.

– *Eu voltarei em breve. Não aguentarei ficar muito tempo longe de vocês. Longe desta terra...*

Afogados ficaram os abraços nas lágrimas da partida que se adivinhava para breve. Os receios eram muitos e mal disfarçados.

António José aguardava que o seu irmão Zé chegasse para irem todos até ao Outro-Lado, ao lado de lá do Rio Tchimpumpunhime, até à casa da Vó-do-Comboio onde somente vivia agora a prima Zaida, desde a altura em que Vó falecera. E foram buscar mais gente assustada: a Marinela e o Carlinhos foram os últimos passageiros engolidos por aquele carro branco e pequeno que os levaria até à vizinha cidade do Lubango. José António adoentou-se naquela imagem a perder-se lá atrás, empoeirinhada na distância que apagava a sua vila. A última casa a deixar-se ver, com letras enormes desenhadas no telhado – CHIBIA – foi a casa grande dos Amarais. Depois dela era a mata rarefeita de munthiátis¹⁹ e mupapas²⁰ a fugir-lhes dos olhos húmidos enquanto o asfalto percorria a barriga metálica do carro com sua língua escura e escorregadia, levando-os até à garganta de um horizonte cor de chumbo...

*
* *

A guerra se alastrava como uma epidemia. Os combates eram cada vez mais e até o centro da cidade estava contaminado. As balas, sem jeito nem mira certa, batiam ali, ricocheteavam nas paredes mais duras e entravam nas carnes mais tenras. Foi assim

¹⁹ Espécie de árvore.

²⁰ Espécie de árvore de seiva aleitada.

que a perna da Salomé ficou ferida duma ferida que nunca mais sarou. Salomé, essa amiga deles, só andava por ali, nada mais. E foi assim que só ficaram alguns e foram fugindo todos os outros.

– *Mãe, diz-me porque é que vamos de viagem, logo agora que as aulas iam começar? E porque é que estás a chorar?*

A voz rouca e melancólica de António José se ouviu:

– *Carlinhos, não incomodes a tua mãezinha, vá!*

Marinela afagou o cabelo do filho e lhe disse baixinho na sua voz molhada das lágrimas que teimavam em escapar dos seus olhos:

– *Estranho, sinto nestas lágrimas o sabor de outras lágrimas!... Como se, de geração em geração nós fossemos feitos para partir e chorar em cada partida...*

E de seguida, como a colocar um perdido rumo na conversa:

– *Meu filho, nós não estamos tristes, até estamos felizes porque vamos todos fazer uma grande viagem e tu vais poder conhecer terras muito bonitas, sem tiros e gente a morrer.*

Carlinhos soltou-se do abraço da mãe e correu pelo longo corredor do comboio. Tentou subir até à janela para ver a paisagem, mas escorregou e caiu no chão. Magoado numa perna, chorou convulsivamente até que a mãe o foi buscar.

Ao fundo, a imponente Serra da Chela diluía-se nas nuvens pesadas que anunciavam aguaceiro. O deserto, pálido e seco, parecia um pergaminho onde o comboio traçava uma longa linha de tinta negra... da mesma cor dos pensamentos de muitas pessoas que iam ali, naquelas carruagens superlotadas.

– *Olhem, já se vê lá ao longe Moçâmedes! Estamos quase a chegar...* – choraram vozes.

António José esfregou os olhos doridos de tristeza e as costas cansadas da viagem. Olhou seu irmão Joca e seus primos Marinela e Carlinhos, afagou os caracóis do menino e sentiu que os seus olhos começavam a ficar húmidos. Disfarçou, apontando pela janela um bando de orixes²¹ que corriam livres no deserto, talvez assustados a fugir do comboio onde eles, também assustados, fugiam.

²¹ Antílopes.

– *Como correm! Correm como nós, com medo do medo que sentem. Esse medo que, afinal, nos faz correr há tanto tempo!*

Sentou-se ao lado de Marinela, ela dormia para esquecer seus temores. Ainda colocou a inocentinha criança no seu colo e pensou que, sem muito esforço, se podia ver que a sua terra estava representada ali mesmo naquela família antiga, de todas as cores e de todos os tipos. Ele mais pró branco, pálido e sardento. Seu irmão Joca, mulato cem por cento, seus risos abertos e confiados espalhavam simpatia natural. Marinela era cabrita, filha de pai branco, cujo apelido deixava passar francófonos sons; sua mãe Zaida era mulata, avô de origem madeirense e avó negra mu-humbe²², pele macia de bronze puro. Mas os novos tempos pareciam não ter lugar para aquela antiga família e o comboio em que iam levava-os para um qualquer outro lugar que a madrasta História lhes tinha reservado. Suas raízes encontravam-se bem fundo na terra daquela Terra e agora sangravam arrancadas com violência, abrindo feridas difíceis de sarar.

Ancorado no porto, o navio Santa Cruz aguardava que eles chegassem, mais os outros, todos os outros que fugiam da guerra já alastrada como uma queimada na chana seca.

– *Carlinhos, dá a mão à tua mãe que eu agora não posso. Que malas pesadas! Cuidado com esse degrau, Marinela!*– dizia António José, sempre preocupado com a situação.

E assim iam entrando naquele navio já cheio. Dois dias intermináveis levaria, até chegar a Luanda. Alguém, mesmo ao lado, cantarolava arrastadamente uma melopeia:

– *Angolano segue em frente / teu destino é só um / se não apanhas este barco / não apanhas mais nenhum...*

Dentro do barco as pessoas desconseguiam encontrar espaço onde se sentar e dormir. Todos eram frágeis figurinhas espalhadas ao acaso no convés daquela viagem sem regresso, sujeitos ao vendaval das estórias de cada um, partilhando os medos de cada qual.

O barco apitou e levantou ferro, a terra foi-se esfumando na distância e com ela perdeu-se também a silhueta franzina da mãe

²² Da etnia Humbe, localizada no Sudoeste Angolano.

de Marinela e avó de Carlinhos, a prima Zaida do Joca e do António José. Ela tinha ido ali, especialmente para se despedir da sua única filha e do seu único neto, também dos seus primos. E a Marinela, o Carlinhos, o Joca e o António José iam ficando cada vez mais pequeninos aos olhos tristes da mãe-avó-prima Zaida à medida que o barco se ia afastando dela. E também ela, aos olhos deles, ia sumindo na distância, com o lencinho na sua cabeça a tremular ao vento e a desaparecer, a desaparecer, como a bandeira do próprio barco se ia perdendo no horizonte.

– *Marinela, não chores, em breve voltarás a ver a tua mãe.*

E enquanto António José falava ternurento, dirigindo-se à sua prima, uma lágrima tímida procurava esconder-se para lá das suas longas pestanas. Ao lado deles alguém continuava a cantarolar a melopeia do destino. As pessoas, de semblantes tristes e gestos acabrunhados, iam-se distribuindo como podiam pelo espaço inexistente daquele navio.

Nos dois dias que aquela viagem durou de Moçâmedes até Luanda, para além da tal melopeia, poucas eram as vozes que sobressaíam do gemer do vento que se aninhava no colo das ondas. De quando em quando, percebia-se o resmungo das pessoas que tinham de permanecer nas longas bichas para entrar nas duas únicas casas de banho. E de repente alguém gritou:

– *Estamos a chegar, Luanda à vista!*

A Baía alargava o seu abraço à medida que o barco se aproximava dela. António José pegou no seu velho kissanje, colocou o instrumento na amurada do navio e começou a dedilhar as suas palhetas metálicas com as unhas dos polegares. O rouquinhoso som que se ouviu era voz de velho-homem saído de confinados tempos. E o kissanje gemia, gemia um som que parecia não ser o tradicionalmente dele. Era um nome! O instrumento pronunciava um nome: mbuál'îê-ê-ê-ê Tchóia-a-a, mbuál'îê-ê-ê-ê Tchóia-a-a!!

António José estranhou a voz diferente do seu kissanje. O seu amuleto, como ele costumava dizer, porque lhe dava sorte e a sua música lhe acalmava os nervos, as tristezas e os medos. Aquele instrumento tinha sido oferecido por sua mãe Alísia, que por sua vez o tinha recebido de materna herança também, assim, sempre

nas arrecuas das gerações, até a um qualquer antepassado, cujo nome não tinha conseguido chegar aos presentes tempos. Continuou a comichar as palhetas do kissanje e foi estranhando cada vez mais aqueles sons. Um vento brando se levantou e uma nuvem grande e escura ventoinhou até engolir o barco e a ele também... foi então que deu encontro num velho que lhe falou em nhanekas²³ palavras, algumas que ele conhecia, outras não. Tudo junto se desentendia, coisas soltas só. Mas, o que mais o intrigou foi aquela voz de sons familiares: a voz do velho era som do kissanje e a voz do kissanje era mesmo som do velho. Então, uma estranha e inesperada chuva desabou sobre o navio e refrescou os corpos suados pelos calores de Luanda, húmidos e peganhentos. Mas no rosto de António José as gotas de chuva sabiam a sal, eram salgadas como a água do mar...

²³ De Nhaneka, etnia do Planalto da Huíla.

Capítulo II

"[...] O viver da gente grave de Loanda é o de uma cidade do Brazil [...]. Brasileira é a sua cozinha bem farta de estimulantes; brasileiro é o dialecto ali uzado no trato doméstico; brasileiras parecem as damas na molle indolencia em que vegetam, cercadas de um grande sequito d'escravas [...] e também os homens [...] não vão fora do typo brasileiro [...]."

(José J. Lopes de Lima – *Ensaio sobre a Statistica[...] d'Angola e Benguella [...]*, Livro III, Lisboa, 1846)

Debruçado numa das muitas janelas avarandadas do sobrado onde se encontrava o Palácio do Governo, o General José de Almeida de Vasconcellos, Barão de Mossamedes e Capitão-General do Reino de Angola e Suas Conquistas, meditava alto, todo ele só ouvidos nas suas próprias palavras:

– Não posso permitir que esta situação se mantenha por muito mais tempo, sob pena de sermos engolidos pelos problemas sociais que ela própria cria. Par' além do prestígio do nosso País que bem pode vir a ficar abalado com tudo isso!

Ali estava ele, naquela cidade que Paulo Dias de Novais tinha fundado havia já mais de duzentos anos, naquelas areias quentes e vermelhas, mussequenhas¹ mesmo, pobres de solo e subsolo, escancarada goela do sertão por onde eram engolidos aventureiros, comerciantes e soldados, em demanda dos reinos do Congo, do Ndongo e de Benguela. Uma boca que também vomitava longe, até para lá dos mares, alguns poucos produtos que a natureza dava, sendo o principal uma "especiaria" de cor negra, conhecida pelo nome de cabecinha ou peça. Esse produto era o mais procurado e bem pago, porque tinha uma propriedade muito apreciada que produzia a energia que fazia andar o mundo. Se charnava músculo.

¹ De musseque, originalmente "terreno arenoso" (mu-seke); mais tarde passaria a designar os bairros periféricos de Luanda.

O nobre Governador não podia, e não queria, que a conflagradora situação da Administração daquele Reino continuasse agarrada aos moldes ferrugentos em que a tinham cozinhado, sob penas e penachos de sair dali com a imagem maculada e o próprio prestígio da Coroa debilitado. Para provar a sua vontade de tudo mudar, tinha que fazer alguma coisa mais corajosa e concreta. Só que o calor e a humidade daquelas terras sempre punham alguma molenguice² nas acções e, talvez por isso, sempre apareciam alguns espaços ociosos entre os pensares e os executares. E o tal de calor já começava a afastar o Governador dos lados firmes dos pensamentos justos e das decisões para as bandas moles das recordações. Daquele lugar, Sua Excelência podia deixar o olhar se esticar preguiçoso pelo porto e por parte da cidade de S. Paulo da Assumpção de Loanda. Sua memória deixava-se desfilar no cortejo de lembranças da sua chegada nas terras angolenses, naquele dia sete do mês de Setembro do ano de 1784.

*
* *

O recém-chegado Governador e sua comitiva entraram pelo Norte de Loanda, cidade protegida por uma linha de trincheiras e de fortins, e seguiram o rumo que os levaria até à bonita baía. A sul, a cidade se resguardava por trás do morro da Samba e todos puderam ver um porto movimentado, com barcos de longo curso que, em cada ano, carregavam de oito a dez mil peças de escravos, e outros, de pequenos tamanhos, que ligavam a cidade ao Kuanza, ao Bengo e ao Dande, carregados de madeiras, água doce, lenha, pedra, cal e alimentos frescos provenientes dos arimos que se encontravam nas margens longas desses mesmos rios.

A multidão que aguardava no porto que o novo Governador chegasse era uma verdadeira amostra da população de Loanda: os camundongos³ moradores se distribuíam pela Cidade Alta e

² De molenga, preguiça.

³ Natural do Reino do Dongo. Depois passou a significar natural de Luanda.

pela Cidade Baixa: na Alta viviam cerca de quarenta europeus, um pouco mais de vinte euro-africanos e quase duzentos africanos; na Baixa, a população era maior, mais ligada no comércio: para cima de duzentos europeus, ultrapassavam cem os euro-africanos, chegavam perto dos cem os africanos livres e eram cerca de mil os escravos. A pequena multidão de moradores acotovelava-se cada um querendo ver melhor que cada qual a baronal comitiva, pois não era habitual, não senhor, chegar tanta gente na companhia dum novo governador. Todos comentavam que agradava muito ver uma mulher de governador na comitiva, coisa rara por aquelas bandas.

– *Que se saiba, este é só mesmo o segundo caso!*– dizia um dos moradores mais ilustrados, sabedor de casos e descasos da história.

Loanda era conhecida como um “cemitério de brancos”, de brancos mas não de brancas, ainda para mais uma branca já assim de primeiríssima qualidade. A novidade correu muito depressa, desde logo misturada nos mujimbos⁴ que tanto corriam na cidade baixa como na cidade alta, também nos musseques dos forros e talvez até nas sanzalas⁵ da escravaria. Geralmente as novidades que circulavam em Loanda não eram deste quilate, quase sempre estórias do mato, funanço praqui quibuca pracolá⁶, mais os escravos enviados para o Brasil; agora era diferente, a novidade era de cidade mesmo, até metia nobres senhoras, aristocracia nos requebros e nas falas. Os monanganas sangazulos⁷ mais suas mulheres sangazulas ou só mucamas⁸, frequentadores do palácio nas festas e serões, parecia tinham entontinhado de vez: Vossa Mercê como vai, Vossa Senhoria está bem, vénias na direita, cumprimentações já na esquerda. Loanda estava num grande reboliço como só a tradição dizia ter acontecido no tempo das campanhas de Ambuíla⁹: que

⁴ Boatos.

⁵ Aldeias africanas. Acampamento de africanos.

⁶ Funanço – comércio no sertão; Quibuca – caravana sertaneja.

⁷ Monangana – filho de branco, mestiço; Sangazulo – fidalgo, de sangue azul.

⁸ Companheiras.

⁹ Grande batalha travada entre os portugueses e o poderoso Dembo de Ambuíla, em 1692.

os empacaceiros¹⁰ e os homens de arco e flecha tinham sido os primeiros nos avanços dos tiros contra o centro do exército do poderoso Dembo¹¹, que seiscentos arcabuzeiros lhes tinham flanqueado pelos lados desprevenidos e aí os guerreiros do Dembo se tinham assustado muito com a metralha, pois parecia que os trovões das tempestades se tinham bandeado para os inimigos lados.

Notícias de batalhas eram sempre motivo de muitas falas e boataria, mas no presente caso, não era notícia de guerra que estava a interessar os moradores de Loanda, antes era uma notícia de paz, de paz e beleza feminina. Na verdade, em breve se falava em todo o lado da simpatia duma dona especial. Os loandenses tinham gostado da mulher do Governador, jovem e bonita, de sorriso alvo e perfumado. Ver o Governador acompanhado de sua própria mulher era talvez a prova provada de que aquelas terras já não eram só terras para homens de comércio e soldados de conquista. Era um bom sinal, sim senhor!

*
* *

– *Não há dúvida que tenho que pôr cobro a muitas situações menos claras! Há demasiados abusos...* – voltava a murmurar Sua Excelência, regularmente visitado pelos firmes princípios que norteavam os seus pensamentos de governante, logo submersos por recordações de um passado próximo, veludosas e macias umas, mais mundanas outras:

– *... mas foi agradável a recepção que nos fizeram! Tanta gente a saudar-nos, até a comitiva sair do porto, pelas arcadas abertas no próprio rochedo, e tomando nós a direcção da Fortaleza de S. Pedro da Barra...*

¹⁰ Tbm. *Empacasseiros*. Começaram por ser as tropas irregulares africanas ao serviço do exército português nas lutas da ocupação. Também vieram a constituir a praça irregular da polícia de Luanda, recrutada entre os moradores dos musseques. A denominação vem-lhe do barrete de pele de pacaça (pequeno búfalo) que usavam.

¹¹ Potentado ou Soba Grande (o mais importante foi Kakulo Kahenda) da região dos Dembos, localizada entre os rios Dande (ao N.) e o Bengo (ao S.).

Os recém-chegados, logo após terem chegado a S. Pedro da Barra, encaminharam-se para os lados do Bungo e da Nazaré, onde puderam ver, ao longo da praia e no meio de pomares e hortas, as casas apalaçadas onde viviam os habitantes ricos da cidade. Eram muitos os comerciantes, uns radicados, outros viajantes, alguns de grosso cabedal que semearam muita filharada e plantaram frondosas famílias. No Bungo, passaram pela Quitanda Pequena, onde se misturavam os mercadores e os presos que iam ser executados. Seguiu-se o bonito edifício, lavrado de boa pedra, da Alfândega.

O governador e a sua comitiva continuaram a sua viagem até passarem pela frente da Igreja da Nazaré, mandada edificar por André Vidal de Negreiros para comemorar a vitória dos seus soldados na batalha de Ambuíla, ali onde era o termo da cidade. Depois o Arsenal e o Cais, seguidos da Freguesia dos Remédios, a Igreja do Corpo Santo no extremo ocidental da baixa, o edifício do Terreiro Público onde os loandenses guardavam as farinhas para seu consumo e onde existia uma cisterna para 250 pipas, mandada construir, já para cima de vinte e cinco anos, pelo célebre governador, Dom Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho. Seguiu-se a Fortaleza de S. Miguel e, mais para o Sul, a Fortaleza de Santo Amaro, alcandorada no Morro de Santa Bárbara. Santo isto, Santo aquilo... só mesmo nome de santo em tudo o que era fortaleza, como se fosse igreja e não sítio de combate e de peleja... Andando, andando a comitiva passou na Maianga, já só a um quarto de légua da cidade, ali onde se encontravam alguns jesuítas a esmagar ervas em dois enormes tanques para extrair o anil, corante muito procurado e bem pago. Foi a vez da Samba e, depois desta, o Cabo Bento e o Cabo Lombo, já em frente da barra da Corimba. Mais tarde, a comitiva do novo governador calcorreou a Calçada Nova que passava a norte da Praça do Pelourinho e fazia a comunicação com a parte alta da cidade, a mais nobre e refrescada pelas brisas que vinham do mar. Chegados ali, puderam ver os sobrados do Palácio do Governo e do Bispo, o Quartel da Guarnição, a Igreja dos Jesuítas, a Misericórdia e o seu Hospital, a Casa da Câmara e a Cadeia, a Catedral de Nossa Senhora da

Conceição, a Igreja do Rosário e o Convento de S. José já nas portas da cidade. Quando se apearam no Palácio, a comitiva desfez-se e o barão e sua jovem mulher foram descansar nos seus novos aposentos. Esgotados pela longa viagem e pelas emoções da chegada deixaram-se embalar pelo sono que se pendurava nas suas pálpebras. Não estavam habituados ao clima pesado que os sufocava e acordaram mais cedo do que seria de esperar. O pior mesmo era aquele calor molhado de humidade que se colava aos corpos e os tornava peganhentos de suores, levando-os a não aguentar o aumento de temperatura que as carícias sempre causavam. O barão era um bom amante e o brilho matinal no olhar da baronesa sempre tinha sido um sinal de satisfação. Tinham que se habituar ao novo clima para que os bonitos olhos da baronesa continuassem a brilhar.

– *José, meu querido esposo! Será que me vou habituar a esta terra? Não foi um erro ter vindo a acompanhá-lo? Não devia ter feito o que as mulheres dos anteriores governantes fizeram?*— murmurava ternurenta a baronesa, enquanto se refrescava nas brisas do seu leque.

– *Não, meu amor! Está tudo muito bem assim. E como deverá saber, não é a primeira a vir para Loanda em companhia de seu marido. Há doze anos precisamente, o Governador António de Lencastre não só trouxe consigo a sua consorte mas, também, a sua filha. Esses sim, foram os primeiros, e, que eu saiba, sobreviveram e regressaram bem ao Reino.*

O barão acercou-se de sua mulher e fez-lhe uma carícia no rosto. Ela pestanejou, coquete, e ronronou umas meiguices no ouvido do seu marido.

*
* *

– *Sabe uma coisa! Pensei em organizar uma escola!*

O Governador deteve-se, virou a cara na direcção da sua mulher e questionou-a:

– *Uma escola? Onde? Para quem?*

– Quer dizer... não será propriamente uma escola. Formaria um grupo de alunas, entre as meninas da melhor sociedade loandense, e recebê-las-ia aqui na nossa residência. O que acha o senhor meu marido?

– Bem! Eu sabia que não poderia ficar parada. Ainda há pouco chegámos e já pretende pôr-se a trabalhar, não é?! Já sabe que terá o meu apoio se isso contribuir para se sentir melhor.

O grupo de alunas foi formado e a baronesa começou a ensinar coisas várias, como etiqueta, moral e religião, português, francês e música. Logo que alguns souberam da possibilidade de mandar suas filhas e outros, suas mulheres, foi um corrupio entre os caloandas sangazulados. Zefa Vitorina kia Samba, assim denominada até na semana anterior, xingava¹² quem desconhecia seu verdadeiro nome, agora reencontrado em documentos antigos guardados nos baús de família que se encontrariam esquecidos em misterioso alçapão. Só aceitava mesmo ser Senhora Dona Josefa Victorina da Câmara e Castro, e logo-logo começou a espalhar o inteiro nome na vizinhança, para que se soubesse dos seus ancestrais direitos seguros por agnáticos cipós a uma frondosa mulemba¹³ genealógica.

– Porque... – como ela dizia em bom som – ... se se tem mesmo kanukinhas de pé-calçado, isto é, se há meninas de família em Loanda, com direito a palacianos serões e fidalgas explicações, essas são com certeza as minhas filhas Marianinha e Cacildinha, umas Câmara e Castro dos cinco costados.

Aí a vizinha, Januária kia Imbila, muxuxava¹⁴ e murmurava já nas outras:

– Hii! Essa mesmo é zanolha, não se enxerga direito! P'ra mim ela continua a ser só a Zefa kia Samba, qual Câmara e Castro! Só se fosse na cama com o Castro! Sukuá!, lhe conheço já faz muito de tempo e nunca que lhe dei encontro nesses bangosos apelidos. Me lembro bem, inda o pai dela enricou mesmo no comércio das

¹² De Xingar, insultar.

¹³ Árvore de grande porte, género figueira.

¹⁴ Dava esta estalidos de desprezo com a boca.

*cabecinhas; cangundo*¹⁵ genuíno, virou depois chefe dos empacaceiros.

Uma outra, entusiasmada na palavreira maka, sustentou:

– E a mãe dessa aí! Eu lhe conheci nos tempos do antigamente, uma mulata forra d’Ambaca, encontrada num desses quintalões das Ingombotas.

As intrigas foram mais que muitas e a baronesa quase chegou a arrepender-se da ideia. Fez a selecção mais pelas meninas do que pelos seus respectivos pais. Recebeu muita gente, cansou-se das conversas e desconversas e tentou escapar aos traiçoeiros pedidos e aos melosos rapapés. Quando a perturbação já lhe xaxatava o tino por completo, seu marido, que não gostava de a ver assim, se lembrou de alguém que poderia ajudar a Baronesa a desensarilhar as situações mais misturadas. Disse-lhe, então, que iria pedir a Joaquim José da Silva, secretário do seu Governo e homem de múltiplos saberes, que a ajudasse na tentativa de resolução dos problemas surgidos com a escola.

Filho do país, Joaquim da Silva fazia constar que conhecia muito sobre tudo e todos, e ia deixando escapar de quando em vez, em meio de conversas e bate-papos, que Loanda e arredores não tinham segredos para ele. A esse currículo foi juntando estórias das suas aventurosas viagens, como a que o havia levado a Cabinda, para ali indagar sobre as condições do porto daquela praça, há muito encerrado pelos naturais.

– Quando, há pouco mais de um ano, foi preciso penetrar o sertão até Cabinda, para ali se construir um forte que garantisse o acesso dos nossos navios à sua baía, foi a mim que escolheram.

– Costumava dizer a quem cuidava de não disfarçar algumas dúvidas quanto à importância dos seus feitos. Se uns sabiam outros se faziam desentendidos e era preciso aclarar as suas desbotadas memórias: o governo interino havia solicitado que ele fosse até fiotes plagas¹⁶, para ali se abrir caminhos para a construção de um forte “ com o beneplacito dos naturaes, captado

¹⁵ Branco ordinário, rasca.

¹⁶ Alusivo a Cabinda.

pella afabilidade do tratto, persoadindo das vantagens que o commercio dos portuguezes lhes ião levar..." desde que excluíssem, claro, o acesso de quaisquer outras nações à baía de Cabinda. Só que as exigências lusas não haviam ficado só por aí e se estenderam aos demais portos e ancoradouros daquelas costas "contra a vontade dos negros habitantes, e com grande ressentimento dos europeus, que não tardarão em manifestá-lo", levando à guerra os seus povos contra os portuguezes, que por ali foram ficando cercados pelas flechas de quem já não os queria ali e pelo escorbuto que a falta de alimentos frescos causava. Seguir-se-iam as peripécias com o embarque de cal do Dande para se cair o novo forte.

– *Fui eu que, com as minhas próprias mãos, cortei o tronco de uma árvore para dele fazer o mastro da bandeira da fortificação* – ia dizendo Joaquim José da Silva. E assim se ia formando uma aura de importância sobre a escalvada moleirinha do Ex.mo Sr. Secretário do Governo de Angola, que muito contribuiria para que lhe caíssem no balaio alguns doces frutos. Anos mais tarde, Sua Majestade, o rei D. João VI de Portugal, concedia-lhe o hábito da Ordem de Cristo e a competente tença de 12\$000 réis.

*

* . *

– *Senhor Joaquim da Silva, gostaria que me desse um conselho quanto a este caso da...* – fez-se ouvir a Baronesa, já um pouco irritada com a distração do seu interlocutor. Este, acordado de súbito para a realidade, gaguejou:

– *Sim, sim, sim... é que estava a pensar em Cabinda! Saberá a Excelentíssima Senhora Baronesa, que o próprio Mambuco que superintendia as praias foi feito prisioneiro pelos portuguezes, o que eu achei uma acção profundamente errada...*

– *Mas, que Mambuco?! O meu marido pediu-lhe que viesse até cá para me ajudar na resolução de alguns problemas que se levantaram com a minha escola, aqui em Loanda e não lá em Cabinda. Não estou a entender...*

Embaraçado pelo dislate, Joaquim da Silva deixou que se desenhasse nos lábios grossos um sorriso que se foi alargando para envolver a Baronesa. Depois, encenando uma dor de cabeça que não tinha, passou o lenço pela testa e foi tentando recuperar o terreno perdido na consideração da distinta anfitriã. E não levou muito tempo a distraí-la com as nuances da sociedade loandense. Sábias e seguidas foram as suas indicações de quem deveria ser seleccionado e de quais as meninas que deviam ficar de fora, por muitas e variadas razões que a Baronesa tinha dificuldade em perceber muito bem. Mas, apesar dos doutos conselhos de Joaquim, os que ficaram de fora não deixaram de trazer aborrecimentos a quem os tinha preterido e jamais perdoaram baronesa, que a partir dali foi recheio de muitos e peganhosos mujimbos. Nos descolhidos sobressaía Zefa, que tinha virado kia Samba outra vez, esquecidos que foram os emprestados apelidos de Câmara e Castro. Maldizente, sua boca esvaziava-se depressa em cada orelha livre que apanhava, porque afinal a mulher do Governador não era tão fina assim; que se enganava no português muitas vezes e que por isso ela não percebia como é que a Baronesa ia ensinar bem as crianças; que a sua superioridade era só mania de grandeza; música, só sabia era cantorias do Reino que ninguém gostava em Loanda; etecétera e tal por aí afora. Chegava mesmo a alvitrar alguns podres na relação entre o Secretário do Governo e a Baronesa.

– Humm! Aquele Joaquim sempre a silvar medidas na baronesa deixa uma pessoa desconfiada. Lambe-dedos de dama, esse muadiê¹⁷ deve ter algumas culpas neste acontecimento! Como é então um filho da terra aceita uma estranha, inda que seja sangazula e palacenta, deixar de lado as minhas filhas, umas caloandas assim genuínas?

Se a baronesa já andava comichenta de tanta atoarda, foi a vez do governador começar a perceber a qualidade das loandenses intrigas, mais apuradas pelo caldo de humidade e pó vermelho

¹⁷ Indivíduo, fulano.

as chamas nas velas dos palacetes, nas tochas das fortalezas, nas lamparinas dos comuns, ou nas fogueiras da escravaria, faziam lembrar que ali na cidade de S. Paulo havia gente que não comungava com a escuridão total dos bichos e que se seguiam as horas do descanso de uns, do amor de outros e das festas de alguns. Comer todos comiam, a diferença residia na quantidade e na qualidade. Os que viviam nos tais sobrados apalaçados comiam muito nas ceias que duravam horas, sempre bem regadas com jeribita²³, seguidas de forte jogatina que só acabava com os alvares da manhã. Era então que uns acordavam com o colchão da fortuna roto de penúria, enquanto outros adormeciam resguardados pela colcha da fortuna recém-ganha.

Para trás do importante casario do Bungo e da Nazaré ficavam as palhotas dos alforriados, outros viviam em apinhadas sanzalas escondidas pelas casas de pedra da cidade baixa, lá mesmo nas Ingombotas, nas vizinhanças do Convento do Carmo e nos Coqueiros.

*
* *

O Governador andava aborrecido com os acontecimentos da última semana que, de tão inesperados, tinham chegado ao ponto de lhe tirar o sossego.

– *Quem diria que o pacato Capitão Galiano iria meter-se em tanta confusão?! Cá para mim, o “professor” foi aquele malandro do Capitão Jardim... Não pode ver um rabo de saia...*

O Capitão Manuel Velasco Galiano, tinha feito parte da comitiva que acompanhara o Governador até ali, era um jovem bem apessoado, galante e, porque tinha um espírito um tanto ou quanto aventureiro, achara que Loanda lhe proporcionaria algumas aventuras. Nos primeiros tempos andou perdido naquela cidade estranha, tão diferente em tudo dos lusitanos terrunhos a que ele estava habituado. Estranhou, sentiu a angústia de uma difícil adaptação, mas, um dia apresentaram-lhe um oficial simpático,

²³ Água-ardente de cana.

de fala pausada e passo cadenciado, média estatura, pele clara que no rosto se encontrava ajardinada de alguma sardas. Para além disso, o Capitão António Jardim tinha uns olhos de um castanho sereno que denunciava uma personalidade calma e sonhadora e, talvez por isso, facilmente arranjava amigos. Residente em Loanda fazia alguns anos já e sempre disposto a dar apoio a quem precisava, foi com satisfação que adiantou esperanças no recém apresentado camarada de armas:

– *Pois é, meu caro Capitão! Vossemecê não se deixe ir abaixo! Eu lhe mostrarei, muito em breve, as coisas boas que esta terra guarda...*

– *Que coisas boas poderá guardar esta terra? É quente demais para o meu gosto e hábito. É atrasada e doentia. Meu Deus, o que vim eu cá fazer?*

O Capitão Galiano mostrava os seus desgostos e apossava-se dele uma vontade enorme de apanhar o próximo barco e regressar ao Reino. Mas o seu camarada de armas, Capitão António Rodrigues Jardim, conseguiu destrocá-lhe as ideias. Começou a acompanhá-lo em passeatas pela cidade e arredores, ele e Jesuíno Campos, um kamba²⁴ nascido na Mutamba, mulato refinado de kindumba de asa de borboleta empoadada, bangão nos andares e nos vestires. Lhe levaram nas farras e nos conhecimentos das gariñas, lh'ensinaram a pronunciar algumas kimbundas palavras, sobretudo as que moravam perto das coisas dos amores. Mas, o mais marcante foi a apresentação que Jesuíno preparou com refinado gosto: lhe deu a conhecer Fefa, numa festa rija, lá mesmo nas Ingombotas. Ah!, essa farra! Nos encostos até já se podia adivinhar a rebita²⁵, escondidinha de umbigo de fora, ind'embora nos primeiros gatinhanços dela, mas... aka!, como é então só lhe descobriram cem anos depois, esses distraídos da vida que só conheceram a farra através dos livros? Quando as beldades de

²⁴ Amigo.

²⁵ Dança de salão muito em voga em Luanda, no séc. XIX, a qual, seg. alguns autores, terá surgido a partir da valsa. "Tocando a valsa da maneira errada, os luandenses criaram a rebita [...]" escreveu Agualusa.

esvoaçantes panos progrediam no terreiro, se aproximavam dos cavalheiros e roçavam, vagarosas, os umbigos delas nas barrigas dos muadiês, aí a couraça de reinol do recém-chegado se quebrava toda. Nas festas loandenses, o minueto e depois a mazurca tinham sofrido mestiçagens, ficaram mais filhas-da-terra, devagarzinho se afirmaram mais crioulas e ganharam a cidade no seguinte século. Afinal, para os mais atentos, a oitocentista rebita já espreitava por ali, quando Galiano conseguiu fingir o à vontade que ainda não tinha e se aproximou de Fefa. Esta, sorrindo, segredinou-lhe:

– *Vá!, inda vai na fila dos cavalheiros e s’encontramos logo-logo no virar da música, no aconchego do corpo mais resvés...* – e depois afastou-se dengosa, com a bunda em saracoteios de fazer revirar os olhos para trás deles próprios. A dicanza²⁶ começou nos seus raques-raques de braço dado nos gemes de uma antepassada da concertina. Galiano repetia as passadas do cavalheiro de frente, o que ele fazia ele copiava. Tão concentrado estava para não errar na passada que, quando olhou nas damas, Fefa estava quase no frente a frente. Olhou nos lados a pedir socorro e deu encontro nos sorrisinhos marroteiros do António Jardim e do Jesuíno. O sorrisinhos deles lhe fizeram subir os orgulhos, encheu o peito de ar e poeira e, avançou com força, mas... Fefa já não estava naquele lugar. Catrapombas! Embateu na barriga-de-jinguba duma beçangana²⁷, senhora de alta kindumba e estrabicosos olhares.

– *Hii!, como é então aquela dama tava já no lugar de Fefa?* – exclamou Jesuíno, com um ar meio misturado de espanto e de gozo.

O sururu aconteceu e começou a engrossar. O cavalheiro da dona atropelada não gostou do acidente e falou bem alto que aquilo era já aproveitamento na dama alheia; que assim não podia ser, pois ele não admitia num forasteiro tão de fora aquelas passionais ofensas; que ele tinha que reparar o caso em duelo nem que fosse com espada feita de cinta de aduelas mesmo. Os casos indiciaram

²⁶ Instrumento musical, constituído por um bordão com inúmeras ranhuras por onde se faz passar uma vara. Reco-reco.

²⁷ Mulheres de Luanda que vestem os panos tradicionais. De “beça, ngana!” (a benção, senhor!).

maka grossa, mas Jesuíno avançou nas suas artes de convencer os desconvidados e desembaraçou os imbróglis; ainda teve o engenho de apresentar o seu amigo Capitão Jardim no ofendido, fazendo-o pagar uma certa quantia para salvar Galiano da confusão. Foi a primeira das muitas makas que Galiano criou.

– *Ficar-lhe-ei eternamente grato por me ter salvo desta! Mas como é que aquilo foi acontecer? Estava tão atento...*

Galiano estava inconsolável, mas igualmente agradecido nos seus companheiros de farra. Ele pensava que, não fora a sua intervenção e talvez o tivessem morto. Ele sabia que se não fossem os conhecimentos e apoios prestados, sobretudo do Jesuíno, caloanda muito vivo e sabedor das etiquetas de salão como das artimanhas do terreiro, tudo teria sido muito mais complicado. Mas, Fefa não lhe saía já da cabeça. Tinha que voltar a encontrar-se com aquele torrão de açúcar mascavado, com aquela rapariga bonita e sensual. O bangoso Jesuíno lhe prometeu arranjar um encontro discreto entre os dois, pois conhecia bem os cantos e recantos de Loanda, sítios seguros nos escondidos namoros e nos tapa beijos. Rebrilhou a melena com pó perfumado, repuxou na carapinha as asas negras de borboleta, arrepanhou os muzumbos²⁸ em jeito de homem de muitos saberes e disse:

– *Não tenha cuidados, não! Estamos juntos e, aqui na nossa terra de Loanda, problema de garina se resolve tud'iosso nas manhas aqui do mano Jesuíno.*

Galiano sorriu agradado nos apoios do companheiro mas avançou, de seguida, nos seus temores:

– *Mas preciso de explicar melhor à Fefa como foi que aconteceu aquele acidente. Porque foi, de facto, um acidente! Que diabo!, mas como foi que aquela feia mulher se foi meter à minha frente?*

– *Talvez porque... como era estrábica, a dama tivesse pensado que o meu amigo era o seu companheiro na dança!...* – disse zombeteiro António Jardim.

Em resposta, Galiano abanou a cabeça em sinal de que não acreditava na explicação. Entretanto, Jesuíno despediu-se dos ami-

²⁸ Lábios.

gos e os seus camaradas de tropa lá foram andando até ao quartel. Nos longes, um pequeno clarão anunciava já que a madrugada estava quase a chegar.

No dia seguinte, ao final da tarde, Galiano dirigiu-se ao encontro com Fefa, num local discreto que Jesuíno tinha indicado. Pediu-lhe desculpas sobre o acontecido e lhe explicou que não tinha sido por mal, só engano por causa da concentração que tinha sido muita para não errar nos passos e não fazer triste figura. Fefa ria mesmo de gargalhada e dizia:

– *Galiano, você precisas só dançar, não é necessário essa tal de concentração. Concentração você usas é lá no quartel nas suas marchas de militar. Dançar é você deixar a sua alma escorregar na sua pele, lhe balançar o corpo e lhe levar os pés para lá da sua própria sombra.*

Mas Galiano tinha dificuldade no entendimento dessas palavras que Fefa lhe estava a falar. Começou mesmo a murmurar algumas outras:

– *Xiça!, dançar nos salões da Europa o minueto ou a gavota, o passa-o-pé ou mesmo até a passacalha, ainda vá! Era só estar atento, contar mentalmente os passos e, tudo se ajeitava...*

Fefa ria muito e os seus dentes muito brancos rebrilhavam os clarões do finalzinho da tarde:

– *Vocês que estão a vir do Reino parece mesmo o vosso peso vai todo nas kinamas²⁹. Como se pode dançar assim, pesudos, a puxar o corpo como nas marchas do quartel? Hi!, dançar não é 'tropelar as próprias pernas! Quando se dança se deixa o sangue correr livremente como a água a viangar o pau de ximbicar e aí o corpo ginga como um dongo³⁰ sem destino, sem peso quase...*

Galiano estava surpreso nas falas de Fefa. Mas as explicações ficaram por aí e substituíram as palavras pela conversa do corpo... Quando se deixaram levavam nos olhos a vertigem dos beijos a atrapalhar os passos. Porém, se era certo o que ela tinha falado, então ele tinha que desaprender o aprendido e aperfeiçoar o

²⁹ Pés.

³⁰ Canoa.

andamento das pernas e os avanços do corpo apenas com o sentir da alma. Todos os sacrifícios valiam a pena para conquistar Fefa.

Jesuíno também o ajudou nos ensinamentos da passada. Sempre pronto nos namoros e na farra, mas mais seguro nas paixões, sabia não deixar se prender demais nos sereiosos encantamentos. Com ele também tinha aprendido o António Jardim. Jesuíno era o melhor professor de namoros e farras em Loanda. Mas com Galiano sempre tudo era mais complicado e desvariado, se deixava ir condepressa nas paixões e facilmente ficava preso em cupidosas teias. Os feitiços da terra lhe deram encontro e aí o muadiê³¹ conseguiu continuar firme nos bons ensinamentos que lhe tinham chegado de berço, nos desvelos de sua mãe e supervisão do pároco da sua terra, lá nas cavadas margens do Cávado. Não era completamente estranho aos seus procedimentos o calor do sangue italiano que lhe vinha do pai, nado e criado em vesúvias terras. Nas novas plagas guinou nos proibidos e se perdeu quase nas vertigens da jeribita, enquanto o corpo se oferecia aos saracoteios que os tocadores de dicanza provocavam. O sol forte acabara lhe cozendo as poeiras vermelhas de musseque no corpo transpirado, formando assim uma fina pomada que lhe protegia a epiderme mas que lhe alterara o tom de pele de português trigueiro para a bronzeada cor dum mulato calú³². Alguns até já lhe confundiam com um filho-da-terra. Dançarino nas horas vagas dos primeiros tempos acabou sendo farrista no tempo todo e o quartel passou a vê-lo cada vez menos. Aí os problemas começaram a engordar, a engordar até não caberem nas portas do quartel, ficando assim por desinchar, que é como quem diz, por resolver. Cada vez mais, ser feliz na farra dava maldisposição no quartel, e as soluções andaram fugidas do capitão por muito tempo. As hierarquias passaram sermões no capitão tresmalhado; diziam-lhe que aquelas coisas não podiam acontecer num oficial de primeira linha; que assim corria o risco de perder a militar dignidade; que isto e que aquilo.

³¹ Senhor.

³² Abreviatura de Caluanda, natural de Luanda. Por ext., vaidoso.

Até chegou a pensar que o seu amigo António Jardim se resguardava, porque foi aparecendo menos, parecendo até que evitava a sua companhia. Mas as conchinhas do destino estavam lançadas. Galiano era jovem, oficial do exército de Sua Majestade, o Muene Puto³³, tinha boa figura e a banga aumentava com os brilhos doirados que lhe medalhavam o peito, com os reflexos que o sol punha nos botões metálicos da sua farda e, sobretudo, com a espada comprida e lavrada a sugerir batalhas e valentias. Para além disso, o cavalheiro possuía o dom da fala certa, palavras cobertas de mel que apanhavam as raparigas como passarinhos no visgo. Aí as risadinhas delas descobriam desejos ocultos e os olhos eram só maldissimulados convites. Galiano gritou nos ventos:

– *Um homem não é de ferro, caramba!* – e se passou de vez. Mas a crioula agora já era outra. Fefa já tinha sido esquecida. Agora era aquela da Maianga que lhe ajindungava³⁴ o sangue e lhe baçulava na firmeza. A culpa – achava ele – tinha sido do bangão do Jesuíno, tendencioso nas dicas, “porque aquela ali é minha prima, a outra acolá é minha sobrinha”, tudo só dengues a lhe racharem a couraça do peito e o coração a ficar fraquinho sem as suas naturais defesas. Só que não foi a prima nem a sobrinha que lhe rasteiraram nos jindungos. Foi mesmo uma qualquer desconhecida dos seus conhecidos. Mesmo o Jesuíno nunca que lhe tinha dado encontro, nem na rua nem na farra. Aí, se desconfiou, melhor pensou: achava que a falta no encontro só podia ser dessa tal, talvez uma escrava alforriada há pouco tempo.

– *Humm! Como é então essa mana tava onde é? Como foi eu próprio, Jesuíno, “o bangão das garinas”, essa aí nunca que me deu encontro?*

Mas Galiano não ouvia ninguém. Declarou a sua paixão na garina e enfebrou de vez, começou a ficar xinguiloso³⁵, parecia era do mau ar dos pântanos, todo ele molhado de transpiroso frio, de tal maneira que aí as mais velhas começaram a murmurar que

³³ Rei de Portugal.

³⁴ De jindungo, malagueta muito picante.

³⁵ De Xinguilar, cair em transe, ser possuído pelos espíritos.

era uanga³⁶ mesmo. Mas ele desconsueira de fugir na xikuála³⁷ que lhe comichava os músculos todos. Eram só vipepes³⁸ bem acesos por causa da mais-nova que o deixava marado. Já desconsueido no rumo certo do barco da sua vida, resolveu mandar então segredinhasas palavras e juras de amor na cafusa³⁹. A resposta lhe chegou num lenço dobradinho, no centro dele uma noz de cola, tudo levado numa bandeja por uma escrava. Quando Galiano abriu o lencinho viu que na noz de cola faltava um pedacinho, mostrando em seu lugar a marca d'uns dentes. O capitão ficou desesperado com a dificuldade que sentia em perceber aquele sinal. Mas pensou que aquela marca de dentinhos tão certinhos mostrava que a sua dona era donzela de boquinha pequena e apetitosa.

– *Será a resposta das minhas declarações d'amor na Milan-dinha?* – perguntou. Depois chamou uma escrava e lhe pediu a explicação da marquilha. Aí ela arregalinhou os olhos, muxoxou p'ró lado e disse:

– *Siô Galinhoso cadavez tem problema nessa ngana!⁴⁰ Este sinal é mesmo lh'aceita no namoro, mas... cuidado, ela já é prometida!*

Galiano olhou a escrava, desconfiou da explicação e zangou-se com a corruptela do seu próprio nome. Gemeu um “Humm!”, e, acabou a murmurar que ninguém podia confiar naquelas escravas que nem o nome do patrão sabiam dizer direito.

– *Então a donzela que eu vi, rapariguinha ainda, cara inocente, já com amores ilícitos? Pode lá ser!* – disse para si mesmo, fazendo a escrava arregalar os olhos sem nada perceber. Notando o seu ar apatetado, Galiano gritou, espantando a velha:

– *Vai-te embora, mulher dum raio! Galinhoso? Ora essa!*

A escrava, já tremeliquenta por causa das fúrias do seu senhor, saiu esbaforida do quarto. Galiano, mais tarde, enviou um recado

³⁶ Feitiço.

³⁷ Casca da árvore do mesmo nome a que se atribuem propriedades afrodisíacas.

³⁸ Desejo, necessidade.

³⁹ Mestiça de preto e mulato.

⁴⁰ Senhora.

ao seu amigo António Jardim, mas não obteve qualquer resposta! Outro seguiu para Jesuíno, pois provavelmente ele saberia dizer-lhe coisas mais certas, dado que os seus conhecimentos sobre as tradições da terra eram aprofundados, mas... também não houve resposta! Só quando Galiano já desesperava, Jardim apareceu e encheu a sua cabeça de temores enquanto o corpo se desmanchava de tremores.

– *Não! Vade retro Jardim!*– gritou ele com os pulmões nas goelas. E começou a pensar que, afinal, aquele seu amigo era mesmo um medricas. Como poderia dar crédito a estes conselhos depois de lhe ter dado coragem nos entusiasmos costumeiros do Jesuíno?

– *Este Jardim mesmo!*– Ainda há pouco tempo, as palavras dele eram só ecos das palavras do Jesuíno, que ele devia avançar na garina, que ela jingava só de vipepes num macho como ele, que ela isto e aquilo.

Mas tudo mudou mesmo e Jardim começou a falar nos avessos, que era melhor não ir mais na Maianga, que aquilo lá estava a ficar perigoso... Enfim! O amigo António Jardim estava diferente e até punha as suas falas malembe-lembe⁴¹, como alguém quando sunga⁴² o pé em terreno lavrado.

Galiano, já cansado de tanto palavrório, puxou nos cimos seu italiano sangue e falou alto:

– *Agora que a minha boca provou o mel dos seus carnudos lábios... o corpo carece dos seus doces favos! Ó minha Milandinha! Minha musa do Bengo!*

Depois... Depois é o que se não sabe! O Capitão Galiano malucou-se nos amores da cafusa, mulher sabida nos filtros da paixão e nos segredos da noz de cola, e os factos foram passionando, inchando até acabar em sururus, makas e feridos, quase civilosa guerra nos muadiês do mesmo bairro. Aí o Governador teve que intervir e pacificar aquela parte da cidade. Naquela época, D. José não tinha achado graça nenhuma nessas makas que tinham

⁴¹ Lento, vagaroso.

⁴² Arrasta.

acabado com o seu pouco tempo de descanso. Mas tudo passou e ele acabou por sentir vontade de rir, quando lhe vieram à memória as desditas do emproado “Galinhoso”, que começando por ser um fugitivo de domésticas batalhas, acabou tendo por esconderijo uma cacimba⁴³ durante cinco dias, não fosse o prometido marido e a furiosa parentela da rapariga encontrá-lo.

– *O caso esteve mal parado, esteve! Mas, felizmente tudo acabou bem...* – murmurou o Governador, continuando a recordar-se das peripécias do Capitão Galinhoso. A rapariga lá acabou por se descomprometer do outro muadiê e resolveu se casar com ele. A festa foi grande e os desavindos se perdoaram... uma nova família nascia então nas terras de Loanda.

*
* *

Sempre que o Governador, se passeava na varanda do palácio para se refrescar nas brisas do fim-de-tarde, invariavelmente se questionava sobre a situação da administração angolense, mas acabava presa fácil da mangonhice⁴⁴, um dos ardis daquele morno clima. Ressentia-se muito com o calor e com a humidade que trazia a flutuar centenas de pequenos mas vorazes mosquitos. As suas picadelas eram como alfinetes zumbidores que não davam descanso. Era também o preço a pagar pelas passeatas que dava naquela varanda, com o objectivo de se refrescar um pouco na aragem que sempre vinha dos lados da Praia do Bispo. Isso ajudava-o a ganhar forças para poder pensar melhor. Assim, mais arejado e refrescado, ganhava novo ânimo e sentia que, afinal, ainda tinha algum tempo para moralizar a administração das sertanejas terras.

– *Tenho mesmo que pôr cobro a esta situação! Não posso tolerar por mais tempo as safadezas desses capitães-mores, mais interessados no lucro rápido e fácil do que no bem comum.*

⁴³ Poço.

⁴⁴ De Mangonha, preguiça.

Os falsos⁴⁵ que circulavam nos quintalões e sobrados de Loanda eram muitos e gordos. Toda a gente murmurava sobre as trocas e baldrocas e as bandidagens daqueles capitães do mato, como Luís de Miranda, que oprimia e vexava com escandalosas extorsões as gentes de Quinguengo e Nambuanguongo, a ponto de só lhes restar a dignidade na rebelião; sobre o mulato António José da Piedade, impiedoso na capianguice⁴⁶ dos cabedais e no roubo do alheio, sempre a progredir no terreno até chegar à posição de Capitão-Mor da Muxima, graças aos seus apoios na capital. As estórias eram seguidinhas, só casos e descasos nas lonjuras, pelos sertões em fora, sem ninguém para zangular⁴⁷ uma finta naqueles bandidos. Os planos deles architectavam-se sempre a coberto de malandragem, estratégias afinadas e refinadas, antigas já mas novas nos seus resultados. Antes de partirem para o interior, esses muadiês deixavam em Loanda os seus protectores e defensores; assim, sempre que chegavam notícias das suas safadezas, aí os tais protectores começavam logo a desbocar suas defesas, dizendo que eram somente falações de intriga, mujimbos só, falsos que estavam a lançar sobre os coitados, inocentes pessoas com reconhecido apego à causa pública; coitados, sujeitos assim a essas boatarias apenas devido a invejas. Municiados de tais defesas na capital, esses capitães faziam seus roubos descarados, e aí os gentios, matumbos⁴⁸ nas armadilhas aprendidas na cidade, desconseguiam de se defender.

O Governador, passarinhando no dia crepusculado já, sentou-se na mesinha de rota que se encontrava na varanda e, segurando com elegância uma pena, cujo aparo era mesmo de prata de Cambambe, começou a escrever num caderno grande encapado de couro e lavrado com ouro. Era necessário que as suas observações ficassem ali bem escritas e seguras, pois, mesmo que as não colocasse em prática no seu próprio tempo, talvez o pudesse fazer

⁴⁵ Boatos.

⁴⁶ Roubo.

⁴⁷ Pregar, aplicar.

⁴⁸ Do mato, provinciano.

o governador seguinte, que assim poderia ter uma governança bem mais consolidada. D. José já tinha feito os seus planos e parecia que tudo ia dar certo. As influências de sua família lá no Reino eram fortes e Sua Majestade ficara convencido de que seria melhor deixar o Governo de Angola continuar nos Vasconcellos de Mossamedes, na pessoa do seu primo-irmão, Manoel de Almeida e Vasconcellos. Ah!, como D. José punha os seus saberes nas letrinhas rococós que ia desenhando no caderninho que mais tarde seria oferecida no seu parente para ele saber governar melhor!... Deste modo, ia deixando os seus pensamentos se dissolverem na tinta que o aparo a raspinhar na pele seca do papel transformava em expressivas frases:

– *Esses infelizes negros nem conhecem o objecto de todo o mal e de toda a opressão que sofrem! De facto, assim mais não há para os naturais da terra do que dois caminhos: o primeiro, de se rebelarem e de se subtraírem à vassalagem da Coroa Portuguesa; o segundo, de buscarem o comércio com os estrangeiros pois assim poderão achar mais liberdade na compra e venda dos produtos.*

O Barão pousou a pena que tinha sido dum pato apenas e aconchegou no peito a pena d’outros patos que estavam a ser depenados lá para as profundezas do sertão. Os seus pensamentos viraram solilóquias falas, e pensou que tinha que descobrir a maneira de acabar, ou talvez minorar, essa tal melindrosa situação:

– *É isso mesmo, o Regimento!*– Sim!, era necessário voltar a ler esse documento, antigo e esburacado pelos bichos do papel mas sempre actual. Voltando-se para o seu secretário que ali aguardava já há algum tempo para o que desse e viesse, o Governador ordenou:

– *Vá depressa ao Arquivo buscar o Regimento do Governador Tristão da Cunha!*– e reparando que o secretário se encontrava a cochilar, gritou– *Vamos lá! Acorde, seu dorminhoco, vá ao Arquivo num pé e venha no outro!*

Meio azuelado⁴⁹, lá foi o secretário, um olho aberto o outro só meio, tropeça aqui escorrega ali, até se desvanecer nos escuros

⁴⁹ Aparvalhado.

dos corredores do palácio. Quando voltou, deu encontro num Governador furioso nas suas demoras.

– *Então! Estava a ver que esse documento não era para hoje! Nem parece o herói de Cabinda! Com tanta lentidão, não admira que o tal forte ainda hoje esteja por acabar*– ironizou o mal humorado governador. Foi uma bicada na vaidade de Joaquim da Silva, o qual teve muita dificuldade em desenovelar-se das vénias que acabara de fazer. Recompuesto, pediu mil desculpas pelo atraso e, quando ia começar a falar, D. José deu-lhe a entender que não queria ouvir as suas estórias sobre os cabindenses desaires e pediu-lhe o documento. Pegou com jeito o famoso Regimento, puidinho do correr dos tempos sobre ele, desdobrou-o com devagares e começou a ler: “... sobre a entrada no Sertão de Gentes perniciosas debaixo do nome de Negociantes [...] se prohibio de hirem Homens Brancos ao Resgate do Sertão, pelas injustiças que faziam nas Terras por onde passavam, recebendo dos Governadores, *por interesse*, huma insígnia de Capitam, para vexarem os Povos mais a seu alvo; tomando sobre si grande quantidade de Fazendas; violentando os povos a lhas comprar, e a dar-lhes Carregadores para elas, e sustento para os Escravos; mandando Negros aos Caminhos a atravessar os Escravos, que vinham para as Feiras; o que deu occasião a que os Mercadores Negros se levantassem, e se mudassem para outras partes, afim de se livrarem das vexações que lhes faziam os Brancos, com gravíssimo prejuizo do Commercio: E que por estes motivos, se não devia permitir por modo algum, que Homens Brancos, nem Pardos passassem ao Pombo; e que se mandásse publicar esta defença nas partes publicas, e nos Prezídios, como também registá-la na Camera, e Livros de Fazenda”. O Regimento estava datado dos idos de 1666 e D. José gostou dos seus conteúdos.

– *De facto, se melhor regimentou, pior agiu o Governador Tristão da Cunha. Diz-nos a história que os acontecimentos que se seguiram foram de tal gravidade que de pouco serviu tão meritória legislação* – observou o Governador.

Na verdade, a Tristão da Cunha faltou o tempo de passar dos carreirinhos da escrita para a estrada da acção, pois tinha conseguido de estar no poder mais do que cinco mesinhos só.

*
* *

Completamente perdido na confusão, Tristão da Cunha teve que embarcar apressadamente devido ao motim levantado por grande parte dos moradores aos quais logo se haviam juntado os soldados da Guarnição da cidade de Loanda. Naquela húmida noite, os soldados de infantaria que eram, na sua maioria, portugueses do Reino e do Brasil, se postaram na encosta das Ingombotas, junto mesmo à ermadinha de Santa Maria Madalena, e aí, entrincheirados como furões se aprontaram nos ataques e nas grossas makas. Vendo tal desalvoroço, o Governador Tristão mandou tocar caixas a recolher, mas os amotinados não se recolheram nem se encolheram e poucos foram os infantes que chegaram na praça para defender o Governador. Por isso teve Sua Excelência que fugir e se esconder no Forte de S. Miguel. Chegando ali, viu que o tal Forte, de forte nada tinha, antes deveria chamar-se de Fraco só, pois o tempo e a chuva o tinham esburacado todo, fazendo dele o melhor dos convites a um qualquer inimigo. Logo aí o Governador percebeu que não tinha apoios. Foi então que o ex-capitão da Fortaleza de Cambambe, Francisco Soto Maior, assumiu o Governo e intimou o tristonho Tristão a depor as poucas armas e a abandonar a cidade. E assim foi feito. Um barco saiu vagarento da baía de Loanda rumo a Pernambuco, perseguido pelos conjuros e pelas gargalhadas dum misterioso frade capuchinho que saltaricava de pedra em rocha lá nas bandas do porto, enquanto gritava por todas as goelas:

– *Eu bem vos disse, D. Tristão, que não iria tardar o dia em que o cavalo que vos trouxe vos tornaria a levar!... Ha-ha-ha-ha-ha-!!!*

E as fradescas gargalhadas seguiram D. Tristão até brasileiras terras. As ondas e as marés ecoaram nos ouvidos do Rei de Portugal, lá mesmo em Lisboa. Confundido, Sua Alteza exigiu explicações sobre o significado das tais gargalhadas que o Tejo trouxera já transformadas em fraquinhos risos de tanto atlantizar pra lá e pra cá. Mas os kimbandistas do Puto⁵⁰ eram pouco experientes e

⁵⁰ Curandeiros (Kimbandas, kimbandistas) de Portugal (Puto).

desconseguiram de interpretar o barulho das águas e de descobrir os porquês das gargalhadas. Conseguiram saber apenas que a origem se encontrava em Loanda, mas mais nada. Daí o Muene Puto ter emitido ordens para que o Governo daquele país lhe mandasse informações exactas sobre o sucedido. A ordem chegou tarde num barco lento e enjoado pelos abanicos do velho Adamastor. Quem ficou feliz com a oportunidade de contar tais casos a Sua Alteza, foi mesmo o Ouvidor Geral de Loanda, João Lopes Tinoco. Logo-logo procurou a sua velha e destintada pena, cuspinhou na ponta do ferrugento aparo pois a coitada ia ter dificuldade no arranque e depois começou a mucandar⁷⁴. Esse Ouvidor mesmo, seu ouvidinho de tanto se escancarar nos casos tinha deixado escapar algum tino e oco já estava dos tutanos da memória. Mas lá conseguiu manuscruver a carta para o seu Soberano e dos mal acontecidos deu conta em mucanda datada do dia 6 de Setembro de 1667.

*
* *

Após ter terminado a leitura do carcomido Regimento, O Barão de Mossamedes dispôs-se a ler essa carta que o Ouvidor-Geral de Loanda, nos idos de 1667, tinha escrito sobre os acontecimentos que tantos dissabores tinham causado ao Governador Tristão da Cunha. Esta tinha chegado às suas mãos juntamente com outras informações importantes, quando ele se preparava para assumir o Governo do Reino de Angola e Suas Conquistas.

– Foi bom ter sabido pormenores sobre esse motim. Apesar de ter acontecido no século passado, põe-se de novo a mesma situação... como se, de facto, as coisas neste país mudassem tão lentamente como a formação das rochas. Assim, fico alerta para o que der e vier, quando tentar, mais uma vez, pôr em prática algumas das medidas preconizadas no célebre Regimento de Tristão da Cunha.

⁵¹ De mukanda (carta); escrever uma carta.

O meditabundo Governador começou então a ouvir um ruído que lhe chegava dos lados do porto. Prestou mais atenção e... iria jurar que vinham nos braços do vento as históricas gargalhadas do frade capuchinho que tanto tinham perseguido o triste governador Tristão...

– Estou tão cansado que até já oiço coisas!... Vou é deitar-me, pois amanhã há muito trabalho para despachar.

Entrou no seu quarto e foi deitar o seu cansaço na alcova de dossel, onde a baronesa já há muito tempo o esperava. Naquele dia tinha tido alguns desaires com a família de uma das suas meninas e queria desabafar com o seu marido. Mas logo percebeu que ele estava estafado demais para ouvir os seus problemas. Aliás, começava também a estar cansada das questões que enchiam a cabeça do governador, deixando-o com pouca disposição para ser marido só. Um pouco zombeteira, ainda perguntou por que razão o seu esposo tinha deixado de lhe dizer, pelas manhãs, que ela estava linda... com os olhos a brilhar como estrelas. Mal tinha concluído a frase, começou a sentir a respiração pesada de seu marido. Suspirou desiludida, virou-se para o outro lado da cama mas teve muita dificuldade em conciliar o sono. Não somente as agulhas da irritação a impediam de sossegar como o ressonar do seu companheiro fazia o tempo mais pesado e lento no seu correr. E assim se ia avolumando no seu peito uma pressão que quase a sufocava. Levantou-se de um pulo e gritou alto o seu afrontamento. D. José, estremunhado, levantou-se com o susto a desorbitar-lhe os olhos e a desfazer-lhe os sonhos.

– Onde estão? Onde estão esses sertanejos?– perguntava alterado, confundindo-se ainda nas brumas do sonho. Mas logo percebendo que sua mulher precisava de ajuda se acercou dela e a abraçou tentando acalmá-la.

– José, temo não ter forças para me aguentar por muito tempo nesta terra. Peço-lhe que comece a pensar no nosso regresso ao Reino...

Após ter acalmado a baronesa sua mulher, dizendo-lhe que se iria esforçar por lhe dar mais atenção e até propor superiormente o seu regresso antecipado, o Governador voltou a deitar-se, não

sem antes ter resmungado para si mesmo que ainda era muito cedo para se regressar ao Reino. Havia ainda decisões muito importantes a tomar.

No dia seguinte, logo pela manhã, sentindo-se mais forte e mais fresco porque o calor não se fazia sentir em demasia, preparou-se para uma trabalhosa operação: voltar a ler a Carta Régia de 19 de Novembro de 1761, através da qual se determinava aos Governadores e Capitães-Generais de Angola “o modo, e a forma de se proverem as Capitánias Mores dos Prezídios, em Sugeitos capazes daqueles importantes Empregos, por meio de Propostas dos mesmos Governadores, feitas ao Conselho Ultramarino, e de Consultas, que subissem à Real Prezença...”. Assim, preto no branco, se percebia que o branco teria que começar a ter mais cuidado com os seus abusos sobre o preto e que os Governadores deviam prover as Capitánias-Mor dos Presídios em pessoas idóneas. D. José suspirou fundo e pensou que não poderia perder mais tempo sem tomar algumas das decisões que há tantos anos já aguardavam para serem postas em prática. Eram urgentes medidas acertadas que moralizassem a administração do País. Decidido, pegou de novo na sua pena e começou a escrever os nomes dos novos Capitães-Mor que deviam ir para as diversas capitánias do sertão.

Capítulo III

“A rota de Benguela tornou-se nossa conhecida, por via do sal marinho que Luanda consumia [...] assim também como kauris, pontas de marfim e escravos, em troca de farinha de mandioca e produtos importados.”

(José Carlos Venâncio— *A Economia de Luanda e Hinterland no Século XVIII*. Lisboa: Ed. Estampa, 1996)

As claras ideias de António Jardim tinham ficado mais escuras, não deixando enxergar direito se os novos caminhos eram bons, se eram maus ou coisa nenhuma. Habitado nas vidas de Loanda, tudo misturado de cores e sabores, de makas e prazeres, o Capitão começava a sentir-se desconvenido de que ir nas sulinas terras era uma boa opção. Ali, naquela cidade de S. Paulo da Assumpção de Loanda, s'encalorara de amores e se cacimbara de desamores, lhe tinham dado a saborear os prazeres e os amargos das nozes de cola que vinham das montanhas do Cazengo, as inteirinhas a demonstrar afecto, as que apresentavam menos um bocadinho na parte de cima a significar amor novo, as que se mostravam sem um bocadinho tirado com os dentes a querer dizer amor ilícito. De quase tudo tinha experimentado naquela terra dissoluta, vestida nos cerimoniais e desnudada nos prazeres. Enfim!, tanta coisa interessante lhe acontecera naquela cidade de costumes brasileiros plasmados nos angolenses, com festas sempre a despontar nas auroras de cada um ou nos crepúsculos de cada qual. Até nos óbitos se varriam as cinzas da morte para que pudesse emergir a vida, festejada em terreno limpo de tristeza, com beçanganas a esvoaçar os seus panos leves e a oferecer os seus quitutes de cola e gengibre, de jinguba e de cajú.

Afinal, como seria a vida lá nos confinados sertões de Benguela?

— *Humm! Não sei não... já me disseram que aquelas terras são bem mais doentias que Loanda. Para além de outros perigos...* — murmurava António Jardim. Mas uma coisa era certa. Teria que

abandonar em breve a capital. As ordens do Governador eram bem firmes nesse sentido e, para além disso, haviam-no graduado no posto de Capitão-Mor da Huíla. Ora, tal promoção não podia deixar de ser uma honra irrecusável!!

Tinha sido o próprio comandante da Fortaleza de S. Miguel a indicá-lo como sendo um bom candidato àquele posto. Considerava-o detentor de um perfil ajustado ao referido papel. Era um oficial experiente, prudente e conhecedor já de alguns costumes do país. Para acompanhá-lo seriam seleccionados alguns dos menos adoentados soldados da Fortaleza.

Aproveitando a Expedição que, naquela altura, se estava a preparar para ir até às sulinas terras de Angra do Negro, logo foi despachado o novo Capitão-Mor da Huíla e o seu pequeno exército de cinco soldados. Mas antes, entenderam por bem que o oficial se preparasse para melhor enfrentar o seu destino e mandaram-no estudar alguns documentos que se encontravam guardados nos Arquivos do Palácio, onde teria a ajuda do Secretário do Governo, o incontornável Joaquim José da Silva. Foi o que fez, após terminar os preparativos mais urgentes para a viagem. Chegado ao Arquivo, foi recebido por Joaquim José que de imediato o começou a industrializar sobre a importância da informação contida em alguns documentos e lhe foi dando conta do zelo manifestado por Sua Excelência o General e Governador – títulos que ao serem pronunciados eram logo de seguida ornamentados de respeitosas vénias pelo palaciano secretário – em estender a sua contemplação aos distritos e conquistas daquele Reino, cujo comércio andava perturbado no interior devido ao saque e rapina de assaltantes sobre os sertanejos e feirantes.

– *Pois, sabe-se que Vossemecê teve de enfrentar muitos perigos em Cabinda, quando lá esteve há dois anos atrás! E segundo consta, nem tudo correu como estava previsto...* – foi dizendo com alguma ironia Jardim, já enfadado com os modos untuosos do secretário. Este, sorrindo a disfarçar algum embaraço, lá foi dizendo que a culpa tinha sido da falta de diplomacia dos portugueses e do apoio que o Governo Interino lhe havia retirado quando mais falta se fazia sentir. Depois, para demonstrar a Jardim que os tempos menos

favoráveis já se encontravam longe e que a vontade do Governador actual era bem mais firme, foi dizendo:

– Mas daqui para diante tudo será diferente! Já não temos no palácio um Governo interino e débil, mas um homem decidido como é Sua Excelência o Barão de Mossamedes. O nosso Governador acha (e muito bem!) – sublinhou o inefável secretário – que é indispensável ocupar alguns portos da costa para que se avive nela o nosso domínio e, simultaneamente, nos compense da perda de Cabinda, orçada em mais de 500 mil cruzados.

Chegado aqui, Joaquim José da Silva levantou-se muito direito, deu duas enfatuadas voltas em redor da mesa onde se encontravam os documentos a consultar, e continuou nas suas explicações de “alta política”, como gostava de dizer. Ele, e também Sua Excelência o Senhor General e Ilustríssimo Governador, achavam que a animação dos portos da costa sul, pelos portugueses, equilibraria os lucros que as “nasçoins do norte, particularmente a França, colhião do tratto da nossa abandonada costa”.

– É, de facto, a costa de Benguela que nos poderá manter um comércio mais lucrativo, pela quantidade de marfim, cera e boa qualidade de escravos que ali se encontra.

Enquanto Joaquim José da Silva tentava demonstrar o seu fino tacto político e apurado faro comercial, António Jardim ia prestando a maior atenção aos documentos que se encontravam na mesa. Um deles, não muito antigo, viria a demonstrar-se importante, dado que era dos poucos que continha informações exactas sobre as sertanejas terras ao sul de Benguela. De início pouco atraído por aquela papelada carcomida pela humidade e pelo bicho, logo foi ganhando interesse e acabou folheando um documento sobre o qual haviam apostado um carimbo com um “SECRETO” a vermelho. Com a curiosidade espicaçada, chegou-o mais para si e viu que se tratava de um documento enviado da Huíla, havia perto de quinze anos.

O secretário Joaquim José, apercebendo-se do interesse que o documento despertara em Jardim, aproximou-se, colou o olhar no dito e, de dedo em riste, predispôs-se a perorar sobre o assunto. Só que Jardim, já não conseguindo suportar o falatório ininterrupto

do outro, resolveu ignorá-lo, prestando toda a sua atenção ao documento. Aos poucos quase deixou de ouvir o palavreado do secretário, que se transformara num longínquo zumbido, extinguindo-se aos poucos. Leu e releu com atenção redobrada para garantir o silêncio que havia conseguido impor à voz do secretário. Tratava-se de um relatório de viagem, escrito de forma pouco legível por um desconhecido sertanejo, no qual se tropeçava muitas vezes nos desvãos da frase ou no vazio das letras, fazendo com que o leitor amiudadas vezes tivesse que voltar atrás na leitura da "Relaçam da Viagem que fez Joam Pillarte da Silva às Prayas dos Macorocas. Huilla, 9 de Setembro de 1770."

– *Ainda será vivo esse tal João Pilarte? Se for, talvez um dia o venha a encontrar lá pelos sertões de Benguela, ou até mesmo na Huíla, quem sabe!...* – murmurou António Jardim, terminada a leitura da secreta mukanda. Despediu-se de Joaquim José, retirou-se vagarosamente da sala dos arquivos do Palácio e rumou para o exterior. Quando se encontrou na rua, respirou fundo, agarrou melhor a pasta que continha os preciosos apontamentos sobre a viagem de João Pilarte e tomou a direcção de sua casa.

Absorto, sentia que nem se estava a despedir direito da sua cidade. Um pressentimento lhe dizia que não seria fácil voltar a Loanda e isso deixava a tristeza xingar-lhe o juízo e até ficar com vontade de renovar apoios no seu amigo Jesuíno Campos. Talvez ele lhe pudesse arranjar um sítio discreto para ele permanecer até ser esquecido e arranjam outro para ir no seu lugar. Mas logo os seus brios de militar lhe viangavam¹ remorsos por virar fraquitolas nos desafios do futuro e então mudava de atitude. Dizia para si mesmo que era bem melhor que o tempo passasse depressa para iniciar logo a grande viagem para o Sul.

E foi assim que, passados quinze longos dias daquele mês de Maio de 1785, o novo Capitão-Mor da Huíla, António Rodrigues Jardim, entrou na fragata "Loanda", na companhia do Tenente-Coronel Pinheiro Furtado, chefe da Expedição que tinha por destino a longínqua Angra do Negro. Sem poder esconder completamente

¹ Fintavam.

a sua tristeza por abandonar Loanda, tentou distrair-se com o que via e com o que imaginava. Quando fixou o olhar no Tenente-Coronel Pinheiro foi levado a compará-lo com a proa do navio. Sorriu, ao perceber a razão por que se dizia "emproado" quando alguém era mais alto que o próprio corpo. De facto, a proa dum barco é sempre mais alta que o próprio barco... e era mesmo assim aquele Pinheiro cambuta,² com a coluna vertebral sempre esticada no máximo dos seus elásticos e a bigodeira comprida e revirada como dois cornos de orgulhoso touro ribatejano. Apesar disso, não deixava de ser simpático, o oficial-comandante e, sobretudo, impunha respeito à tripulação e mostrava firmeza nas decisões.

Quanto aos planos, eram os seguintes: a partir de Benguela, o Tenente-Coronel chefiaria a expedição até Angra do Negro; de Loanda até Benguela fariam escala em Novo Redondo para fazerem aguada e ali deixarem mercadoria. Em Benguela ficaria António Jardim para, de seguida, se integrar na expedição que, por terra, seguiria também até Angra do Negro, como era conhecido pelos europeus o Mussungu Bitoto. Ali se encontrariam todos e para isso acontecer tinha que ficar tudo muito bem calculado e planeado. A expedição terrestre seria comandada pelo Sargento-Mor Gregório Mendes, morador em Benguela e homem de muita experiência no sertão. António Jardim aproveitaria essa viagem para, com mais segurança e menos perda de tempo, se aproximar do Planalto da Huíla e chegar ao seu destino.

*
* * *

Loanda alvoroçava-se: mas porquê então toda essa azáfama, expedições que iam por mar mais caravanas que iam por terra, mais isto e mais aquele outro? Aí as explicações circulavam, vagarentas umas, mais rápidas outras. Mas porquê então essas correrias agora? Respondiam alguns:

– *Os portugueses começaram a ficar curiosos e desconfiados nos movimentos de estrangeiros, franceses e ingleses abusados já*

² Baixo.

nas constantes visitas nas angolenses costas, cadavez o andarinhar deles naqueles lados é mesmo espionagem interesseira. Por isso eles precisam lhes mostrar que aquelas são terras avassaladas no Muene Puto, senão qualquer dia os fidamães dos estranjas lhes vão capiangular as ditas para ficarem no império deles.

Diziam outros:

– Isso é só mesmo guerra de cuáta cuáta³! O que lhes interessa são mesmo as cabecinhas⁴, músculos rijos e fortes pra vender nas brasileiras terras. Então esse tal de sulino sertão onde querem ir não era mesmo Angra do Negro, ou dos Escravos, tanto faz?!

Certo ou errado, os mujimbos estavam a sair atoamente ou então a verdade deambulava disfarçada. Mas o Barão Governador não dava muito as suas orelhas nesses diz que fala. Recente no Governo do País e com alguma falta de experiência, logo-logo começou a sentir necessidade de ir no encontro dos desafios criados noutras épocas e por gente sabedora. Os problemas eram os mesmos e também as soluções podiam ser as mesmas. De facto, ele tinha conhecimento de que poderia colher alguns bons ensinamentos de um seu colega anterior, o tal e famoso Dom Francisco Inocência de Souza Coutinho, justamente considerado o grão-sabichão dos governadores, pois sempre tivera ideias brilhantes a farolínarem-lhe os rumos da sua governosa acção. O Governador entendia que era bom estudar algumas ideias do seu antigo colega e seguir-lhe alguns caminhos. Sereno, não ligava muito no chacoteiro palavreado de quem não gostava dele, de quem murmurava só:

– Hiii!, esse Governador mesmo, suas próprias ideias onde estão?

Mas ele não se importava, se sentia um homem de Estado e por isso não achava mal seguir ideias impropriamente suas que sabia serem boas. Assim, começou no estuda-que-estuda os velhos canhenhos de apontamentos, mais as leis que tinham sido publicadas mas seguidamente esquecidas. Esse Dom Francisco Inocência tinha sido mesmo um homem inteligente e trabalhador, nunca parando quieto nos seus sempre novos projectos, investiga isto e

³ Agarra agarra! Alusivo ao agarrar pessoas para a escravatura.

⁴ Escravos.

aquilo, explora minas de ferro em Nova Oeiras, procura pedras verdes na Serra do Bende porque escondem cobre, também minas de prata em Cambambe, de breu no Libongo e de enxofre em Benguela. Os brilhos da riqueza faiscavam tanto que levava os muadiês mais sabidos a exclamar:

– *Sukuá! Mesmo esse Dom Francisco Inocência, inocência era mesmo só o nome! Sabia tudo o que era mina e preciosos metais, companhias de comércio luso-afro-asiáticas, pescas, maxilas e quibucas, agricultura e climas! Sim senhor! Muito vivo esse Governador, aristocrata sim mas parvo era o vizinho que não saiu cavaleiro mercador!*

De facto, os brilhos dos preciosos metais sempre tinham atraído Dom Francisco, daí os seus interesses nas descobertas dos sertões de Benguela e no trajecto do Rio Cunene, pois seria provável encontrar-se através dele uma ligação às Índicas paragens, onde se espraiam os Rios de Sena, nas distantes terras do Muene Mutapa⁵. Dessas longínquas terras chegavam as notícias de ouro em maiores quantidades e, no falar meio-brasileiro das gentes de Loanda, se dizia com jocosos risos:

– *Humm! Se os portugues não vão condepressa, os estranjas viram já capianguistas no ourinho de Dom Francisco Inocência!*

E a cabeça ocupada do novo Governador recebeu a visita do velho, sempre vivo e irrequieto. Na verdade, Dom Francisco Inocência desconseguia ficar parado na mangonha ou espojado só nos triclinios do Palácio. Com tanta agitação, na sua cabeleira os caracóis sempre se desencaracolavam e o pó se desempoeirinhava e caía no chão dos corredores onde seus passos desenhavam caminhos de lá pra cá e de cá pra lá. Alguns calús⁶ palacianos quando passavam nos corredores e os viam assim empoeirinhados, exclamavam que era com muita pena que viam aquele desperdício de pozinho macio, bom mesmo para um maior deslizamento dos passos da gaviota⁷.

⁵ Senhor (Rei) das terras de Mutapa, na costa oriental africana.

⁶ Abreviatura de Caluanda, habitante de Luanda.

⁷ De "Gavota", dança de salão muito em voga no século XVIII.

Mas Dom Francisco Inocência era avesso nas farras todas, tanto na gavota como no minueto e no passa-o-pé, mesmo quando as damas lhe sorriam vontades de enlaçamentos e volteios pelos salões do Palácio de Loanda. O seu tempo estava todo ele ocupado com a Administração do País, *sualála*⁸ no norte, *sualála* no sul, se de um lado eram as minas e os negócios, do outro era a paixão das leis, sempre a criar e a publicar novas, a ponto de se dizer que o papel e a tinta faltavam em Loanda por causa dessa fartura legislativa. Cada dia cada lei, cada lei cada dia, e assim o Governador se perdia todo o santo dia na redacção dos seus ofícios, regimentos e bandos. Fora assim que bandeara logo um, no dia 23 de Setembro de 1768, sobre a criação de algumas povoações no longínquo sertão. Da escrita passara à acção e, sem mais delongas, Dom Francisco Inocência ordenou ao Capitão-Mor de Benguela que chamasse à sua presença o Ouvidor, os zeladores do bem comum e os melhores e mais seguros negociantes do sertão, com o objectivo de elaborar, em primeiro lugar, uma lista de todos os habitantes que por ali faziam a sua vida, escolher os mais experientes e capazes de unir e juntar as pessoas que até ali se encontravam discordes e separadas, para que assim se pudessem formar povoações nos lugares que o dito chefe indicasse, nunca sem que ali vivessem, nada menos do que vinte brancos, e que as primeiras fossem criadas nas terras da Huíla, Quipungo, Bié, Cutato, Galangue Grande, Invangando, Benguela-a-Velha e Gunza Cabolo.

Mas não conseguindo ficar totalmente satisfeito, o Governador resolvera ainda preparar mais qualquer coisa que desse continuidade àquela iniciativa. Pesasse embora o adiantado da hora, as pálpebras continuavam a viangar o sono e a noite mostrava-se leve nas suas alquebradas costas; e como já não conseguia ler os romances de cavalaria que antigamente lhe traziam a sonolência que antecede o merecido descanso, preferia agora a leitura das lezinhas que ia matutando e fazendo. Gostava muito delas, como

⁸ Mexer-se muito, como o *salalé* (térmite), também conhecida por formiga branca voadora.

se gosta de cartas de amor... Aí Inocêncio! Num canto sim... é Ofício; num canto não... é só Aviso! Escolhido o primeiro, lia devagarinho, como se fosse uma canção de ninar:

– *“Para o Ex.mo Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado seguem as providências que dei aos largos e úteis Sertões de Benguela, e Povoações que estabeleci, e dei novos nomes como de Terras de Portugal. Sam Paulo de Ass.am de Loanda, a 18 de 8.bro de 1769”.*

Amolecido no embalo da leitura, a espartina foi adormecendo e o sono acordou o onírico langor de Dom Francisco Inocêncio. No outro dia, quando a manhã chegou, já muitas terras sertanejas tinham acordado nos seus lusitanos nomes e entre elas, a povoação da Huíla que a margem esquerda do Rio Lupolo guardava: o seu gentio nome tinha mudado para Alba Nova.

Quase vinte anos depois, D. José de Vasconcellos, Barão de Mossamedes e Capitão-General do Reino de Angola e Suas Conquistas, com vontade de realizar os bonitos sonhos de Dom Francisco Inocêncio, mandou que se explorassem os sertões de Benguela e tratou de enviar novas chefias para as povoações que o seu velho e celebrado colega tinha fundado. A 25 de Junho de 1785, feliz por ter conseguido que o primeiro dos “seus” Capitães-Mores tivesse já seguido viagem para o Sul, escrevia para Lisboa a dar conhecimento ao Ministro Martinho de Melo e Castro, de que havia deliberado *“fazer a exploração de Cabo Negro, que Deos queira felicitar, abençoando a efficacia com que o imprehendy pr. Mar, e pr. Terra, pois se não podia contar em estabelecimento na Costa, ignorando o Certão, que lhe corresponde, e sem prever os meynos da subsistência”.*

*
* *

O recém-empossado Capitão-Mor da Huíla, António Rodrigues Jardim, começou a ouvir os ais daquela fragata gemeabunda que começava já afastar-se da baía de Loanda, deixando um rasto espumoso que, aumentando, aumentava nele a tristeza de deixar aquela

cidade que já sentia como sua. Como iria ele adaptar-se aos confi-
nosos sertões, ele que não era comerciante ou caçador de escravos?

O tempo correu, mangonheiro, e assim se passou um mês, sempre com o mar a engolir a vista. A viagem de navio até Benguela não tinha sido má de todo, pese embora alguns soluços saídos das várias bocas abertas na velhice da embarcação, os finalmentes a lhe tocaiarem⁹ na curva da molhada vida. Quando lhe abanicou uma pequena tempestade próxima do Golfo da Guiné, aí o Capitão Jardim se apavorou nos seus antigos receios, cadavez a Huíla estava mais longe e o óbito era ali mesmo no fundo do mar, sem o animado kombaritócue¹⁰ a que já vinha habituado dos meios luandinos. Mas a tempestade foi desfalecendo e Jardim começou a matutar que, provavelmente, tinha sido traição dos nervos por não estar treinado nas viagens de barco. Nos últimos anos, só a tipóia¹¹ o tinha levado em outras e próximas terras.

Dia sete de Junho chegaram a Novo Redondo, tendo desembarcado abastecimentos e quatro peças de fogo de nove milímetros para o presídio. Por ali ficaram seis dias de pasmaceira até que reiniciaram a viagem, chegando a Benguela no segundo dia do mês de Julho, onde a expedição se dividiria: uns iam por terra outros por mar. Rapidamente descarregaram os diversos materiais e abastecimentos, fizeram aguada e apresentaram cumprimentos às autoridades da terra. Durante alguns dias reuniram-se com o morador Gregório Mendes para melhor serem apreciados os pormenores da viagem e como se iam dar encontro lá nos longes do sertão, os que iam por marítimos caminhos e os que a caminhar iam por terrestres vias. Com tudo já nos devidos preparos, a fragata continuou sua viagem. Todos pediram a Deus que os protegesse nas viagens e lhes garantisse o êxito da missão, permitindo que chegassem ao mesmo tempo lá na distante Angra do Negro. António Jardim e os soldados que o acompanhavam desembarcaram também, para ali aguardarem pelos preparativos da expedição por

⁹ De tocaia, espera, cilada.

¹⁰ Lit. Varrer das Cinzas; exéquias funerárias.

¹¹ Meio de transporte, liteira.

terra que iriam acompanhar até o mais perto possível do Planalto da Huíla, seu destino final.

O Capitão-Mor da Huíla foi então acolhido com simpatia e hospitalidade pelo mais importante, ou pelo menos, mais conhecido morador da povoação de Benguela, o Sargento-Mor da Ordenança, Gregório José Mendes. Ficou hospedado na sua residência, um sobrado¹² grande de adobe, fresquinho na sua cobertura de colmo bem arranjado e aparado, que até lhe fez lembrar as casas de Santana, lá na sua perdida ilha da Madeira. Esse capinzal no tecto das casas emprestava-lhes muita frescura durante o dia e o calor conseguia derreter as forças de qualquer mortal, ao mesmo tempo que de noite ficavam igualmente mais frescas, permitindo um sono mais regalado.

Quanto aos soldados, foram aquartelados no fortim, decadente nas suas paredes de adobe envelhecido, mas onde tremelicava fraquinha na força do vento uma também velha bandeira portuguesa. Um dos soldados, já meio entontecido pela viagem e pelo sol que havia apanhado, olhou a bandeira, passou revista ao seu uniforme e pensou mais com as casas do que com os seus já raros botões:

– *Aquela bandeira está quase como o meu dólman, bem esburacadinha!... Mas, não interessa!, gosto dela mesmo assim.* – e salmodiou:

– *Terra, Farda e Bandeira mesmo pobrezinhas devem ser respeitadas pela vida inteira!*

Cheio de orgulho delirante pela justeza dos seus pensamentos, o soldado perfilou-se e fez uma solene continência à bandeira. Depois, executada uma solitária meia-volta-volver, imaginou um cornetim a fazer soar o toque a recolher, colocou-se na posição de descanso e logo de seguida destroçou, afastando-se do local em ziguezagues para fugir aos inúmeros buracos que por ali havia. Foi um deles, semi-tapado por um arbusto, que acolheu a sua perna mais afoita. Estatelando-se no chão quando menos esperava, o soldado só deu pela presença de alguns camaradas e mais gente, quando pretendia levantar-se, após ter gritado a dor que sentira no joelho ao embater

¹² Casa de dois pisos.

numa pedra. Mas não se deu por achado e, à pergunta dos observadores se estava bem, iniciou um estranho rastejar que o cobria de uma nuvem espessa de poeira, respondendo:

– *Um soldado de Sua Majestade não pode esmorecer nos seus exercícios de combate!*

À medida que rastejava mais, uma autêntica tempestade de poeira se foi erguendo, chegando mesmo a ameaçar os pulmões desprevenidos dos boquiabertos mirones.

– *Da nossa condição física dependerá muito o sucesso das nossas campanhas!* – ainda se ouviu dizer, antes de um buraco maior o acolher de borco, reduzido que ficou ao silêncio de um desmaio, o corajoso soldado. Quando o Capitão-Mor da Huíla foi posto ao corrente dos acontecimentos, ficou preocupado com a qualidade do seu exército e expediu ordens no sentido de descansarem o mais possível antes da partida para a grande viagem. Solicitou até que o único boticário que havia na cidade fizesse uma vistoria aos seus soldados.

António Jardim sentia-se bem na simpática companhia de Gregório Mendes e de sua numerosa família. O tempo ia passando ronceiro e, de quando em quando, os seus pensamentos deixavam-se voar até Loanda e perdiam-se por lá, nas festas animadas e bem recheadas de crioulas lindas e dengosas¹³, mais doces que os doces quitutes das nganas¹⁵, mais ajindungadas que o mezunguê¹⁴ da mãe do Jesuíno, mais inebriantes que as cascatas de jeribita.

– *Haa, Loanda, Loanda!!* – exclamava Jardim. Depois, sorrindo, ao lembrar-se do amigo deixado, parafraseava Jesuíno, tentando adocicar o sotaque à maneira do País:

– *Meu irmão! Depois de habituado nesta cidade um muadiê consegue mesmo de lh'esquecer. Bebeste a água do Bengo...*

Não deixou de continuar a sorrir ao pensar na força do destino... que tão bem o tinha defendido dos feitiços de Loanda. Os mesmos feitiços que tinham cangado o seu amigo Galiano! Mesmo assim, dava para perguntar a esse destino que forças tinha ele conjurado

¹³ Sensualidade.

¹⁴ Senhoras.

¹⁵ Caldo de peixe muito picante.

para o levar até ali, tão longe da sua adoptiva terra, malacompanhado de um punhado de enfraquecidos soldados, cujos objectivos não eram nada mais nada menos do que avassalar o Reino do poderoso Kanina!... O Capitão, perdido nos seus pensamentos, muxoxou já como os naturais muxoxavam, cuspinhou uma saliva no meio dos muxitos¹⁶ e foi andando até à casa do seu anfitrião. Agora só lhe restava aguardar alguns dias até a expedição estar pronta para ele poder internar-se no sertão. Sentia-se muito mais tranquilo por fazer aquela viagem em companhia de experimentados sertanejos. Ele nada conhecia daquelas terras onde tudo lhe era estranho: gente, costumes e língua. Ali não se falava a kimbunda língua que já conhecia bem dos tempos vividos em Loanda. Outra era a língua que se ouvia ali e outra ainda era a que se falava lá no Planalto. Isso lhe desagradava muito! Seria mais difícil o entendimento dos naturais do País.

– *Então, tudo a postos para a grande viagem?* – perguntou Gregório Mendes ao seu hóspede, fazendo tintilinar as esporas à medida que se ia aproximando. Era um homem alto e corpulento, de pele escurecida nas muitas horas passadas ao sol enquanto deambulava pelos matos. Os olhos, negros de profundidade, deixavam desafogado e visível um grande poder de decisão. Sua terra natal era mesmo Benguela, criado já nas liberdades dos espaços que não terminavam logo ali no muro mais próximo ou no terreno e na casa do seu vizinho, como dizia o seu progenitor, com os olhos fixados nas lonjuras. Era lá que se fazia o funanço, esse comerciar pelos sertões no qual seu pai, Juvenal Mendes, o “Pacação”, se tornara conhecido nos seus atrevimentos, nas suas audácias e espertezas entre o gentio. Em Portugal, lá nos cus de judas de atrás dos montes, ele tinha sacholado um mau vizinho, acreditando que o desinfeliz não ia mais envenenar o ar que respiravam os dois, isto é, tinha-lhe matado mesmo por causa da falta d’água no seu alguidarzinho de terra que o matado, enquanto vivo, sempre desviava. Daí a prisão e, mais tarde, o degredo que o esperava em Angola. Primeiro o peito se encheu de soluços secos na falta do choro que ele já tinha esque-

¹⁶ Mato, arbustos.

cido havia muito tempo, porque alguém lhe tinha dito que Angola era mesmo cemitério de brancos, onde nem os ossinhos se aproveitavam quanto mais a alma do falecido. Tudo lá era corroído na formiga kissonde¹⁷ que toda a gente sabia que era uma coisa ruim das Áfricas mesmo! Rezar nos falecidos, essas coisas de Dia de Finados, florzinhas na campa e etecétera e tal, nunca mais, tudo estaria terminado quando ele fosse para lá desterrado. Mendes-pai se aterrorizou nessas fantasmarias, ele que de homem nunca tinha medo... mas, de almas e outras coisas afins, disse sim, tinha terror até. Mas fazer o quê? A justiça tinha deliberado que ele iria para o degredo das Áfricas e, ponto final! Depois, quando chegou nas vastas terras de Mombaka, foi deslumbre na primeira vista. Gostou muito do que viu, os seus olhos se perdiam por todo o lado onde não havia ninguém a dizer que as terras eram suas, nem gente a dessobreviver num nico delas, onde a vida cadavez se podia medir pelo valor dum litro de água. Naquela terra de escravos, ele, um prisioneiro mesmo, soube o que era ser livre. Tinha chegado a Benguela como degredado e, por algum tempo, esteve detido no presídio até que terminasse a pena. Depois, graças à sua coragem e força física, depressa começou a trabalhar na agricultura, para se redimir dos velhos traumas, passando depois a viver do funanço¹⁸ e da caça. Vendia marfim, kauris e escravos aos comerciantes de Benguela, os quais, por sua vez, enviavam essas preciosas mercadorias para Loanda. Andou por tudo o quanto era mato, teve filhos e filhas de muitas e variadas raças e cores de mulher; de uma das mais fulas¹⁹, teve mesmo só um, Gregório.

Quando o menino nasceu um cuéle cantou toda a manhã nos cimos dum imbondeiro. Cuééé! Cuééé! Enquanto cantava, a sua poupinha toda ela se levantava, inda porque o tal pássaro queria dar qualquer sinal. O escravo velho Kahonga, que sabia muito de voz de pássaro, lhe leu na cantoria e depois disse:

– *Euê!, esse pássaro troçador tá mesmo a rir só na frente dele e aí quando esse menino crescer vai virar o maior caçador destes*

¹⁷ Formiga guerreira.

¹⁸ Comércio do sertão.

¹⁹ De pele clara.

matos. Esse passaroco já tá troçar nos outros, sempre mais fraquinhos nas suas caçadas.

E foi assim como o velho leu na voz do cuéle. Por ali cresceu Goriozinho e aprendeu os segredos dos bichos e dos homens que viviam com eles. Tudo soube com os outros menos com o próprio pai, sempre perdido nas lonjuras até ao dia que não voltou nunca mais. Alguém depois contou que ele tinha sido morto numa guerra preta havida para os lados dos Gambos. Mas Gregório nunca chegou a saber ao certo como ele tinha morrido...

Também como o pai, Gregório Mendes se dedicou aos funanços, oferecendo o peito forte e generoso às graças e desgraças de sertanejo. Escravos, marfim, kauris e sal eram as mercadorias que criavam riqueza depois de expedidas de Benguela para Loanda.

– *Sim! Penso que já tenho tudo preparado. E quantos dias vamos levar até chegar à Huila?* – indagou António Jardim, enquanto verificava se a cartucheira estava ou não bem fornecida.

– *Bem, se tudo correr sem problemas, levaremos mais de um mês na certa. Teremos que ter sempre em conta a viagem do Tenente-Coronel Furtado pois seria bom que o encontrássemos em Angra do Negro. Mas, não sei se isso será possível. Há tantas barreiras!...*

De repente se ouviu um alarido enorme, um vozeado forte se alastrando como uma onda. O Capitão, assustado, olhou para o seu anfitrião.

– *O que se passa? Que barulho é este? Há algum problema?...*

– *Não é nada, não se assuste! São os meus quimbares²⁰ a preparar-se para a grande viagem. Estão excitadíssimos! É sempre assim com a guerra preta.²¹ Ficam doidos quando lhes cheira a aventura, saque e sangue.* – respondeu o velho sertanejo, sorrindo e dirigindo-se, apressadamente, até à varanda.

²⁰ Serviçais. De uma carta datada de 30.04.1798, consta o seguinte: "Quimbares são Negros livres, ou libertos, que vivem agregados aos brancos" (*Arquivos de Angola*, I, 5-6, 1936).

²¹ Guerra Preta era o nome que se dava à tropa de auxiliares negros do exército português, ou dos exércitos particulares de alguns dos mais influentes moradores.

No vasto terreiro que se estendia na sua frente, nuvens empoeiradas se levantavam dos pés de mais de mil guerreiros que calcavam a terra ao mesmo tempo que brandiam suas zagaias, cujas lâminas cegavam de brilhos quem as olhava; na outra ponta dessas lanças, compridas caudas de holongo chicoteavam os ares como cobras voadoras. Aquela dança de guerra ia acordando o chão da sua letargia, deixando-o a soluçar sob os pés de toda a gente.

– *Mas o que é isto, meu Deus?!* – exclamou, pasmado, António Jardim. Um dia já tinha dado encontro numa experiência que se parecia com esta, numa guerra em que tinha participado nos Dembos. Por vezes também via a escravaria nas suas batucadas nos quintalões de Loanda. Mas, uma coisa assim como aquela, aka!, assim nunca tinha visto nada. Era mesmo arrebatador e ao mesmo tempo barbaresco! Na sua frente, pertinho mesmo, mil gargantonas deixavam escapar um clamoroso temporal, uma canção guerreira nadando na vaga de fundo de um rufar de tambores de guerra.

Quando os três guerreiros que lideravam a dança perceberam que Gregório Mendes se encontrava na varanda do sobrado, levantaram as zagaias bem no alto, fazendo com isso um sinal aos tamborileiros para se calarem. De repente o silêncio caiu pesado e apagou os sons de guerra que anteriormente tinham afogado os ouvidos estranhos. Foram apenas cinco segundos mas até parecia que tinha sido uma eterna idade. De seguida, um dos três guerreiros, o mais alto e mais forte, pulou como um leão e gritou seus gritos de guerra, brandindo a zagaia na kuhela,²² essa dança que parece ser mesmo um sério combate. Como resposta, Gregório Mendes brandiu a sua lazarina²³ e relinchou um tiro no ar. Depois umbundizou algumas palavras que o visitante desconseguiu de saber mesmo os seus significados. Se ouviu a seguir um clamoroso cântico que cavalgou nas chanas e mulolas²⁴ num rugido que, ao ser devolvido pelo eco, criava arrepios na pele de quem se encontrava a assistir. A guerra preta de Gregório Mendes se aprontava para invadir o sertão...

²² Dança guerreira. Kuhela quer dizer “brandir a zagaia”.

²³ Espingarda antiga de pederneira fabricada em Portugal.

²⁴ Zona baixa e alagadiça.

Capítulo IV

“[...] com a Gente da Ilha da Madeira, com a que se manda do Brasil [...], alem dos Sentenciados a Degredo [...]; e os Naturaes Brancos, Pardos, e Pretos do Paiz, sempre se povoou, sustentou, e defendeo essa Conquista, em todo o tempo dos Governadores, que precederam ao Irmão de V. S.^a [O Barão de Mossamedes]”

(*Carta de Martinho de Mello e Castro para o Governador de Angola*. Palácio de Queluz, 07Ago.1791 in: *Angolana*, V. I, IICA, 1968, p. 29; Anot. Mário António de Oliveira)

Estava-se no dia 30 de Setembro de 1785 quando a terra árida e quente do sertão de Benguela se abriu às investidas da expedição à Angra do Negro, comandada por Gregório Mendes. Atravessar aquele deserto era mesmo apressar a vida e o destino escondia-se molengoso atrás de cada um dos trinta e quatro dias de suor transpirado e fétido que iria sair daqueles corpos sonambulantes, inchados, com os músculos a derreter no calor. Naqueles infindos trilhos do sertão, o dia seguinte era flecha que os retesados arcos das pernas desconseguiam de lançar tão longe como era o desejo de todos. Os caminhos eram difíceis e era provável que viessem a acontecer ataques mundombes¹ mais cedo ou mais de noite. Mas, difícil mesmo era manter a calma nos homens da guerra preta, os olhos deles sempre presentes no adiantamento de gordinhos saques e de recheados sacos, afinal o principal soldo. E quase impossível era dar de beber e de comer a mais de mil homens dum exército em sertanejas incursões; tudo o que tivesse carne fresca e sangue quente desaparecia na voracidade daquelas bocas escancaradas qual carreiro de formiga kissonde. Tinham mesmo que chegar depressa à Angra do Negro... ou então ia sobrar nada nos descaminhos daquele deserto.

¹ Etnia do Sudoeste angolano.

Na expedição, para além dos quimbares de Gregório, ia o Capitão-Mor da Huíla e os seus cinco soldados, quinze soldados de Benguela comandados pelo Porta-bandeira Luís Cardoso, e o voluntário Manuel Pinheiro.

Depois de dois dias de marcha chegaram à Quipupa e, logo a seguir, ao Dombe da Quizamba, onde acamparam na margem do rio Cupololo. Por ali ficaram durante outros dois breves dias para descanso, provimento de água e busca de mantimento para o gado. Chegados à Libata do Muene Kalunga aí encontraram os seus naturais espantados com aquela comitiva toda, a estremelicarem de surpresas e medos, julgando ser dessa vez que os estranhos os iam agarrar para a escravatura, fugindo para tudo o que era lado e se escondendo nas vissapas² que eram densas nas margens do rio. Então, a caravana por ali ficou, pois o terreno era livre e podiam efectuar o reconhecimento da bacia do rio Copololo. Gregório resolveu fazer uma visita aos seus conhecidos sobas daquelas partes: Muene Kalunga, Muene Mama, Muene Chela e Muene Kizamba. Receberam-no bem, cada um no terreiro de sua ombala,³ os makotas⁴ presentes, as suas mulheres e muito povo. Alguns, os mais velhos, se lembravam do branco Pacaça, o próprio pai de Gregório.

O Muene Chela, que era dos mais novos, disse mesmo que nos tempos em que ele era ainda um kakuendje⁵ e andarinhava nos pastos com o gado, o pai dele, senhor daquelas terras, tinha recebido um branco que tinha chegado para o cumprimentar. Simpático, o visitante lhe tinha oferecido os presentes da tradição que o Soba retribuiu magnificamente, como era apanágio dum grande potentado. Dos seus presentes no branco recém-chegado, se destacava uma das suas escravas para ele dormir com ela. O Pacaça gostou muito e ficou por ali mais de uma semana, aperfeiçoando-se no conhecimento da língua local. O Muene Chela fez uma pausa e deixou morrer a conversa sobre o pai de Gregório.

² Arbustos, mato.

³ Residência do Soba.

⁴ Fidalgos.

⁵ Rapaz.

Depois parou um pouco e sibilou uma cuspidela entre os dentes da frente que, cortados em triângulo, funcionavam como uma seteira. Tão forte foi o disparo que, sssstchupi!, apanhou um catuíte⁶ na sua trajectória e deixou o coitadinho quase morto. O Muene Chela se riu muito e ficou vaidoso no seu feito. O povo todo lhe saudou na pontaria, tendo sido secundado por Gregório. Foi um intervalo na palestra do Soba. Depois de se sentar outra vez, para regozijo de Gregório, o anfitrião continuou a falar sobre o Pacaça, dizendo que o Muene seu pai lhe tinha falado que ele devia ir com aquele branco na sua quibuca, junto com os seus quiçongos⁷, para lhe dar protecção até chegar no fim das suas terras. E que continuasse a viagem até subir na Huíla mesmo, p'ra aproveitar trazer informações sobre aquelas terras altas.

O Muene Chela falou muito, pelo meio contava outras coisas no povo que assistia, sempre respondido com grande alarido confirmatório. Os visitantes já estavam confusos com aquele palavrório todo, não sabiam direito quais eram as estórias que lhes diziam respeito e quais as que não eram. Mas ainda chegaram a perceber que o Pacaça havia agradecido muito a cordialidade do Soba pai do Muene Chela e que até tinha aprendido a conversar na língua local. Com vontade de continuar a recordar as suas aventuras, o Soba foi dizendo que o seu pai tinha simpatizado com o Pacaça e até lhe dera alguns animais para ele levar na sua viagem, desejando-lhe boa sorte na sua quibuca. Ele lembrava-se bem que os carregadores do Pacaça eram muitos e fortes e que nenhum deixava de levar nos ombros os pesados e ricos olumangos⁸. Quando as bandeiras da quibuca foram levantadas saíram todos pelos caminhos do funanço e chegaram até muito longe, nas frias e altas terras da Huíla, onde os nhanekas os atacaram violentamente, tendo o próprio Pacaça morrido com uma facada. Gregório ficou triste nessa parte da estória e aí, talvez por cortesia, o

⁶ Pássaro, beija-flor.

⁷ Responsável pelos carregadores da caravana sertaneja, a quibuca. Termo mais usado no Sul. O mesmo que pombeiro.

⁸ Duas varas compridas onde se amarravam a carga (c. 30 Kg.) que era transportada por cada carregador da quibuca.

Muene Chela amaciou as palavras e disse logo que não tinha visto bem o falecido, isso não!, só os seus guerreiros tinham falado assim. Gregório suspirou e ficou-se por momentos a olhar para o vazio. Voltou a prestar atenção à conversa quando o Muene Chela referiu os casos do leão que lhe havia aparecido, grande como um elefante, dando-lhe uma patada cheia de unhas que pareciam facas. Aí o Muene se levantou de um pulo como se fosse a combate e falou alto que tinha porrinhado a moleirona peluda do bicho até ele ficar estendido a estrebuchar no capim! Depois foi só lhe zagaçar no coração e, pronto, o leão já não era mais bicho era só pele para levar na libata⁹ onde virou enfeite e ficou como prova provadinha da sua bravura.

Os makotas e as mulheres do Soba bateram palmas e gritaram que era mesmo verdade, que aquele leão era dos maiores e que o seu Soba era o mais bravo dos homens. Tinha sido assim que, depois de morto o bicharoco na Serra da Chela, ele quase tinha morrido conjuntamente com a fera. Quando ficou Soba nas terras do seu pai, porque o mais-velho não tinha nem sobrinhos nem irmãos para lhe sucederem na Ombala, ficou com o título de Muene Chela, por causa das lembranças heróicas lá da serra com esse nome. Gregório, desinteressava-se das estórias do outro, ainda queria saber mais coisas sobre o pai, mas o Soba lhe disse que a conversa tinha mesmo terminado e que ele estava cansado e com a barriga a uivar de fome.

Apesar disso, Gregório gostou muito da temporada vivida naqueles sobados. Tinha apreciado as conversas do Muene Chela, mais as ofertas dos sobas na sua caravana, por amizade ou por medo, tanto faz, e ainda ficou contente pelos bois, cabras e ovelhas que iam fazer com que a caravana não padecesse de fome na grande viagem. Todos tinham visto como aquela terra era abundante de gados e os seus naturais bem constituídos de corpo.

A caravana passou caté na outra margem do rio Cupololo e chegaram no Mucúio, terra mais árida, onde Gregório mandou abrir cacimbas junto dum rio seco para tirar a água que ia matar a

⁹ Habitação. Residência.

sede que os queria matar. Quem já andava quase falecido de sede era o voluntário Manuel Pinheiro, homem de meia idade, que pouco passava de um metro e meio de altura, pálido e com um ar de pessoa frágil. Só os seus olhos, muito brilhantes, mostravam determinação. De todos era ele o que aguentava menos a falta de água e, por isso, António Jardim lhe oferecia da sua muitas vezes. Essa aproximação entre eles fez nascer alguns laços de amizade. Quando soube que Pinheiro queria aproveitar a sua companhia até à Huíla, não conseguiu descortinar muito bem quais os motivos que levavam aquele homem fraquinho a desafiar todos os limites. O voluntário era muito reservado e assim António Jardim não sentia muita coragem para avançar na sua curiosidade. O Capitão-Mor já tinha reparado que Pinheiro era um homem de bom trato e de polidas maneiras, com uma educação mais aprimorada do que a da maioria dos sertanejos e isso retraía-o também. Daí que tivesse ficado apenas pela interrogação sobre as razões que o levavam a estar ali, numa expedição difícil e perigosa como aquela. Assim matutava, nesse dia, quando se deslocou até à cacimba mais próxima a fim de buscar água para matar a sede de Manuel Pinheiro. Com o odre cheio, foi-se aproximando dele e lhe disse com palavras amigas:

– *Vá, tome lá água fresquinha da chuva! Devagar, não pode beber tudo de uma vez só. É perigoso. Devagar... isso mesmo.*

– *Ah!, como é fresca e boa esta água! Deus lhe pague, meu amigo, pelo apoio que me tem dado...*

Enquanto ia dando água no seu companheiro de viagem, os soldados cambadinhos por causa das botas que lhes magoavam os pés maltratados pelas matacanhas¹⁰ e pelo calor, davam passos e contrapassos tentando fazer o que o seu Comandante e Porta-bandeira lhes ordenava:

– *Então, seus soldadinhos de pé-de-chumbo! Durante tanto tempo era só boa vida em Benguela! Agora estão com essas pernas enferrujadas! É assim que querem avassalar os potentados destas terras? Com soldados assim não vamos longe!*

¹⁰ Pulga penetrante. O mesmo que bitacaia.

Gregório Mendes, que também observava as fitas que aqueles soldados pesudos estavam a fazer, sorria, escarninho.

– Não fossem os meus quimbares e queria só ver até onde íamos chegar com estes soldados que nem para arranjar comida servem!

António Jardim, pelo seu lado, também se sentia constrangido com o que ia vendo e começava a dar razão aos seus piores receios. O cargo de Capitão-Mor, do qual ainda há tão pouco tempo tinha sido investido, estaria, provavelmente, muito longe da realidade esperada. Como iria ele impor respeitos e exigir vassalagens nos grandes da Huíla, quando o exército de Sua Majestade Fidelíssima naquela terra mais não era que aquela mão vazia de soldados desmazelados, debilitados pelas matacanhas e fracos por causa da bebida e das febres palustres? Possivelmente, teria também ele que arranjar a sua própria guerra preta, a exemplo do seu amigo Gregório. Assim iam os seus pensamentos, quando foi preciso fazer uma ronda na zona, e as pernas e os fôlegos dos menos fortes começaram a revoltar-se e a não quererem continuar a fazer as subidas e descidas pelos inúmeros morros que havia por ali. Mal chegaram a Angra de Santa Maria, acamparam e se dispuseram a acalmar as fraquezas. O arraial foi montado rapidamente em círculos concêntricos: no do centro ficavam mercadorias e animais de abate e de tracção, seguindo-se um outro, composto por dois semicírculos, um que era formado pelos mil e trinta quimbares da guerra preta, e o outro, muito mais pequeno, que fechava o círculo, formado pelos vinte soldados (cinco que acompanhavam Jardim e quinze do Forte de Benguela), o Porta-bandeira, o Capitão-Mor da Huíla, o voluntário Manuel Pinheiro e Gregório Mendes. Aqui também se encontravam as tendas de pano encerado onde dormiam os oficiais e o chefe da expedição. Todos os outros dormiam ao relento. À noite se acendiam muitas fogueiras onde as pessoas se podiam aquecer, mas que também serviam para assar as carnes e manter as feras afastadas.

Naquele local encontraram uma pequena mulola com água-da-chuva e na praia viram restos de cubatas e pedras de fazer fogo. Manuel Pinheiro se interessou muito pelas tais pedras e

guardou três das que considerou melhores. Jardim se aproximou quando ele as observava e perguntou qual era o interesse daqueles bocados de pedra sem préstimo. Pinheiro lhe disse que aquelas pedras escondiam segredos antigos, quando os montes escancaravam as suas bocarras e vomitavam as suas azias, fazendo os homens perceber que as rochas afinal eram feitas de fogo esfriado. Então os homens começaram a esfregar as pedras umas nas outras e perceberam que o aquecimento que brotava delas fazia reviver esses primitivos tempos, deixando livres algumas centelhas das prisioneiras chamas.

– *Assim passaram a ter nas suas mãos o segredo do fogo e tudo passou a ser diferente.* – Concluiu Pinheiro, perante a admiração do Capitão Jardim, que a partir desse dia passou a olhar as pedras e o especialista delas de maneira bem diferente.

– *Vamos embora que se faz tarde! Já passaram oito dias e pequena foi a distância percorrida. A continuar assim não chegaremos longe. Vita! Vita! Põe-me esses quimbares a andar! Depressa!* – gritava o chefe da expedição para todo o lado e para toda a gente, umas vezes na lusa língua, outras no umbundo idioma. Quem não conhecia bem Gregório Mendes, cedo começou a perceber que era um homem forte, dinâmico e com uma grande capacidade de comando. Não demorou muito que a caravana recomeçasse a viagem, sobe morro desce morro, até chegarem a um sítio do qual podiam avistar o Ilhéu do Pina.

– *Aquele grande morro além não será alto demais para que se possa ir sempre em frente?* – perguntou António Jardim a Gregório. Este, nitidamente contrariado, foi dizendo: – *De facto é muito alto, mas se formos sempre em frente ganhamos muitas léguas de caminho.*

– *Mas... com o pessoal esgotado como está não se perderá mais tempo ainda?* – questionou António Jardim.

Gregório, apesar de contrariado, acabou por concordar e deu ordens para a caravana inflectir para o interior e tornear o morro. Foi então que encontraram várias e fracas aldeias, cujos habitantes lhes ofereceram panos e onde obtiveram da parte do respectivo soba, a cedência de um guia para a expedição. Só que, revelando-

-se aos poucos nada amistosos, os naturais daquele lugar preparavam uma emboscada aos forasteiros. Gregório, que era muito manhoso e nada distraído, logo adivinhou as intenções deles e não perdeu tempo: mandou os seus quimbares dar-lhes umas porrinhadas de fazer bicho.

António Jardim teve que acalmar o seu amigo Pinheiro, pois este não conseguia suportar a gritaria de medo e dor dos atacados, assim como a de raiva e prazer dos que atacavam.

– *Esses quimbares são terríveis! Será necessário exercer tanta violência nesses desgraçados?* – perguntou o voluntário Pinheiro, fora de si com a situação.

– *O senhor é muito sensível, não está preparado para estas crueldades da vida do sertão. Mas sabe, por aqui quem não bate é batido!* – tentava António Jardim emprestar algumas forças ao seu amigo Pinheiro. Mas Gregório Mendes, apercebendo-se da situação, olhava com algum desprezo o voluntário azucrinando-lhe umas palavras meio azedas:

– *Quando me veio pedir para o trazer nesta expedição eu bem avisei que isto não era para pessoas de coração fraco. No sertão só sobrevivem os homens que sabem aguentar não só a crueldade dos outros sobre eles mas, também, a crueldade deles sobre os outros. E nem sempre é fácil conseguir o equilíbrio entre essas duas situações.*

António Jardim veio em defesa do seu amigo, mas Gregório já não ouviu mais nada. A gritaria dos quimbares anunciava que a razia tinha terminado e que eles chegavam felizes com o saque efectuado. Gregório foi então dar as suas ordens.

– *Maldita a hora em que me meti nesta viagem. Sempre pensei que seria mais civilizada!*... – ainda disse o voluntário Pinheiro.

António Jardim deixou o seu amigo se distrair com as suas pedras, talvez ele assim aguentasse melhor os rigores da viagem. Nos quatro dias seguintes, a caravana andarinhou pelas terras adentro, continuando a abrir cacimbas onde encontravam boa água. A meio do mês entraram em terrenos mais planos e chegaram até ao rio Dongue Amuchito, cujas águas desaguavam numa lagoa junto da praia, que era coisa bonita de se ver. Não se

demorando muito por ali, logo continuaram a sua caminhada até a um local que agradou ao chefe da expedição.

– *Alto!, vamos acampar aqui! Só depois de arranjarmos mantimentos prosseguiremos a viagem* – gritou Gregório Mendes, fazendo a montada cabriolar. Depois, envolto pela poeira que levantara, deixou ouvir a sua voz poderosa por cima do relinchar nervoso do cavalo:

– *Doravante, este lugar passará a chamar-se S. João da Quimina!*

Manuel Pinheiro, que se aproximara de António Jardim ao ouvir o reboliço, murmurou:

– *Não gosto deste homem! Está sempre pronto a mudar as coisas... até o nome das terras dos outros. Não demorará muito que nos baptize a nós também!*

Jardim sorriu, deu uma palmada nas costas de Pinheiro e disse-lhe que não fosse assim tão severo a criticar o chefe da expedição.

Gregório Mendes andava muito preocupado, pois embora tivesse tido, desde o início, uma noção das dificuldades que iam surgir durante a viagem, nunca havia pensado que pudessem ser assim tão grandes. Era difícil aguentar tanta gente, com os mantimentos a desaparecerem muito depressa, à razão de dez bois e trinta carneiros por dia.

– *São mesmo umas hienas esfaimadas! Mas como poderei eu garantir que até ao fim da viagem não deixarão de ter com que se alimentarem? É uma loucura ter a nossa gente esfomeada...*

Decidiu então convocar o Porta-bandeira e Comandante dos soldados. Durante algum tempo lhes fez ver as dificuldades encontradas e as que poderiam agigantar-se dali em diante se não se fizesse nada para as precaver. Depois, levantando-se do toco de espinheira onde estivera tankamado¹¹, rugiu entre dentes, fazendo os seus interlocutores tremer involuntariamente.

– *Vamos lá tratar de arranjar paparoca p'ra esta gente! Como os vossos soldados não estão lá muito treinados neste tipo de ataques, será melhor ficarem aqui preparados para a defesa, caso haja um desfecho diferente do esperado.*

¹¹ De tankama, sentar.

... e chamando o quimbare que chefiava a guerra preta:

– *Vita, Vita! Junta depressa setecentos homens, pega em cento e vinte armas de fogo e vamos. Atrás daquelas mundas¹² há lá muito povo e gado com fartura. Mas também tem muitos guerreiros. Eles não vão deixar-nos ficar com esse gado. Se assim for, nós todos morremos de fome. E isso nós não queremos, não é assim?!*

Vita, cujo nome quer dizer “guerra”, riu muito e o seu riso não era um riso normal, era crueldade pura. A gargalhada alarve ecoou nas mundas, lá ao longe nos sambos os bois mugiram de diferentes maneiras e os pastores ficaram inquietos. Estes viram depois uma onda negra que parecia ser um carreiro de kissonde que crescia, crescia e começava a aproximar-se deles. Quando a onda passou... só ficaram cubatas a arder, pastores sem vida e sambos¹³ sem gado.

Gregório Mendes se foi lavar na pouca água existente numa cacimba próxima e logo, secamente, mandou o acampamento desacampar pois a viagem tinha que prosseguir imediatamente. António Jardim olhou os mantimentos e sorriu satisfeito: quinhentos bois e dois mil carneiros estavam ali nos seus novos donos que os olhavam já com a barriga a rugir nas suas fomes e a boca a salivar os antevistos nacos a assar no braseiro. Ao som renovado de mugidos e balidos e cânticos de guerra, lá arrancou a caravana, levantando uma nuvem de poeira que escureceu o dia. Manuel Pinheiro benzeu-se e murmurou qualquer coisa que ninguém percebeu. Algum tempo depois chegavam a um local que distava apenas meia légua da praia.

Gregório desceu da sua montada e se dirigiu a um espinheiro solitário cujo tronco era imbondeiramente grosso e a copa se desgrenhava numa carapinha gigantesca, larga como ele nunca vira outra. Puxou do seu facão-de-mato e inscreveu no tronco o seguinte: “Aqui esteve Gregório Mendes, morador em Benguella, a 15 de Outubro de 1785”.

¹² Montes.

¹³ Currais, geralmente construídos com ramos de espinheira.

– *Perfeito! Sempre me disseram que eu tinha jeito para escrever... até que as letras saíram direitinhas!...*

Depois de observar, com evidente satisfação, a mensagem que deixara inscrita no espinheiro, Gregório Mendes voltou a montar e esporeou o seu cavalo que entre nuvens de poeira o conduziu até à caravana que parara. Era altura de acampar e esperar que chegassem os oitenta quimbares que haviam desaparecido durante a razia anterior. Aguardaram por eles cerca de seis dias e, nada! Gregório que, normalmente, conseguia controlar as emoções, começava a mostrar o seu nervosismo e, sobretudo, o aborrecimento que sentia por causa do atraso que a expedição já levava.

– *Não senhor! Não posso aceitar que se repitam situações destas! A expedição não pode ficar parada por aqui mais tempo, sob pena de não cumprirmos a nossa missão. Vamos, pois, levantar o acampamento e continuar a nossa viagem...*

O quimbar Vita ainda tentou demonstrar que a falta daqueles homens de guerra se iria sentir mais tarde, que era preferível esperar mais um pouco. António Jardim também foi dando a sua opinião, que era idêntica à de Vita. Porém, nada demoveu o Chefe da Expedição, que logo se fez ao deserto com a sua gente.

Para não se perderem naquele mar-de-areia, os guias da caravana tentavam não deixar de ver a costa e o azul fresco do mar-de-água. Seguiram, assim, o curso do rio Cangala e, quando encontraram o Dandagoa, tão seco como as suas próprias margens, decidiram acampar.

Gregório Mendes descansava à sombra deles de uma pequena espinheira, quando sentiu que alguém se aproximava, leve como uma serpente. De um salto pôs-se em pé pronto para atacar ou se defender. Os muitos anos de mato tinham desenvolvido nele um instinto apurado de sobrevivência, como só os próprios animais possuíam. Vendo que, afinal, não era nenhum inimigo que se aproximava, mas sim Vita, o chefe da guerra preta, zangou-se com ele, dizendo-lhe em umbundo que ele devia estar maluco ao aproximar-se assim, em silencioso rastejar como uma víbora:

– *Vita! Ove uasaluka? Tchiasetahala nda nhoha mbuta oku enda-enda m'esis...*

Vita apenas lhe queria dar a notícia da chegada dos quimbares desaparecidos. Talvez com o objectivo de acalmar a má disposição que sabiam ir encontrar nos responsáveis pela expedição, os recém-chegados traziam alguns prisioneiros que foram engrossar o grupo de outros obtidos na razia anterior. Gregório acabou por desculpar o atraso dos seus quimbares, não sem os ter admoestado rispidamente para que não voltassem a fazer outra semelhante. Noutras circunstâncias, ter conseguido fazer tantos prisioneiros seria mais de meio caminho andado para que a sua venda como escravos rendesse bons cabedais. No entanto, na situação presente os prisioneiros eram sobretudo mais bocas para comer, o que não era nada bom.

– Capitão, pode dar uma boa notícia ao seu amigo Pinheiro! Vou libertar catorze prisioneiros, dar-lhes roupas, enxadas e sementes e até lhes vou arranjar quem lhes ensine a digna arte de agricultar os campos. Como pode ver, nem tudo é mau por aqui...

Gregório sorria ironicamente enquanto dava a boa nova. De uma porrinhada só, matava duas concas¹⁴. Libertava-se de mais de uma dúzia de comilonas bocas e, simultaneamente, fazia uma demonstração de humanidade ao sempre crítico Pinheiro. Iria seguir-se, então, a fase da aprendizagem dos libertos, prontos a iniciarem a abertura de um arimo¹⁵ naquelas áridas terras. Aí os mundombes arregalaram os olhos e azucrinaram todos os demais com uma berraria medonha. Até parecia que tinham visto um feiticeiro qualquer pronto a lançar-lhes uma má kimbandice. Gregório mandou um tiro para os ares e o som que produziu, rematado por estranhos ecos, fez os ouvintes pensarem ter aquela lazarina suspirado de vez. Os mundombes aturdidos deram pulos assustados e depois ficaram silenciosos. Pelo seu lado, os quimbares da guerra preta sorriam devagarzinho e pensavam que os brancos eram, uma espécie de gente capaz de os surpreender constantemente. Nunca se sabia ao certo o que se passava nas

¹⁴ Cabra das pedras.

¹⁵ O mesmo que arimbos, lavras.

suas cabeças e o que iriam fazer no momento seguinte. Prova disso era eles quererem ensinar prisioneiros mundombes a fazer arimos!

Gregório chamou dois quimbares e lhes disse para eles mostrarem àqueles matumbos como tratar bem um arimo... e só tinham dois dias para ir logo na conclusão da tarefa! Os professores lá seguiram, pouco contentes, com os seus alunos que reviravam os olhos de medo e espanto, pois não tinham percebido muito bem o que lhes ia acontecer. Estacionaram na área demarcada para a feitura do arimo, os quimbares distribuíram as enxadas e as sementes e fizeram uma demonstração de como seria aquele trabalho. Dois longos dias se seguiram, em que o natural silêncio daquelas remotas paragens era constantemente maculado pelo tinir do metal das enxadas de encontro às pedras que as areias ocultavam, e sobretudo pelos muitos berros que os mundombes recebiam em paga do seu pouco jeito para trabalhar a terra. Nem queriam aprender a trabalhar em tarefas próprias de povos submissos, como o eram os agricultores: os mundombes eram pastores e guerreiros, por isso se sentiam muito magoados em sujar de areia as suas mãos fortes e ágeis a brandir a zagaia. A confusão foi muita e a poeira nas sacholas mal usadas deixou toda a gente com tosse, não a deixando descansar, nem dormir sequer, quando a noite chegava. Os quimbares ironizavam, sugerindo que aquela tosse era mesmo cauêha,¹⁶ castigo naqueles brancos que queriam pôr as coisas no contrário da natureza delas. Se mundombe era pastor ou guerreiro, porquê agora querer que ele soubesse amañhar arimos?!

António Jardim se ria divertido nas aulas de agricultura pois, se os alunos eram maus, os professores maus eram e procurava animar o culto mas frágil Pinheiro. Este não achava graça nenhuma à caricata situação, antes pelo contrário, dizia que não era humano o tratamento que estavam a dar aos coitados dos mundombes, que estavam a gozar com eles e a fazer com que eles se sentissem uns bobos; que eles assim iam ficar feridos no

¹⁶ Enfermidade bovina. Peripneumonia.

seu orgulho de povo guerreiro, resultando daí o crescimento do número de inimigos entre aquela gente; enfim, não se cansou Manuel Pinheiro de esgrimir as suas razões e os seus protestos, e isso levava a que quase todos os outros pensassem que aquele Manuel Pinheiro tinha deixado há muito de ser voluntário naquela expedição, tal era a sua indisposição contra tudo e contra todos. Antes continuava a ser voluntário apenas nas ideias esquisitas que tinha, nos pensamentos diferentes que cuidava e nas palavras estranhas que propalava... Sobretudo Gregório começava a dar mostra da pouca paciência que tinha em relação às observações que considerava despropositadas e aos interesses meio esquisitos de Manuel Pinheiro. Daí que começasse a sentir cada vez mais como provável a ideia de deixar aquele chatarrão por ali a pregar nos lacraus... já que os peixes eram mesmo muito raros por ali.

Quando deixaram aquele local com os seus novos habitantes, os mundombes empoeirinhados, feitos agricultores de um arimo mal começado, suspiraram de alívio. Muito tempo depois se soube que o ferro das sacholas tinha sido transformado em pontas de zagaia... para um dia os seus donos se vingarem dos professores de agricultura. Mas o que é facto, é que dezenas de anos depois, os sertanejos que passavam por ali se espantavam com a existência de uma espécie de milho selvagem, muito resistente, que medrava naquele local.

Percorridas algumas poucas léguas, a caravana deu encontro no rio Omona la Cangando, “o filho do jacaré” na língua da terra, o qual desaguava numa lagoa cuja frescura foi um bálsamo para os atormentados viajantes. As suas margens encontravam-se cobertas de matas de espinheiras e capim, fazendo daquele sítio um autêntico oásis. António Jardim se sentou num tronco caído no chão e suspirou:

– *Assim, sim! Com este fresquinho até sinto a cabeça a trabalhar melhor. Que sítio agradável!*

Recuperadas as forças lá foram deambulando pelas terras próximas do mar. Gregório, com as energias renovadas e a atenção desperta, deu indicações sobre o rumo a tomar:

– *Em frente é impossível continuar por causa daquelas barreiras naturais. É melhor irmos pelo interior!*

E assim se fez. Já dois soldados e três quimbares não tinham conseguido sobreviver ao traiçoeiro ataque das moléstias e os seus corpos faziam companhia aos esqueletos que tinham pertencido aos bovinos e caprinos almoçados e jantados pelos expedicionários. O voluntário da expedição, Manuel Pinheiro, também não andava bem e Jardim, inquieto, passou a estar mais perto dele. Nos últimos dias, não conseguiam deixar o olhar meio esvaziado poisar nas cruces que iam ornamentando os areais. Quando isso acontecia, Pinheiro se transformava numa pinha de tremuras e gritava que era uma pedra de fazer fogo, que o deixassem ali mais as outras que ele tinha recolhido, pois ele pertencia àquele povo que precisava dele para manter sempre acesa a chama sagrada.

– *Meu Deus! O Pinheiro enlouqueceu! Já não diz coisa com coisa* – dizia António Jardim, sofrido com a desgraça daquele homem, culto e sensível demais para aguentar tanta rudeza.

– *Eu bem lhe disse que esta viagem não era para ele. Não há dúvida que ensandeceu de vez!* – observava, aborrecido, Gregório Mendes.

Porém, quando Pinheiro estava mais calmo, ficava normal e não se lembrava dos seus delírios. Sentia era uma grande fraqueza física que lhe ia chupando as forças dia-a-dia. Foi num desses intervalos, que geralmente antecediam o sono, que António Jardim pôde conhecer melhor o seu companheiro.

– *Esperei muito tempo por esta expedição. Radiquei-me em Benguela apenas para aguardar pela grande viagem que me levaria até ao sul. Queria subir ao Planalto da Huíla e ir até ao Humbe.*

Jardim estranhava os interesses tão insólitos daquele homem. Mas era aí que residia o carisma de Manuel Pinheiro, que o fazia fascinante e um tanto misterioso. O que ia ele fazer, sozinho e tão frágil, lá nos confins do sertão? Questão levantada, resposta adiada! Talvez não conseguisse nunca saber ao certo os verdadeiros motivos que levavam aquele homem rumar à Huíla

que, até ele próprio, seu Capitão-Mor, ainda desconhecia. Como quem não quer a coisa, António Jardim perguntou:

– *O meu amigo é aviado de alguma firma comercial de Benguela? É o funanço que o atrai? Eu não sei, mas... penso que é muito perigoso para qualquer pessoa ir sozinha por esses sertões em fora!*

Manuel Pinheiro, abanando a cabeça como quem afasta um pensamento menos agradável, respondeu:

– *Funanço não é ocupação que me sirva ou que eu goste de ter para mim!*– Ficou alguns segundos calado, seus olhos naufragados no horizonte. Quando finalmente regressou a si, meio zozno, ainda se começou a referir ao seu projecto, estranho como ele. Tinha a ver com um povo especial, os Jagas.

– *Os Jagas?!*

– *Sim, os Jagas! Esses Bangalas aguerridos que eu conheci lá no Norte, em Kassanje. Soube que um grupo migrou para o Sul, há mais de 150 anos, tendo formado um poderoso reino, o Humbe-Inene.*

António Jardim ficou mais uma vez entupido de surpresa com as revelações de Manuel Pinheiro. Ele também tinha ouvido falar dos Jagas, sempre como um povo terrível, tal era o medo que deixava no seu rasto. Quem em Angola não tinha ouvido falar desse povo tão controverso, que umas vezes lutava contra os portugueses, outras como seus aliados, sempre agigantados em ferozes combates, em que os poucos prisioneiros que não eram vendidos como escravos acabavam tratados como se trata a carne-de-caça?

– *Olhe que um dos documentos mais interessantes que eu tive a oportunidade de ler nos Arquivos de Loanda faz muitas referências a esse povo singular.*

António Jardim acabava de falar e os olhos mortiços de Manuel Pinheiro iam ganhando um perdido fulgor. Via-se que o tema lhe interessava muito.

– *Julgo estar a referir-se ao magnífico trabalho de António de Oliveira Cadornega, não?*– questionou o voluntário.– *De facto, a sua “História Geral das Guerras Angolanas”, escrita há mais de*

um século, é das obras que mais informação nos dá sobre estas terras.

O Capitão-Mor da Huíla espantava-se agora com os conhecimentos do seu companheiro de viagem, mas logo lhe perguntou que informações tinha ele sobre a terra que era o seu destino. Pinheiro foi-lhe dizendo que somente os Bangalas lhe despertavam um verdadeiro interesse e que, só por isso, sabia que os povos da Huíla eram governados pelos descendentes dos Jagas.

Inopinadamente, Manuel Pinheiro parou de falar e ficou de boca escancarada como se os maxilares tivessem emperrado de vez. Os dentes brilharam e Jardim não gostou nada do que viu! Até lhe passou pela cabeça a ideia má de que, talvez algum feitiço jaga tivesse transformado o pobre Pinheiro num canibal pronto a lhe dar uma dentada. Pulou para o lado e se preparou para o pior. O outro, pálido e com os suores a correrem-lhe pela testa e pescoço, tentou levantar-se mas caiu a estrebuchar.

– O que é que tem, homem de Deus? Sente-se mal outra vez?

Pinheiro continuou a xingular-se todo por alguns minutos até que, aquietando-se um pouco, conseguiu gritar:

– Não aguento mais! Ardem-me as entranhas e sinto o corpo a incendiar-se. Água, depressa! Ah!, já é tarde demais... do meu corpo sai lava a ferver que a tudo incendeia...

António Jardim tentava acalmar o doente, mas tornava-se difícil consegui-lo. Pinheiro tinha-se levantado e já se encontrava seminu a urinar em repuxo para todo o lado. De olhos arregalados olhava para o rio que se ia formando no areal e gritava que era a lava que saía do seu vulcão. Um grupo de quimbares observava com curiosidade mais uma maluqueira dos brancos. Dele se destacava um homem alto, de penas de avestruz semeadas no cocuruto e ostentando no peito dois corninhos de antílope que pendiam do pescoço, presos por uma correia de cabedal. Era o kimbanda¹⁷ que a guerra preta nunca deixava de levar consigo sempre que saía em deambulações pelo sertão. O kimbanda, que era o que mais interesse mostrava pelo acontecimento, começou a murmurar estranhas

¹⁷ Curandeiro, feiticeiro.

palavras e a fazer confusos gestos. Depois, se agachou e, agarrando um pauzinho, começou com ele a rabiscar misteriosos desenhos no chão. Os quimbares presentes começaram a aproximar-se e a tentar perceber o que o kimbanda tatuava no chão. Foi então que ele lhes disse que aquilo que estava a acontecer naquele branco era porque os antepassados dele estavam a tentar dizer qualquer coisa... Aí o mago, voltou a perscrutar melhor os sinais do chão e a disposição das pedras e disse que aquele filho do Muene Puto não devia ter atravessado Kalunga, as sagradas águas do Oceano, para ir até ali mesmo nas namibeanas¹⁸ terras, sem a sua autorização. E era por isso que aquele branco ia sofrer muito de *secura*, cadavez mesmo de *fogaréus*. Os quimbares soltaram os seus "uás" de respeito nas coisas dos antepassados, se debruçaram sobre a terra e atiraram areia no vento, por cima dos seus próprios corpos.

Pinheiro continuava tremeliquento como se fosse mesmo um seu homónimo do reino vegetal quando o vento sopra fortemente sobre ele. A morte preparava-se para lhe fazer uma tocaia e, pálido já como todos os antepassados na sua vida de falecidos, o voluntário Pinheiro se foi voluntariamente oferecendo para iniciar outra e definitiva viagem. António Jardim já se tinha afeiçoado naquele kamba, calmo e atencioso, culto, diferente dos outros que iam na expedição. Sempre o tinha achado frágil e não percebera qual a razão de ele estar ali, naquela dura viagem com duros homens. Jardim tinha-o visto mortificado sempre que a crueldade dos homens boiava à superfície dos seus gestos e dos seus actos. Quinze dias atrás, por causa da razia contra os mundombes para lhes capiangular o gado, Pinheiro começara a desconseguir de dormir, pois o seu sono era roubado sempre que se ouviam os gritos de guerra dos quimbares de Gregório Mendes, misturados com os gritos dos desinfelizes que perdiam o seu gado uns, perdendo a sua vida outros. Assim, esvaído dos seus vitais fluidos, Manuel Pinheiro foi mirrando, mirrando até secar completamente no primeiro dia de Novembro. Na falta de um padre que rezasse qualquer oração, foi o próprio António Jardim a orar umas palavras de circunstância em memória

¹⁸ Namibe é uma palavra que, em hotentote, quer dizer deserto.

do seu falecido amigo, enquanto o kimbanda cantarolava as suas rezas e continuava a desenhar figuras no chão, desta vez com o polegar, para ajudar a abrir os caminhos por onde o ex-vivente pudesse entrar direito na vida dos falecidos. E por ali mesmo ficou o Pinheiro, seco e agarrado aos areais com misteriosas raízes.

A marcha continuou. Os quimbares cantavam em coro as suas canções de guerra para se animarem e os restantes membros da expedição iam tentando ganhar forças como podiam, trauteando canções uns, distraíndo-se em pensamentos outros.

– *Alto! Vejo alguém a descer aquele monte ali.* – gritou repentinamente Gregório Mendes, sempre atento ao que se passava. Chamou Vita e ordenou-lhe que fosse ver quem era. Chegaram à conclusão que não era nada para temer, pois tratava-se apenas de uma velha cega que vivia naquele local.

– *Mas, esta velha é espantosa!* – dizia António Jardim admirado com as revelações daquela mulher que, apesar de cega, mostrava ver mais que qualquer um dos presentes. Era cega por fora mas vidente por dentro, de forma que sempre via tudo o que estava à sua volta, mais do que aqueles que só tinham dois olhos e por isso só viam o que estava à frente deles. A mais-velha surpreendeu tudo e todos com o que dizia e fazia. Dizendo sempre que era cega mas que via bem, foi apontando para uns rochedos próximos e explicando que havia pouco tempo que os curocas¹⁹ tinham pescado uns seres brancos que como peixes viviam no grande mar. Depois levou-os, sem tropeçar, até um local de onde se via o mar e apontou para o sítio que dizia ser a Angra do Negro que os estranhos procuravam. Gregório Mendes, desconfiado, ia murmurando:

– *Ver para crer! Ver para crer! Isto pode ser alguma cilada...*

Mas a velha não mentira e, pelas três horas da tarde do dia 3 de Novembro de 1785, a Expedição Terrestre de Gregório Mendes chegava ao seu destino: a Angra do Negro, ou Angra dos Escravos, pelos muitos homens de negra cor que embarcavam ali para ir morrer no outro lado do mar.

¹⁹ Etnia do deserto do Namibe.

– *Finalmente chegamos!!* – gritou Gregório Mendes, ao mesmo tempo que tirava o chapéu de aba larga e colocava a mão esquerda em pala sobre os olhos para ver melhor a tão procurada baía. O mar estava manso e as suas águas deixavam escapar alguma frescura que tornava ali o clima menos seco e muito mais ameno.

– *Que clima suave! Muito mais agradável que o de Benguela!*
– suspirou António Jardim.

– *Ficaremos por aqui uns dias a descansar, até nos encontrarmos com o Tenente-Coronel Pinheiro Furtado, que vem por mar* – disse Gregório Mendes.

Fez um sinal e os chefes da guerra preta se prepararam para receber ordens. Era necessário o envio dos batedores até à baía para evitar surpresas menos boas. Gregório não tinha lá muito boa impressão dos mundombes mas, sobre os curocas, não tinha dúvidas que eram uns selvagens da pior espécie.

– *Do tempo das bíblicas idades, como diria o nosso sábio Manuel Pinheiro, que Deus o tenha em descanso* – disse António Jardim.

– *Isso já não sei... mas que o divertimento deles é mesmo lascar a cabeça de quem se perde por aqui ou dos naufragos que dão à costa, isso sei eu! Toda a vigilância a partir de agora é pouca...* – observou Gregório Mendes, traindo alguma preocupação.

Os batedores ao chegarem logo anunciaram que o navio de Pinheiro Furtado já se encontrava fundeado na baía, muito próximo de um local que não era visível dali. Arribados lá, verificaram que algumas ongandas²⁰ abandonadas evidenciavam a fuga precipitada dos seus habitantes, pois ainda se notava que as cinzas das fogueiras estavam quentes, os mantimentos derrubados, restos de outras coisas largadas por todo o lado. Aquela gente tinha fugido havia pouco tempo, talvez devido à chegada da Expedição dos que vinham de barco.

Nessa noite, ao jantar, reuniram-se os responsáveis por ambas as expedições e marinheiros do navio. O chefe da expedição marítima contou o que tinha visto ao longo da viagem e Gregório

²⁰ Habitações primitivas em forma de cúpula.

respondeu-lhe com as suas terrestres novidades. António Jardim não deixou de achar uma curiosa coincidência o facto de ambas as expedições, a terrestre como a marítima, terem cada uma o seu Pinheiro.

– *Só que este, talvez pela muita água e frescura que foi encontrando pelo caminho, não mirrou como o outro...* – murmurou para si mesmo.

Já Pinheiro Furtado contava que tinham sido mais as desventuras sofridas que as venturas ganhas ao longo daquela viagem de vinte e cinco dias só com quatro horas de vento favorável, sem o sopro enérgico de Éolo para fazer mover o navio, o que obrigou a ter de se contar apenas com a ajuda sofrida dos homens, os músculos dos seus braços a virarem raízes dos próprios remos. Tudo isso com a barreira dos ventos e correntes contrárias, mais a traição das calemas que não os tinham deixado acostar para se poder arranjar mantimentos frescos e água potável.

– *Mas o pior foi o que aconteceu ao Tenente José Sepúlveda e aos marinheiros Joaquim Rodrigues e João da Silva! Ao tentarem salvar a vida do Dr. Francisco Bernardes acabaram por perder a deles, coitados!...* – dizia consternado o Tenente-Coronel Pinheiro Furtado.

– *Não sei o que passou pela cabeça do Dr. Bernardes! Ir por aí afora a incendiar cubatas!...* – observou um dos marinheiros presentes.

– *Cá p'ra mim, o homem tinha qualquer pacto com o demo... só pensava em fogaréus, labaredas dos infernos...* – disse outro, persignando-se.

– *Até se conta, que ele ficou assim com essa mania a partir da altura em que lhe incendiaram a casa...* – disse ainda outro.

– *Segundo consta – até porque ele não conversava sobre isso com ninguém – morreu-lhe a mulher e um filho nesse incêndio, ateado por dois escravos a mando de alguém...* – comentou Gregório Mendes, que o conhecia de Benguela.

– *De facto, sempre que ele via uma palhota, ficava de olhos embaciados, fixos, e transformava-se num homem muito diferente do habitual! Quando dávamos por ele já estava de tocha empunhada a deitar fogo nas cubatas que podia. Por várias vezes o*

admoestei e o proibi de voltar a repetir tais acções. Mas era em vão...

Pinheiro Furtado estava mesmo muito cabisbaixinho, pois não era à toa que se via morrer gente próxima. Tudo tinha acontecido assim: mal os curocas viram aquele branco de tocha em punho a incendiar as suas casas, gritaram que se fartaram naquela sua língua aos cliques e correram de zagaias apontadas ao incendiário. O médico, apanhado em flagrante, ainda tentou se defender. Mas foi impossível. Logo o manietaram e zagaiaram várias vezes, tendo de seguida tirado a roupa toda ao desgraçado até ele ficar com as suas vergonhas expostas. Alguns trouxeram água doce do rio, outros água salgada do mar, que deitaram logo por cima dele para o lavar do sangue e do pó e mais uma vez se espantaram com a brancura de pele daqueles seres que surgiam sempre do lado do mar. Os curocas começaram a pensar que talvez eles fossem meios peixes, brancos por fora como os peixes eram por dentro. Por isso eles achavam natural fazer com aqueles seres o que se fazia com os peixes... No navio, com o seu óculo assestado parecendo um canhão a sair de entre duas farfalhudas vissapas tais eram os seus bigodes, Pinheiro Furtado observava lá longe os acontecimentos. Sem poder chegar a tempo de salvar o infeliz médico e farto de ver o circo que estava a acontecer junto do rio, ainda por cima com o cadáver de um dos seus, emproou-se e expediu ordens precisas:

– Tenente Sepúlveda, leve dois homens, dê uma lição a esses selvagens e traga o corpo do malogrado Dr. Francisco Bernardes!

Logo a seguir, aguardou que os três militares estivessem perfilados na sua frente, levantou o sabre e gritou a todos os pulmões:

– À carga, meus bravos soldados!!

Os soldados entreolharam-se sem saber muito bem o que fazer, pois ainda se encontravam no interior do barco, ouviram o toque da corneta e o rufar do tambor e começaram a marchar no convés. O Comandante, já irritado com aquilo, gritou bem alto:

– Mas não estão numa parada! Ó Tenente, leve esses soldados imediatamente ao ataque.

Perante as hesitações do oficial, só então o Comandante percebeu que o portaló ainda não estava arreado. Desfeito o

embaraço, lá desceram os atacantes até ao escaler que os levou à praia. Logo que começaram a ver alguma coisa, estranharam uma mancha escura na praia que mexia muito.

– *Até parece formiga kissonde!*– observou um marinheiro.

– *Será?*– duvidou o outro marinheiro. Mas quando chegaram mais perto é que viram bem. A tal mancha escura era uma autêntica multidão de curocas atraídos pelo cantar do cornetim e pelo ralar do tambor. Mal o escaler chegou a tal mancha escura afogou-o. Nem tempo tiveram para se defender, quanto mais para atacar. Para os curocas tinha sido um dia farto em pescaria. No barco, o Comandante sufocou de pasmo e deixou cair o óculo que se despencou no joelho dum marujo que, coitado, lançou um angustiado ui-i-i-i e saiu pécoxinhando pelo convés. Mal disposto, o Comandante mandou apanhar o amolgado óculo, arreganhou um cala-boca no marujo e mandou logo mais um escaler, com alguns marinheiros, para tentar socorrer quem pudessem. Depois, acabrunhado, foi directo para o seu camarote para ali aguardar, no aconchego do seu recolhimento, notícias que, antecipadamente, já conhecia. Pouco depois, para além da confirmação das más, chegaram também as boas novas da chegada da expedição de Gregório Mendes.

– *Pois, foi muito penoso para mim ver morrer nos meus próprios braços o pobre do Sepúlveda, sem poder fazer nada por ele. Foi o único que ainda teve forças para correr até ao escaler, mas, o profundo rasgão aberto no peito por uma zagaia deixou-o exangue... e, em breve, se finava.*

Depois, o Comandante se virou para Gregório e lhe disse:

– *O que eu teria gostado mesmo de fazer era ter ido atrás desses malfeitores e dar-lhes o merecido correctivo! Mas, depois do desaire do tenente Sepúlveda e seus soldados... preferi aguardar pela vossa chegada, pelos reforços.*

– *Quando chegámos já os curocas tinham abalado de vez! Desapareceram como se a terra os tivesse tragado...* – observou Gregório.

– *E assim não levaram a lição que mereciam...* – murmurou Pinheiro Furtado nervoso. De seguida, levantando a voz, gritou – *Ficaram só com a que pude dar-lhes!...*

E os seus interlocutores ouviram, espantados, como tinha sido a lição dada pelo Comandante aos malfadados curocas.

– *Resolvi punir os selvagens com imaginação...*

Num salto, Pinheiro Furtado levantou-se e, de braços abertos em cruz e com os magníficos bigodes meio destorcidos, gritava:

– *Assim, em memória dos falecidos, eu, o Comandante desta expedição, rebaptizo o Rio Bero em cujas margens foram mortos os meus camaradas de armas. Que os ventos levem as minhas palavras até aos secos ouvidos dos naturais desta terra...*

Depois, baixando os braços e olhando para o local onde se tinham finado os seus companheiros, continuava dizendo, ainda emproado:

– *Ficam a saber que, para vosso castigo, a partir d’agora este rio que era vosso deixará de o ser. Vosso era o Rio Bero, não este que de agora em diante passará a chamar-se Rio das Mortes!...*

Por algum tempo foi ainda perorando o Comandante, no silêncio geral, até que, virando-se para Gregório Mendes lhe pediu que, em memória dos falecidos, passasse a chamar aquele rio pelo novo nome e que o escrevesse no relatório da sua viagem e no mapa que estava a desenhar.

– *Assim mesmo! Foi com imaginação que resolvi castigar esses curocas malvados. Doravante deixarão de ter o seu rio. Sim!, porque um rio que muda de nome deixa de ser esse para passar a ser um outro qualquer!...*

António Jardim, que o ouvia atentamente, começou a duvidar da sua sanidade mental. Lembrou-se então do outro Pinheiro e pensou que os deste nome não se davam lá muito bem naquelas terras! A secura do clima a somar à força dum vento carregado de areias devia ser a causa do emperramento dos maquinismos dos seus cérebros, ficando assim meios zucas das cachimónias. Coitados dos Pinheiros! Não seria melhor tratarem de mudar o seu nome para Casuarina, essa árvore parente próxima do pinheiro que é muito mais resistente a estas securas?... O tempo passou e as árvores que um dia vieram a ser plantadas por aqueles desertos em fora, para conter as suas ondas de areia ou para debruar os oceanos, foram mesmo as casuarinas. Dizem até que, no meinho

delas, no mesmo local onde havia sido enterrado o voluntário Manuel Pinheiro, cresceu e perdurou um mirrado pinheiro que, melhor do que as próprias casuarinas, conseguia resistir às mais fortes tempestades de areia...

António Jardim foi arrancado, subitamente, dos seus pensamentos.

– *Rio das Mortes! Rio das Mortes!* – gritava o Comandante, arregalando os olhos de tal maneira que os demais pensaram novamente que ele não estaria muito bem da cabeça.

– *Agora, esses assassinos vão ter o que merecem! Ficaram sem o seu Rio Bero e agora vão ficar, também, sem a sua Mussungo Bitoto. A partir d’agora, esta terra já não se vai chamar mais assim, nem sequer Angra dos Escravos ou Angra do Negro! Fica rebaptizada para sempre com o nome da terra natal do Sua Excelência o Barão de Mossamedes e Governador de Angola e Suas Conquistas* – continuava a gritar mais punições, o excitado Comandante.

Lá longe, em Loanda, encostado aos balaustres da varanda do Palácio, o Governador deixava o olhar derramar a sua inquietação para lá das montanhas que se perfilavam a Sul. Há muitos dias já que aguardava notícias da Expedição que rumara às longínquas terras da Angra do Negro. Mas naquele dia sentia-se invulgarmente inquieto e não tinha parado de perscrutar o horizonte. Até parecia que ouvia “coisas” de tanto aguardar que algo acontecesse.

– *Iria jurar que ouvi gritar Mossamedes, Mossamedes...*

– *Viva Mossamedes! Viva Mossamedes!* – gritavam os marinheiros, fazendo coro com o seu Comandante que, entretanto, pegava num pouco de terra daquela terra que ia deixando cair devagarinho no chão, parecendo até que estava a fazer uma kimbandice qualquer. António Jardim s’arrepelou todo e pensou que, provavelmente, estariam já todos marados nos xinguilamentos do Comandante Pinheiro Furtado, como se fora uma cena de histeria colectiva. De facto, ele sempre ouvira dizer que o deserto era fértil nessas coisas... Se benzeu para esconjurar alguma fantasmosa criatura que pairasse por ali, pegou no cantil e sorveu devagar um

pouco de água. Deu um estalido com a língua e verteu de seguida o que restava na concha das mãos, refrescando o rosto. Sentiu-se muito melhor e aguardou que o cerimonial chegasse ao fim.

Quando tudo se aquietou, as conversas derivaram para outros caminhos, abordando loisas e coisas sobre o que fariam nos dias que estavam para vir. Ficou então acordado entre os responsáveis pelas expedições, que os que tinham vindo por marítimos caminhos voltariam a Benguela dali a dois dias e que os que tinham singrado por terrestres carreiros continuariam em reconhecimento daquelas terras até às faldas da Serra da Chela. António Jardim ficou contente com essa decisão.

– *Assim não fico por aqui abandonado entre os curocas. Pelo que pude perceber, não seria nada bom para mim... ou então, ainda acabava sob a protecção da velha cega que tudo vê...* – ironizou Jardim, já um pouco atarantado com a ideia de ficar por ali a tentar descobrir os caminhos até à Huíla. Apesar do ambiente não ser propício, os outros riram-se com a observação, depois de Gregório ter contado aos marinheiros a estória da referida velha.

No oitavo dia de Novembro a caravana levantou arraiais no seguimento das indicações do seu comandante. O Rio das Mortes, agora já não o Rio Bero, encontrava-se ali mesmo em frente, pelo que iniciaram a viagem, seguindo o seu curso. Seguiram-se algumas horas de caminhada fresca de tempo e de água doce, em que puderam manter uma boa dieta de peixe de rio e de carne de carneiro. Estes iam sendo apanhados de quando em quando, somando um total de oitocentas cabeças numa semana. Entretanto, as chuvas obrigaram-nos a acampar a dois dias apenas do Bumbo. Logo que houve uma aberta, a caravana recomeçou a andar e inflectindo para Nordeste deu de caras com altas montanhas. Passado o Ondjila Hulo continuaram a avançar até ao Bumbo, próximo de Capangombe, chegando à região do Vintiava a 23 de Novembro. Foi então que ouviram dizer que o conhecido sertanejo, João Pilarte da Silva andava por ali, a negócio.

– *Gostaria de encontrar esse velho amigo. Já não o vejo há uns bons anos...* – disse Gregório a António Jardim, que cavalgava ao seu lado.

– *Eu também tinha muito interesse em conhecê-lo...* – disse Jardim, enquanto a memória lhe fugia até Loanda, para os Arquivos do Palácio, onde estudara aquele precioso documento que fora redigido na Huíla pelo singular sertanejo.

Os homens iam bem dispostos, descansados e com vontade de ficar por ali algum tempo mais. As suas cantorias passaram a ser a voz do sertão e até os animais se calavam e se escondiam nas suas tocas, atemorizados com tanta agitação. O clima ali era mais ameno que o de Benguela e as próprias terras mostravam ser muito mais férteis e melhor trabalhadas, encontrando-se os seus habitantes diligentemente a adubá-las e a irrigá-las. Gregório Mendes, visivelmente satisfeito, não se cansava de tecer encómios à região.

– *Nasci neste país e por aqui ando já há tantos anos, mas... é notável que das muitas observações que tenho feito, veja aqui exemplo único entre os negros menos civilizados.*

– *Como assim?...* – interrogou António Jardim.

– *Há-de reparar que esta abundante produção da terra corresponde, de facto, ao cuidado do gentio que logo lhe lança a semente, imediatamente após a colheita do antigo fruto que sempre existe sobre a terra.*

– *Na realidade, nota-se que o gentio aqui é trabalhador e mais produtivo. Daí se encontrar melhor alimentado e apresentar uma maior robustez física* – observou Jardim, concordando com Gregório. Este, que não parava de se espantar, continuava a opinar:

– *Outra coisa que mostra o engenho desta gente é o benefício que tiram de açudes que constroem para deter e repartir as águas que lhes sobejam, quando as chuvas por si não lhes bastam.*

António Jardim estava verdadeiramente satisfeito. Há já muito tempo que não sabia o que era estar assim tão bem disposto e, sobretudo, optimista.

– *Espero que a Huíla também seja assim!* – murmurava a cada passo.

Quando a caravana chegou ao Bumbo, os naturais que habitavam nas inúmeras aldeias do rio, provavelmente assustados por terem tido notícias más sobre os estranhos que se aproximavam, que não passariam de capianguistas de carneiros e bois, fugiram e

foram ocupar o ponto mais alto daquele lugar. Gregório Mendes mandou emissários até eles. Depois de muita conversa, que levou três dias a desenrolar-se, cinco embaixadores do Muene Bumbo²¹ acabaram por descer até ao terreiro para pôr a público as suas falas e os seus interesses. Mas o Soba, esse mesmo nunca apareceu, nem sequer depois de Gregório lhe ter enviado presentes embrulhados em falinhas mansas. O Muene tentava ganhar tempo e se perguntava a ele mesmo se aquele branco julgava que ele, Senhor do Bumbo e das Regiões afins, era parvo ou ingénuo. Toda a gente ali estava farta de saber que não ganharia nada com a chegada daquela caravana, antes pelo contrário, era um perigo tê-la ali no centro da sua terra! Onde ela passava, aiuê!, seus donos desconsigliam de ver mais as suas vaquinhas, os seus carneirinhos e cabritinhos. Sobravam só no rasto dessa caravana quilómetros e quilómetros de fefenhados²² ossos, esqueletos inteiros de vacas, de carneiros e de cabritos. Mas o branco era poderoso e insistente e o Muene Bumbo, contrafeito, lá aceitou ser recebido por Gregório Mendes, o que veio a acontecer na tarde do dia 29 de Novembro. Foi recebido com o barulho que a guerra preta fazia, atroando os ares com os seus cantares e danças guerreiras. Tudo aquilo a que os expedicionários chamavam festa em homenagem ao Senhor da Terra, o Muene Bumbo interpretava como uma forma bárbara dos estrangeiros mostrarem a sua força e de lhe exigirem submissão. Foi fingindo que não tinha percebido nada, que achava a festa muito agradável e assim foi recebido no meio do terreiro onde se encontravam o Chefe da Expedição, o Capitão-Mor da Huíla, o Porta-bandeira com ela toda desfraldinhada, e os soldados a rufar as caixas e a tocar cornetim. Gregório cumprimentou o Muene Bumbo e convidou-o a sentar-se na sua frente. Depois de uma curta ladainha de cumprimentos num português misturado com umbundu, logo traduzido pelo intérprete, Gregório ofereceu ao visitante diversas peças de vestuário e muitas promessas de amizade e cooperação. Mostrando estar satisfeito com a recepção,

²¹ Senhor do Bumbo.

²² Comer chupando os ossinhos todos até nada restar.

o Muene Bumbo pediu a palavra e fez um discurso muito aplaudido mas muito pouco entendido. Logo a seguir, adiantando algumas desculpas, retirou-se na companhia dos seus conselheiros e regressou à sua residência. Antes de se deitar, Gregório Mendes ainda teve tempo para escrever algumas notas no seu caderninho:

“Se o temor de fastidiar com a narrativa mais extensa me não impedisse maiores reflexões, com quanta satisfação não descreveria miúda e particularmente uma região que não tem semelhante pelo físico do clima, abundância natural, posição feliz e perspectiva agradável em todos os sertões que em África Ocidental reconhecem o domínio de Portugal. O maior serviço a Sua Majestade será a vassalagem do Muene Bumbo, pois que, desse modo, ficaria sumamente fácil a comunicação com o Porto de Mossamedes, que do sobado se podia prover de gados e de mantimentos”.

No outro dia a caravana continuou a sua viagem, inflectindo para norte, onde encontraram outros potentados que nunca mostraram qualquer agrado pela chegada da expedição. A antipatia, por todo o lado demonstrada, acabou por tomar expressão mais violenta, quando, chegada a noite, os da terra aproveitaram as suas sombras para invadir o acampamento dos recém-chegados. Mas Gregório Mendes era um homem muito experimentado mesmo naquelas makas do sertão e conseguiu fazer fracassar logo, desde o primeiro acto, o plano inimigo. Apanhou um dos infiltrados que se preparava para deitar fogo ao depósito da pólvora, com o objectivo de criar confusão e permitir a entrada no acampamento dos guerreiros que se encontravam escondidos nas matas próximas. Foi ele próprio que deteve o intruso, deitando-lhe a forte manápula ao cachaço e arrastando-o até ao centro do acampamento. Chegado aí, atroou os ares calmos da noite com os seus gritos:

– Vita! Vita! Enforca já este selvagem aí nessa espinheira. Que fique o corpo desse ladrão pendurado durante um dia para exemplo dos outros!

O quimbare deu vários pulos de contentamento e riu muito, como sempre ria em situações semelhantes, deixando ver a dentadura branca que reflectia a rubra cor da chama das fogueiras.

O prisioneiro, que tinha ficado entontecido com o chapadão que recebera no cachaço, despertou completamente naquele momento e ficou estarrecido ao ver o sangue brilhar nos dentes de Vita. Este agarrou e arrastou o desgraçado que foi esperneando e gritando até ficar pendurado na espinheira mais próxima. No outro dia a notícia daquela execução correu, célere, por todo o lado. Os da terra ficaram fulos de raiva e não se cansavam de questionar por que razão os estrangeiros tinham morto um guerreiro daquela forma tão pouco própria dos homens, assim pendurado pelo pescoço como se faz a um bicho qualquer para se lhe tirar a pele!... Furiosos, resolveram atacar o acampamento dos invasores, mas as armas de fogo dos atacados fizeram-se ouvir nos seus estrondos e se os assustaram muito, mataram-nos melhor ainda. Gregório Mendes excitado, andava sempre de um lado para o outro a verificar se tudo estava a postos e se não havia falhas que pusessem em risco a vida da sua gente. António Jardim pôde observar mais de perto como aquele homem era bravo e astuto na guerra, como era calmo e inteligente na paz. Quando tudo fazia prever que o ataque iria terminar, pois os atacantes tinham tido inúmeras baixas, Gregório determinou que aquela seria uma boa altura para divertir os seus quimbares. Assim, deu ordens na guerra preta para sair do arraial e castigar os rebeldes. Os matos limítrofes encheram-se de gemidos de agonia e o próprio sol se escondeu por trás das nuvens escuras que começaram a enlutar os céus. Ao cair da noite, os guerreiros de Gregório Mendes regressaram ao acampamento com os olhos a brilhar como lâminas de zagaia, transportando um saque de dezassete gordas vacas.

– *Mais assado no espeto dos estrangeiros, menos ruminantes nos sambos dos habitantes* – disse um soldado com ironia, a deixar ver uma boca a salivar pelo churrasco que se adivinhava.

Nessa noite, Vita, o chefe da guerra preta, gargalhou a sua alegria... No escuro dos matos só as hienas riam como ele.

Logo pela manhã, a caravana avançou até à Ondamba, aquele lugar que acabaria por ser mais conhecido por Tampa, talvez porque tivessem retirado a tampa do gargalo do céu e dele não tivesse deixado mais de cair a chuva. E assim acabariam por ficar ali uma

semana, sempre à espera que o bom tempo chegasse. Acabaram por desistir de esperar e avançaram mesmo assim, três dias inteiros molhados até chegarem ao Bentiaba e logo depois às margens do rio Quipe, onde viram muito arvoredado e pastagens com muita caça. Naquele local permaneceram a descansar e a secar tudo aquilo que se encontrava molhado. Recomeçaram a viagem de novo a caminho do Bumbo e assentaram arraial junto dum monte, após os habitantes daquele lugar terem fugido para o cume, com receio da caravana.

Com cuidadoso tacto, Gregório foi procurando e convencendo os fugitivos das suas boas intenções e das proveitosas relações que queria empreender com eles. Quando os mundombes lhe perguntaram se era verdade mesmo o que lhes tinha chegado aos ouvidos sobre o desaparecimento do gado à aproximação daqueles estranhos, Gregório Mendes respondeu que não, que os da caravana eram todos boas pessoas, que nunca tinham feito mal a ninguém mas que, de facto, se alimentavam como qualquer mortal, pelo que lá iam comendo, de vez em quando, um carneirinho, outras vezes um boizinho só, nada de mais. Os mundombes fingiam acreditar e aceitaram, medriquentos, ir até à beira do acampamento só para observarem mais de perto os forasteiros. Iam dizendo que sim senhor, que confessavam o receio que tinham dos brancos e dos que viviam com eles, pois sempre que podiam os atacavam de surpresa para lhes roubar o gado. Gregório foi-lhes respondendo que não senhor, que não era bem assim, que havia gente neste mundo muito mal intencionada, divertindo-se com o mal dos outros, que Sua Majestade o Muene Puto era uma garantia maior do que qualquer outra! Os mundombes esboçaram só um sorriso pequenino e aceitaram a explicação, mas os seus olhos soslaiavam os fundos do acampamento onde os quimbares iniciavam o esquartejamento de dez bois e trinta carneiros só para as refeições daquele dia. António Jardim também se riu de fininho quando viu os visitantes a espreitarem os preparativos das refeições, enquanto o astuto Gregório tentava adormecer a sua desconfiança com autênticas canções de ninar.

– *Como é ladino o Gregório!* – murmurava o Capitão da Huíla, ao assistir à entrega dos presentes aos convidados mundombes.

Acabada a visita, lá foram eles embora com alguns panos de linho, cauris e jeribita, mais umas missangas, tudo por troca com alguns bois e carneiros para matar a fome dos visitantes. O gentio tinha matutado muito e chegado à conclusão de que era mais seguro matar a fome dos invasores antes que a fome deles os matasse a eles; guerreiros de barriga cheia são potencialmente menos perigosos que os de barriga a ronronar de fome...

E a marcha lá foi continuando, sempre difícil quando o terreno era pedregoso e areento. De quando em quando, lá dava encontro em pedras diferentes, plantas estranhas, gente nunca vista. Houve até uma planta, de grande porte e de folhas carnudas que faziam lembrar grandes línguas de boi, que passou despercebida sem se saber porquê. Era tão singular que, ao contrário da maioria das outras, alimentava-se dos insectos que poisavam nas suas folhas. Era muito estranha aquela planta! Mas até Gregório Mendes, que conhecia tanta coisa dos matos e que sobre tudo escreveu no seu caderninho de notas, terreno, clima, flora, fauna e povos, se esqueceu de a mencionar. Ao voluntário Pinheiro não teria passado despercebida se ele ainda estivesse vivo. Cento e setenta e quatro anos mais tarde, alguém a viu e não deixou de a referir no seu caderninho de notas... Na História ficou que foi outro que viu primeiro a tal planta e lhe deu o seu próprio nome²³. Foi numa manhã que, de repente, toda a caravana estacou e se ouviu uma exclamação da parte dos quimbares que tinham o kimbundo como língua-mãe:

– *Huaaa!! Jikula omessu, uala mu Híla!*²⁴

Os olhos de todos ficaram presos lá nas alturas, estonteados de vertigens nas altas e majestosas montanhas que anunciavam finalmente o Planalto da Huíla.

– *Híla! Híla! Híla!* – gritaram os guerreiros quimbares, os altos cumes eram a direcção dos seus dedos e a mira dos seus olhos. Gregório Mendes fez estacar a sua montada em empinado salto, se aproximou de António Jardim e fitando as nuvens exclamou:

²³ Trata-se da *Welwitschia Mirabilis*, estudada e divulgada pelo naturalista austríaco, Friederich Welwitsch, em 1859.

²⁴ Abram os olhos, estamos na Huíla!

– *Huíla! Finalmente a Huíla!*

De seguida, esporiou o cavalo e se dirigiu com umbundas palavras aos chefes da guerra preta, que se preparassem para acampar, pois nessa noite o sono iria visitá-los ali mesmo, no sopé das grandes montanhas que separavam o planalto do deserto. Ao Porta-bandeira Luís Cardoso, que se aproximara entretanto, disse-lhe que preparasse os seus soldados para o regresso. No outro dia, logo pela manhã, iniciariam a viagem de retorno a Benguela.

– *Descanse esta noite pois amanhã o dia vai ser duro. Daqui para a frente é sempre a subir até tocar no azul do céu. Só quando sentir o frescor da brisa a escorregar pela sua pele é que terá a certeza de estar no Planalto* – poetou Gregório Mendes para António Jardim, cujas palavras macias se deviam ao facto do destino se estar quase a cumprir. Afinal, tudo tinha corrido bem!

A noite foi longa para o Capitão-Mor da Huíla. Um frio que ele nunca sentira, nem na infância passada na Ilha, enregelava-lhe a pele e encarquilhava-lhe os ossos. Pela madrugada começou a sentir-se doente, os dentes a ximbicarem²⁵ uns nos outros ao som de uma marimba que lhe vinha do delírio da febre, tudo se misturando como milho e massambala²⁶ no mesmo pilão. Um grito soltou-se da sua garganta seca quando, do negrume da noite, lhe surgiu um gigantesco mundombe de branca e afiada dentadura que desaguava em larga e encapelada cicatriz. No seu peito arfante de febre, o mundombe cravava um afiado mucuale²⁷, mas o sangue conseguia de jorrar e sufocava-o por dentro. O Capitão, num esforço enorme, soltou-se... e acordou esparramado no chão, ao lado da sua cama. Logo depois ouviu uma voz familiar:

– *Então meu Capitão, o que é que lhe aconteceu! Teve algum pesadelo? Gritou tão alto que até parecia que o matavam. E pelos vistos prefere dormir fora da cama...*

Gregório ia falando e gozando com a posição cómica de Jardim, estatelado no chão. Mas estava na hora de regressar a Benguela,

²⁵ De ximbicar, empurrar. Quando se faz mover uma embarcação com a ajuda de varas que ximbicam o fundo do rio ou do mar baixo.

²⁶ Cereal, sorgo.

²⁷ Facão de dois gumes.

o caminho era longo e os homens começavam a impacientar-se. Ao fundo, na linha do horizonte, um leve clarão cor-de-rosa anunciava que o sol estava quase a despertar.

– *Não me sinto bem! Acho que estou com febre. Dói-me o corpo todo* – disse impaciente António Jardim.

– *De facto está com mau ar! Deixe ver...* – observou Gregório Mendes enquanto encostava a sua mão à testa do amigo.

– *Pois é! Assim Vossemecê não vai a lado nenhum. Tenho que resolver isto de outra maneira.*

Lembrara-se que lhe haviam dito que por ali andava, a negócio, o seu velho amigo João Pilarte. Teria que o descobrir o mais depressa possível, porque só ele os poderia valer naquela situação.

– *Vou ver se encontro o meu velho amigo João Pilarte para ver se ele fica com o meu capitão e depois o acompanha até à Huíla, onde reside. Fique descansado que eu não me demoro...*

E, sem mais delongas, lá partiu Gregório Mendes à procura do velho sertanejo.

António Jardim fechou o olhos e deixou-se adormecer num leve torpor. Acordou três horas depois, já o sol resplandecia, quando Gregório Mendes chegou acompanhado de João Pilarte da Silva. Este era magro e alto, e sua aparente fraqueza contrastava com o brilho forte e decidido dos seus olhos.

– *Aqui está o nosso Capitão. Logo agora, quase a chegar ao destino, é que havia de lhe dar a maleita. Felizmente andava o meu amigo Pilarte por estas bandas, senão... não sei mesmo como faria?!*

Gregório desmontou do relinchoso cavalo e levou o seu amigo até à beira de António Jardim. Se cumprimentaram e Pilarte disse que, provavelmente, o Capitão-Mor estaria com febre de sezão, uma doença comum naquelas terras e muito perigosa também. Só não sabiam, então, que os mosquitos que andavam por ali bem podiam ser os responsáveis por tal febre.²⁸

²⁸ Só a partir de 1870 se vulgarizaram os mosquiteiros nas zonas insalubres, devido às descobertas de Beauverthuy que associam o mosquito à transmissão do paludismo.

– *Antes de mais é necessário acalmar o doente com bungululo²⁹, uma beberagem feita com a casca de certa árvore* – disse João Pilarte, enquanto retirava as raízes de uma sacola de pele. Depois, colocou-as numa caçarola, adicionou um pouco de água, e levou-a ao fogo. Quando a beberagem ficou pronta, deu-a a beber ao doente.

– *Mas, que mistela é esta? Sabe tão mal...* – protestava António Jardim, tentando cuspir a infusão. Pilarte agarrou-o firmemente e acabou por conseguir que o doente bebesse tudo o que estava na caçarola. Depois, pediu a Gregório um agasalho mais forte e preparou-o para a curta viagem até à sua habitação de Capan-gombe. Com ele foram também os cinco soldados destinados ao forte da Huíla.

Gregório Mendes, pesaroso com o estado de saúde de António Jardim, mas descansado porque ele ficaria em boas mãos, despediu-se e iniciou, de imediato, o regresso a Benguela.

João Pilarte logo que chegou à sua casa temporária, mandou que guardassem as bagagens do Capitão e deitou-o numa tarimba que mandara fazer com paus e casca de árvore.

– *Então o senhor, meu Capitão, vai ser nosso vizinho lá no planalto! Na Huíla já se comentava há algum tempo que estaria para chegar o novo Capitão-Mor. O meu irmão faleceu há dois anos e... já se começava a sentir por lá a falta duma autoridade!*

– *Pois, eu apercebi-me logo que o Capitão-Mor da Huíla que eu ia substituir tinha o mesmo apelido que o seu. Em Loanda informaram-me que iria substituir o Capitão Paulo Pilarte da Silva. Mas também sabia que havia outro Pilarte da Silva a viver na Huíla, daí que tenha deduzido que fossem da mesma família* – observou António Jardim, agora quase desfalecido por causa do esforço despendido.

– *Pronto, pronto! Não faça mais esforços...* – disse Pilarte, enquanto acomodava o seu hóspede o melhor que podia, até porque aquela cubata era só um lugar de passagem nos seus negócios pelo sertão, sem qualquer comodidade. Saiu por momentos e foi

²⁹ Árvore com propriedades medicinais. A sua casca é usada para fazer baixar a febre.

dizer aos soldados do Capitão que podiam acampar na parte detrás da casa, numa clareira que ali havia. Quando regressou, começou a preparar mais uma dose de bungululo.

– *Beba isto! Vai ver que daqui a três ou quatro dias se vai sentir melhor. Devagar, vá, não sabe bem, mas cura* – ia dizendo João Pilarte enquanto fazia o doente engolir de novo a beberagem.

Com o sertanejo encontrava-se o seu pombeiro³⁰ Simão. Era este que se encarregava de contratar os carregadores, de os controlar no transporte das mercadorias e de os dirigir. Quando a quibuca saía com as suas bandeiras estampadas, desfraldadas ao vento, o pombeiro mandava que os carregadores pegassem nos olumangos, os carregassem com mais ou menos trinta quilos de mercadoria, os levantassem depois de prontos e os pusessem aos ombros. Nessa altura, dirigia-se ao sertanejo, dono da quibuca:

– *Tudo pronto! Podemos então começar a viagem!*

O sertanejo repetia então o português em nhanekas palavras:

– *Kuápua, tu pondola okuenda pahe!*

Era a confirmação da autorização que o Pombeiro tinha para a quibuca iniciar a viagem. A caravana saía com os quibuqueiros a entoar as suas velhas canções e com muita gente a assistir, pois tal era sempre um acontecimento.

Pilarte se virou então no pombeiro Simão e lhe segredou que era necessário mandar outro pombeiro a dirigir a quibuca, quiçongo mesmo, pois Simão teria que ficar em Capangombe até ao restabelecimento do Capitão. António Jardim precisava ganhar forças para poder subir a Serra da Chela.

Passada uma semana, como o doente ainda estivesse fraco, João Pilarte iniciou o seu regresso pois tinha muitos afazeres no Planalto. Em Capangombe ficaram o pombeiro Simão e o Capitão António Jardim até este ganhar as forças necessárias para fazer a grande escalada até à Huíla.

No décimo dia do primeiro mês do novo ano de 1786, o novo Capitão-Mor da Huíla iniciava finalmente a escalada da Serra da

³⁰ Responsável pelos carregadores da caravana sertaneja, a quibuca. O mesmo que quiçongo.

Chela, até a uma altura de cerca de dois mil metros, onde começava o Planalto. A subida fez-se pelo medonho Bruco, aquela rampa escavada na montanha, quase a pique, como se o topo dela se escondesse dos homens lá nos ilimitados céus. Apesar da dificuldade, António Jardim gostava mais das montanhas do que do deserto. De montanhas estava ele de certo modo habituado. Eram também altas as montanhas da sua ilha: o Pico Ruivo, o Pico do Areeiro, o Pico do Juncal, o Pico das Torres! Mas como tudo isso estava tão perdido... perdido nos longes do tempo e nas lonjuras do espaço. E ali se encontrava ele, naquela imensidão de terra, onde a altitude não era só a dos picos, mas da própria terra que se espalhava tão alta e sem limites como os mais altos montes da sua terra natal. Na sua ilha, as montanhas tinham crescido muito e se levantavam orgulhosas nos seus quase dois mil metros de altura, e aí também se encontravam terras quase tão altas como aquelas ali à sua frente, como o Paul da Serra, lá longe também a cutucar as nuvens... Nada do que via lhe era totalmente estranho. Estranho mesmo era, sobretudo, a dimensão de cada uma das terras. Aquela, presa à pequenez duma ilha perdida no oceano; esta, solta na vastidão dum continente.

Capítulo V

"[...] deste gentio de Hila vem onde estão as salinas, poucas legoas de Benguella, onde está hum sova senhor daquela administração do sal, que chamão a seus vassallos os Modombes [...]; ali vêm como dizemos, resgatar o de que necessitão, trazendo em desconto seu marfim e outras couzas da sua terra [...].

(Cadornega– *História Geral das Guerras Angolanas*, Tomo I [1680], Lisboa, 1940)

– *Já se vêem algumas casas da povoação!*

Simão apontou para o casario, um pouco disperso, que se via nos longes.

– *Vamos! Ainda temos um bom pedaço para andar. A casa da família Pilarte é na outra ponta da terra.*

António Jardim olhava para tudo com a curiosidade própria da primeira vez. Olhou, olhou... só depois comentou:

– *Nunca pensei que fosse tão penosa esta viagem até aqui! De qualquer forma, parece que valeu a pena. A paisagem é soberba e o clima é magnífico!*

O recém-chegado Capitão-Mor aspirava cada cheiro novo e ouvia o cantar dos pássaros como se fosse a primeira vez que os ouvia nos seus trinados. Na verdade, tantos assim a voar ao mesmo tempo, era a primeiríssima vez. O seu companheiro de viagem, apercebendo-se do espanto do Capitão, resolveu dizer algumas coisas do que sabia sobre aquela passarada:

– *É bom de se ouvir esses pássaros, não é? Mesmo que me colocassem um pano nos olhos para eu não ver, só pelo cantar da passarada eu saberia que tinha chegado à Huíla. Não há como aqui!*

– *De facto eu também nunca vi nada assim. São aos milhares!*

Simão, fazendo-se valer dos seus conhecimentos do olunhaneka, a língua da terra, disse:

– *A passarada marcou e marca tanto esta terra que lhe deram o nome de pássaro.*

– *Como assim?* – questionou Jardim sem perceber.

Simão sorriu e explicou melhor:

– *É que, a palavra Huíla vem de “ila”, que quer dizer pássaro. Um pássaro diz-se “otchi-ila”; vários diz-se “e-ila”. Eu, por acaso, nunca tinha pensado que Huíla e “ila” era a mesma coisa. Mas, uma vez ouvi alguém a falar sobre isso e pensei que talvez fosse mesmo essa a explicação do nome desta terra.*

Jardim achou curiosa a explicação do nome “Huíla”.

– *A terra dos pássaros. Como é bonito!*

Na verdade, se viam muitos por todo o lado, em bandos que cobriam o céu como nuvens; que piavam, chilreavam, saudando quem passava. A recepção não podia ser mais agradável.

O visitante também gostava daquele cheirinho bom que lhe chegava dumas vissapas quando o boi cavalo em que viajava as esmagava no trajecto.

– *Este perfume que se sente no ar, vem daqueles arbustos?*

Simão sorriu, desceu da sua montada, apanhou uns tantos raminhos e deu-os a cheirar ao Capitão.

– *É nompeke¹, meu Capitão. Há muito por aqui. É um arbusto com bom cheiro e é usado para se fazer um óleo que as mulheres da povoação usam para amaciar os cabelos.*

O recém-chegado Capitão-Mor da Huíla estava satisfeito com as primeiras impressões. Cansado mas satisfeito, com as narinas deleitadas pela frescura do clima e pelo perfume que a brisa lhe levava. O céu estava muito azul e o sol era morninho nos seus afagos. Nada que se comparasse a Loanda ou a Benguela! Uma benção, depois daquela viagem pelo deserto e após aqueles dias de febre de sezão.

Cada um escarranchado no seu boi-cavalo, com dois quimbares de guarda de canhango² na mão, andando vigilantes um em frente de cada boi, mais os cinco mal dispostos e cansados soldados,

¹ Planta de cheiro forte e perfumado. Ximénia americana.

² Arma de fogo antiga, de fabrico artesanal.

encontravam-se já bem a caminho da povoação, que era pequena e dispersa ao longo da margem esquerda do Rio Lupolo e logo abaixo duma bonita cascata. Dali se podia ver a nascente e, a sul, as serras do Pituaco e da Catala; pelo norte e oeste, o arco montanhoso da Palanca e da Mucha a abrigar o casario dos ventos fortes daquelas bandas.

À medida que se iam aproximando, tornava-se mais audível o som do sino da igreja, cuja padroeira era Nossa Senhora das Lágrimas, e menos perceptível a linha do horizonte, com o cacimbo a escurecer o final do dia.

Jardim e Simão entraram finalmente na casa dos Pilarte, uma habitação térrea, simples, de adobe com tecto de colmo. Para trás ficavam os armazéns, o terreiro e a sanzala dos quimbares e da escravaria, as hortas, os terrenos de cultivo e os currais do gado. Foram apresentados à família Pilarte: a mulher, D. Feliciano, e seus filhos, Huilana a mais velha, Pedro, o mano seguinte, Juliano e Francisca os dois caçulas, muito mais novos que os outros. António Jardim gostou logo daquela família, mas, mais do que isso... Huilana não lhe passou despercebida desde o primeiro momento em que a viu. Era mesmo um doce de manga aquela Huilana, e que sorriso simpático ela tinha, emoldurado por um rosto bonito e por uma boca de lábios vermelhos e carnudos que deixavam ver uns dentes pequenos e certinhos que lhe fizeram lembrar qualquer coisa... dos seus tempos de Loanda! Sorriu ao recordar-se de outros dentinhos que ficaram marcados numa das nozes de cola com que o destino tinha adoçado os seus afectos. E sorriu novamente ao pensar que a moldura era só diferente na cor... enquanto em Loanda os dentes brancos contrastavam com a pele escura-bronze de uma prima do seu amigo Jesuíno, na Huíla eles sobressaíam na pele dourada-trigo de Huilana. Esta, pelo seu lado, também parecia achar o recém-chegado agradável e simpático e fazia deslizar os dedos pela sua longa trança, que, com vaidade, deixava cair sobre um dos ombros.

O recém-chegado Capitão foi-se esforçando por desviar a atenção sobre a sua atraente anfitriã e de novo foi dizendo como havia conhecido o pai dela "antes mesmo de se terem conhecido em carne e osso".

António Jardim contou, para quem ainda não sabia, a estória do documento precioso que havia saído das mãos de João Pilarte e que se encontrava arquivado em Loanda. A relação da viagem que ele havia efectuado até às praias dos curocas tinha chamado a atenção dos Governadores de Angola, pela importância das informações que ela continha.

– Pois é!, tive o privilégio de ler a sua Relação, que se encontra bem guardada nos Arquivos do Governo e com o carimbo de SECRETO, a vermelho.

João Pilarte, visivelmente agradado pelas palavras simpáticas do Capitão, ofereceu mais uma bebida ao visitante.

– Um dia ainda vou contar melhor como tudo aconteceu. Os perigos que tivemos que enfrentar até chegarmos a essa maldita praia dos curocas!

A conversa foi correndo, correndo, até que as lamparinas quase ficaram sem óleo. António Jardim foi percebendo como o seu anfitrião era um homem especial, muito experimentado naquela região e um grande conhecedor daquelas terras do Sul. Mas os seus olhares continuavam a ser inevitavelmente atraídos por Huilana, enquanto ela por ali esteve, acompanhando sua mãe nas lides da casa. Ficou satisfeito em ficar ali hospedado e tinha a certeza de que noutra sítio não ficaria melhor.

– Boa noite! Espero que o senhor, meu Capitão, se sinta bem entre nós. Até amanhã. Durma à vontade até às horas que quiser...
– assim se foi despedindo o dono da casa. Jardim dirigiu-se ao seu quarto, despiu-se e estirou-se na cama. Não adormeceu logo como seria de esperar depois de tanta canseira. Por algum tempo ainda teve os seus pensamentos perdidos pela casa, procurando o sorriso de Huilana. Depois dormiu, dormiu até sentir o cheiro a pão fresco e o som duma voz bem timbrada que cantava. Afinal, naquela terra não eram só os pássaros que cantavam. Percebeu então porque razão ela se chamava Huilana! Lembrando-se da explicação de Simão sobre a palavra Huíla, um nome que tinha a ver com pássaros... Levantou-se da cama, espreguiçou-se e sentiu o prazer do despertar dos músculos. Dirigiu-se ao lavatório onde tinham posto água fresca, lavou-se e, já vestido, saiu e foi cumprimentar

D. Feliciano e Huilana que estavam presas às suas tarefas domésticas. Perguntou por João Pilarte:

– *O senhor meu marido já saiu há muito! Tem sempre imensa coisa para fazer. Hoje precisou de ir até à Hunguéria, para tratar do gado* – respondeu D. Feliciano, enquanto acabava de preparar a primeira refeição do dia.

– *Hunguéria?* – disse o Capitão sem perceber.

– *Ah! Desculpai-me senhor, esqueci-me que Vossa Mercê ainda só ontem cá chegou! Hunguéria é uma região aqui próxima. O nosso gado está lá pois as pastagens ali são das melhores.*

Depois da explicação, D. Feliciano apontou para a mesa onde se podia ver uma refeição mais reforçada que aquelas a que António Jardim estava habituado nos últimos tempos. Indicou o lugar ao visitante e desejou que ele gostasse da comida. Seguiu-se a oração de graças que sempre antecedia cada repasto. Jardim não escondia o seu contentamento pelas iguarias e pela companhia. Tanto tempo em marcha por terras agrestes, bebendo e comendo mal, faziam-no apreciar imensamente aquele momento.

– *Muito obrigado pela vossa simpatia e por esta bela refeição.*

Enquanto falava, ia olhando para Huilana que nada dizia e que quase sempre estava de olhos baixos.

António Jardim sentou-se e comeu com apetite. Depois, terminada a refeição, a conversa abordou variados temas. Entretanto ouviu-se a voz maviosa de Huilana.

– *D. Feliciano, vossa filha parece uma ave canora. Canta tão bem!*

A senhora agradeceu os elogios de Jardim, mas logo de seguida disfarçou a conversa. Humm!! Ela começava a desconfiar que, provavelmente, a presença daquele bem apessoado capitão iria trazer perturbações à sua família. Apreensiva, e como que a querer levantar obstáculos à ligação que, um pouco antes, imaginara já possível entre aqueles dois, pensou que o Capitão tinha má cor, aquele amarelo-esverdeado típico de quem sofria de febre palustre.

– *E então, como se sente Vossa Mercê agora? Soube pelo senhor meu marido que teve umas fortes febres de sezão, lá em Serra a Baixo.* – Disse D. Feliciano, dando voz aos seus pensa-

mentos. António Jardim percebeu o motivo da mudança brusca de conversa e disfarçou, falando de variadas outras coisas.

D. Feliciano, pelo seu lado, não deixava de pensar no que de negativo, mas também de positivo, poderia trazer à sua família aquele homem recém-chegado da capital. No entanto, ela era mais optimista que pessimista, por isso, acabou por decidir-se a dar graças a Deus por Este Ihe ter enviado até àqueles sertões um homem novo, oficial e solteiro, que bem poderia vir a ser um óptimo genro. Não estaria assim o futuro de sua filha assegurado da melhor maneira? Doutra forma ainda corria o risco de ficar solteirona ou acabar caída nos braços dum pombeiro qualquer!

A tarde serviu para António Jardim dar umas passeatas pela povoação. Achou-a pitoresca, agradável mesmo. Mas o que gostava mesmo era do clima, muito mais fresco e seco do que aquele a que estivera sujeito em Loanda e Benguela. A paisagem também era bonita, com muito verde e muitos cursos de água.

Pelo final da tarde chegou João Pilarte, facto que foi devidamente anunciado pelo som de um tambor, magistralmente tamborilado na sanzala dos serviçais e escravos da família. Com o tempo, o novo Capitão aprenderia, também, a perceber melhor a linguagem dos tambores.

Encontraram-se à mesa, durante a última refeição do dia. Pilarte estava especialmente satisfeito, pois encontrara o seu gado em óptimas condições e não se cansava de enaltecer as pastagens da Hunguéria. António Jardim apreciava os conhecimentos que o velho sertanejo possuía sobre aquelas terras e o que elas naturalmente produziam. De capins era ele um sábio, não havia dúvida. A pedido de Jardim, lá foi perorando sobre o tema:

– ... o capim chama-se eholi, na língua da terra. O que temos a cobrir a nossa casa é da espécie etongue; o que está nos armazéns é oniengue; o que está nas cubatas da sanzala é omuhoke. Todo ele, quando está seco para se cobrir as casas se designa por ombondi...

D. Feliciano sorria de vaidade pelo marido. Huilana ia olhando de soslaio para o Capitão para ver se o assunto, de facto, Ihe estaria a agradar. Acreditando que sim, resolveu entrar na conversa:

– Até há um provérbio que diz assim “Ombondi kaíte ongandji m’ondjuo”, que quer dizer “O colmo não tira o frio (da geada) de dentro do quarto”.

– Acredito nesse provérbio. Também me parece que o colmo tira mais o calor que o frio... – observou Jardim, sorrindo para Huilana.

– ... mas o que melhor serve o gado, o engorda mais em menos tempo e o faz mais forte, chama-se onkhulungumbe. O que faz com que as vacas dêem mais leite, porque é mais verde e basto, é o onthutumina. – Continuava João Pilarte.

– Mas é uma ciência! Quem imagina que se possa ver o capim sob tantas vertentes? É interessante! – referiu Jardim. A conversa continuava, até que Pilarte se referiu ao potentado da Huíla. Foi então que, preocupado, António Jardim perguntou precipitadamente:

– Não acha que o Hamba da Huíla já sabe da minha chegada? Deve estar à espera que o vá visitar... e levar uns presentinhos, como manda a tradição, não concorda?

Pilarte olhou para o novo Capitão-Mor e disse:

– Acho que sim! Nada escapa ao grande Kanina. E é bom que se mantenham seguras as nossas relações de amizade.

– Estou a pensar em ir até à residência dele na próxima Segunda-feira, o que diz? – perguntou Jardim.

– Penso que é uma boa altura. Dá tempo a que se mande um emissário ao Soba a informá-lo disso. Eles gostam de saber das visitas dos brancos com alguma antecedência.

– Vocemecê poderá acompanhar-me? Sempre podia aconselhar-me numa ou noutra situação imprevista e, sobretudo, servir de intérprete, já que eu ainda não domino o, olu..., olu-nha..., olu-nhaneka. Repare que até tenho dificuldade em pronunciar a palavra que designa a língua deste povo! Língua difícil esta, heim!?

Pilarte não pôde deixar de rir perante as tentativas, quase goradas, de Jardim pronunciar correctamente aquela palavra.

– Não se preocupe muito com isso. Com o tempo irá aprender a falar o Olunhaneka, não é difícil! É bom que um governante saiba a língua dos governados. Pode evitar muitos mal entendidos.

Capítulo VI

“Hoje! Finalmente hoje / poderei chamar para a minha dança-oração / os guerreiros mortos em antigas batalhas. Eu, Hamba Kanina / Vos chamo ao som da minha corneta / de chifre de holongo: Venham! Venham antigos sobas manis e makotas!”

(Jorge Arrimar – *Ovatyilongo*. Angola: Ed. A., 1975)

O grande soba Kanina Gongga pertence ao clã dos Ova-kua-Tchikúio, os da Figueira Brava, possuidores do poder de fazer ou prender a chuva, cujos antepassados descansam no sagrado morro Tongo Tongo, ali bem próximo da Tchivemba. Encontra-se sentado sobre uma pele de leopardo, que havia sido estendida no terreiro, por cima dum palanquim feito de madeira, enquanto a sua guarda pessoal, constituída por seis guerreiros de zagaia nas mãos, o vigia sem descanso. Um jovem afasta com um rabo de guelengue¹ as moscas que dão voltas molengonas em redor da cabeça do soberano que, numa postura distante, parece encontrar-se ausente dali. A certa altura olha de soslaio o branco que o tinha ido visitar e não lhe pareceu mal a postura apresentada, discreta e respeitosa.

– *Até que, p’ra branco não é feio de todo!* – murmurou o Soba, com um leve tom de desprezo nas palavras, embora. Observou-o mais uma vez e pensou como eles, os nhanekas, se deviam sentir imensamente agradecidos por não terem nascido brancos. Achava desagradável aquele descor, kissentos² mesmo, esbranquiçados como as pessoas na vida que têm depois da morte. E quando o calor era muito aquela pele ficava encarniçada porque era fraca e não aguentava o ardor do sol. Só os brancos antigos ou os poucos que tinham nascido ali tinham a pele mais escura porque mais habituada naquele sol. Kanina sentia que essa fraqueza não era só da pele, não. Ali estava aquele branco, tão longe da sua terra

¹ Antílope, gnu.

² De otchi-kissi, albino.

que se tornava completamente sujeito à hospitalidade que ele, o grande Soba da Huíla, lhe quisesse proporcionar. Sentia alguma vontade de rir com o topete daqueles filhos do Muene Puto! Mesmo fracos se julgavam fortes, a ponto de se apresentarem nas suas terras com títulos de comando, quando não podiam mandar ou comandar o que quer que fosse sem a sua anuência. Também achava pouco próprio dos humanos aquele formato de nariz, que mais parecia um bico de pássaro, curvo, aguçado e demasiadamente fechado para o ar poder entrar bem dentro do peito e lhe dar força. Assim, era natural que os brancos ficassem cansados depressa porque o ar que conseguia entrar no peito deles nunca era o suficiente e quando o calor apertava não chegava a ter espaço suficiente para refrescar. Só uma coisa continuava a espantá-lo, é que mesmo com todos esses contras, por ali andavam eles, uns coxos das bitacaias,³ outros tremeliquentos de sezões, mas sem desistir, e se algum morria ou fugia, logo outro chegava. E assim caminhavam, um punhado apenas, por esses matos muitas vezes perigosos, sempre atraídos pelo funaço. Essa coragem deles lhe merecia algum respeito e por vezes até lhe dava algum jeito quando precisava de aliados nas guerras que, de quando em quando, surgiam nas suas terras. Excepção feita a Muhona⁴ e ao seu amigo recém-chegado, que agora o fitavam firmes, todos os outros brancos, que ele ali tinha recebido na sua Ombala⁵ se tinham mostrado envergonhados porque não conseguiam tapar completamente as pernas, desajeitados, quando tinham que se ajoelhar e atirar areia para cima das suas próprias cabeças para saudar o Hamba⁶. Quase sempre ficavam com areia nos olhos e por isso ficavam como ratos cegos, sem verem nada, pé aqui e pé ali, a esfregarem os olhos doridos da areia. Kanina se divertia ao lembrar-se que as pernas dos visitantes eram sempre motivo de muita risota do seu povo presente nas audiências, cheias de pêlos que até

³ Pulga penetrante.

⁴ Nome nhaneka de João Pilarte. Significa: Pessoa Respeitável, Rica, Possuidora de muito gado.

⁵ Residência real. Residência do Soba.

⁶ Soberano. Rei.

parecia que eram de bicho. Suspirou profundamente, como que a ganhar alento para aguentar o aborrecimento que ia ser aquela audiência. Olhava de frente o recém-chegado que se apresentava como enviado do Muene Puto e amigo de Muhona. Ali estavam eles como mandava a tradição: com as pernas cobertas com panos, mas excepcionalmente, de pés calçados. Era sempre bom ter aquela gente astuta pelo seu lado. Por isso ele se dispunha a ouvir o que o enviado do Muene Puto tinha para dizer. A um sinal de Kanina, o mestre de cerimónias avançou pelo terreiro e, de olhos postos em Kanina, fez a apresentação do clã real, o que foi sendo traduzido por Pilarte:

– Tu és, ó Hamba, do clã morador ribeirinho do Mbúie, habitante de Nambala, possuidor de panos que se apanham do chão tal é a sua abundância. Tu és o viajante que percorre sem descanso os caminhos dos quimbares serviçais dos brancos. Tu és o habitante de Mphende, de Tchava-Ngombe, possuidor de bilhas de aguardente e de cabaças de leite. O das manadas tão grandes de gado tão numeroso que para acertar com uma flecha na cabeça de qualquer um não é necessário fazer pontaria.

Terminado o discurso, avançou o irmão do Soba que confirmou o que o mestre de cerimónias tinha dito:

– Oh! Os das portas largas por onde passa o gado numeroso que se guarda nos grandes sambos! Os que habitam as regiões da Ekalandja de Kandjolo, da Ehita de Mundjavala! Os do movimento frenético da grande formiga negra!

A apresentação do clã da família real da Huíla estava feita e o Hamba se voltou para o visitante e falou assim:

– Okunhanga, omu-kua-Puto! Uanda-chi m'Ombala, mundele?...

O Soba parou um pouco, suspirou, e depois continuou no seu palavrório. João Pilarte continuava na sua tarefa de traduzir as palavras proferidas:

– Saudações, ó filho do Muene Puto! O que desejas aqui da minha residência? Soube logo que havias chegado à Huíla para substituir o irmão do nosso amigo Muhona – o Soba fez uma pequena pausa e olhou para Pilarte, que parou de traduzir e aguardou que Jardim dissesse alguma coisa.

parecia que eram de bicho. Suspirou profundamente, como que a ganhar alento para aguentar o aborrecimento que ia ser aquela audiência. Olhava de frente o recém-chegado que se apresentava como enviado do Muene Puto e amigo de Muhona. Ali estavam eles como mandava a tradição: com as pernas cobertas com panos, mas excepcionalmente, de pés calçados. Era sempre bom ter aquela gente astuta pelo seu lado. Por isso ele se dispunha a ouvir o que o enviado do Muene Puto tinha para dizer. A um sinal de Kanina, o mestre de cerimónias avançou pelo terreiro e, de olhos postos em Kanina, fez a apresentação do clã real, o que foi sendo traduzido por Pilarte:

– Tu és, ó Hamba, do clã morador ribeirinho do Mbúie, habitante de Nambala, possuidor de panos que se apanham do chão tal é a sua abundância. Tu és o viajante que percorre sem descanso os caminhos dos quimbares serviçais dos brancos. Tu és o habitante de Mphende, de Tchava-Ngombe, possuidor de bilhas de aguardente e de cabaças de leite. O das manadas tão grandes de gado tão numeroso que para acertar com uma flecha na cabeça de qualquer um não é necessário fazer pontaria.

Terminado o discurso, avançou o irmão do Soba que confirmou o que o mestre de cerimónias tinha dito:

– Oh! Os das portas largas por onde passa o gado numeroso que se guarda nos grandes sambos! Os que habitam as regiões da Ekalandja de Kandjolo, da Ehita de Mundjavala! Os do movimento frenético da grande formiga negra!

A apresentação do clã da família real da Huíla estava feita e o Hamba se voltou para o visitante e falou assim:

– Okunhanga, omu-kua-Puto! Uanda-chi m'Ombala, mundele?...

O Soba parou um pouco, suspirou, e depois continuou no seu palavrório. João Pilarte continuava na sua tarefa de traduzir as palavras proferidas:

– Saudações, ó filho do Muene Puto! O que desejas aqui da minha residência? Soube logo que havias chegado à Huíla para substituir o irmão do nosso amigo Muhona – o Soba fez uma pequena pausa e olhou para Pilarte, que parou de traduzir e aguardou que Jardim dissesse alguma coisa.

– Saúdo-te, ó grande Soba Kanina, é muita a minha alegria em te anunciar que o Muene Puto está muito feliz em poder ajudar-te a fazer progredir esta terra admirável da Huíla. Chamo-me António Rodrigues Jardim e sou o novo Capitão-Mor da povoação que os portugueses criaram nas tuas terras e espero que tu, ó Grande Soba, me possas ajudar na difícil tarefa de a manter em paz e bem governada.

O Capitão, após ter recitado aquelas solenes palavras, levantou-se e bateu os saltos dos botins, fazendo tintilhar as esporas. O soba, que gostou muito mais do barulhinho das esporas do que do discurso, sorriu e pediu ao visitante que fizesse tintilhar de novo aquele adereço metálico tão singular. Após dez tintilhamentos seguidos, António Jardim, já incomodado com tanto bater de botins, começava a perder a paciência e a não conseguir manter o seu ar de simpatia. Apercebendo-se disso, João Pilarte inquietou-se. Era preciso que o Capitão fosse agradável e afável para Kanina até ao fim da audiência, já que a primeira impressão que este tivesse dele seria fundamental para um bom entendimento futuro entre ambos. Não obstante isso, Pilarte agradecia a Deus o privilégio que haviam tido, pois o soba os tinha agraciado com a honrosa exceção de poderem entrar na Ombala com os pés calçados. Custara-lhe aceitar a eventualidade de ser recebido pelo Hamba sem estarem vestidos civilizadamente e ainda se lembrava do último branco que Kanina havia recebido. De botas nas mãos, fora obrigado a calcorrear com os pés nus o terreiro, a tropeçar nos panos que o forçaram a usar em vez dos seus habituais calções. Coitado, de quando em quando gemia porque os espinhos lhe debicavam as macias solas dos pés, ante o gáudio dos filhos do país que assistiam ao calvário do visitante, rindo a bom rir, ao mesmo tempo que iam comentando que achavam aquele homem estranhamente fraquinho das kinamas, quase como se fosse uma mona-de-kakunda⁷.

Escondendo a sua apreensão, Pilarte aproximou-se de António Jardim e ia a falar-lhe quando o cavalo do Capitão relinchou, bufou

⁷ Criança-de-colo. A trad. à letra será: criança-de-costas, pois é nas costas (kakunda) que elas são transportadas.

e começou a agitar-se, nervoso. O povo soltou ués de excitação e o soba franziu o sombrolho. De imediato a sua guarda pessoal ficou alerta, nas suas mãos fortes viam-se as zagaias de folha larga a ferir os ares. Mas a um sinal de Kanina tudo se acalmou, o enxota-moscas parou por um bocado e o Hamba falou consigo próprio sobre a surpresa que, para ele, os brancos continuavam a ser. Eram poucos a ponto de se poderem contar pelos dedos de duas mãos apenas, mais os dedos de um só pé se se contasse com os seus filhos mestiços, mas para eles o número não contava. Um branco apenas bastava para que se lhe tivesse que dar a importância de uma tribo. Tatekulo!,⁸ e ainda se ofereciam para governar com ele aquelas terras?!... Mas esses ova-kuá-Puto⁹ não percebiam que o Hamba da Huíla era o único governante delas?! Enfim, com o tempo, o branco recém-chegado iria perceber isso, que quem mandava de facto naquelas terras era ele. Virou-se para João Pilarte, seu velho conhecido, chamou-o pelo seu nome muíla, "Muhona", e cumprimentou-o, perguntando-lhe se ele e sua família estavam bem. Pilarte agradeceu ao Hamba as suas palavras simpáticas e lhe respondeu que todos, lá em sua casa, estavam de boa saúde. Apressou-se a dizer que o recém-chegado era uma pessoa importante, da confiança do Muene Puto, e que estava ali para ajudar o Grande Soba a desenvolver a Huíla.

O Hamba Kanina sorriu e pensou que aquele Muhona era astuto!, conhecia bem os nhanekas e, como era branco da terra, mostrava ter respeito pelas tradições e costumes do país. Sempre se mostrara leal, demonstrando, em inúmeras situações, que lhe tinha o respeito que era devido ao Senhor da Huíla. Também ele, Kanina, o ajudara algumas vezes e fora mesmo a sua intervenção, junto dos seus lengas¹⁰ mais tradicionalistas, que lhe tinha salvo a vida, pois estes pensavam que seria melhor não deixar mais os pombeiros, aviados e sertanejos, atravessarem as suas terras, chegando mesmo a planear uma razia na povoação. Fora ele próprio

⁸ Exclamação: Ai meu velho pai!

⁹ Lit. os (nat.) de Portugal, portugueses.

¹⁰ Ministros.

a não deixar que tal acontecesse, porque simpatizava com Pilarte e também porque achava esse comércio útil para a sua gente. Veio-lhe à memória a revolta do seu súbdito Injau e o perigo de morte que o Muhona teve que enfrentar aquando da sua viagem até às distantes terras dos curocas. Não fossem os seus bravos guerreiros a prestar-lhe ajuda e ele não estaria ali agora. Por isso fez questão em lembrar-lhe algumas das peripécias da célebre viagem.

Pilarte agradeceu ao Hamba a amizade e protecção que ele sempre lhe dispensara, a si e à sua família. Contudo, e como quem não quer a coisa, lá foi dizendo que o respeitável Kanina também sabia que, em qualquer circunstância, poderia contar com ele e seus homens... como, aliás, tinha acontecido durante a sublevação do Injau. Após o Hamba o ter salvo das garras do maldito rebelde, Pilarte voltara a casa, tendo preparado os seus quimbares da guerra preta para ajudar os filhos de Kanina na razia aos rebeldes seguidores do Injau. Foi então a vez de o soba confirmar, com um meneio de cabeça, o que Pilarte dizia. Aprendera a ter algum respeito nas manhas e na coragem dos sertanejos. Por vezes eles até podiam ser bons aliados...

Kanina fez então um sinal e uma mufikuêna, rapariga de seios pequeninos e duros de maboque,¹¹ trouxe uma cabaça com um líquido esbranquiçado que fez escorrer pela garganta do velho Hamba, após o que foi recuando, ligeira, até ao fundo do sambo onde se encontrava mais povo.

Com a garganta refrescada, o Soba voltou a falar. Dirigindo a sua atenção ao Capitão António Jardim, disse-lhe que ele passaria a ser okanhina¹² de um primo da sua real pessoa, uma distinção que ele, Hamba da Huíla, lhe ofertava. Por isso, dali para a frente, ele seria conhecido entre os nhanekas por Kapitia. Disse-lhe mais, que podia contar com a sua autorização para residir nas suas terras, arranjar a fortaleza e até colocar lá o pau comprido que sempre tem um pano a representar o Soba do Puto. Pilarte, que ia traduzindo as sobais falas, deixava transparecer o agrado e a tranqui-

¹¹ Fruto silvestre de forma esférica e de casca muito dura.

¹² Lit. "O que tem o mesmo nome". Homónimo.

lidade que elas lhe faziam sentir. Concluiu que Kanina fazia saber, como no passado, que gostaria de contar com o apoio do Capitão, dos seus soldados e das armas que possuíam, caso fosse necessário, sobretudo quando surgissem as guerras do Injau e do Nano. Pilarte, que conhecia bem os costumes da terra, achou então que era a altura certa para envaidecer o soba, o que fez, dirigindo-se-lhe com falas mansas, enaltecendo-lhe a grandeza e gabando-lhe a coragem de leão que sempre tinha demonstrado ao longo da sua já longa vida. A parte final da conversa não fora traduzida e como o Capitão ainda não entendia a língua da terra, foi ficando cada vez mais nervoso, com o suor a cair-lhe em bica pela testa e pelo pescoço.

Terminada a arenga o soba mandou servir um pouco de makau¹³ e bulunga¹⁴ aos forasteiros. Por fim, fez um sinal, e os visitantes puderam retirar-se, sempre de frente para o grande Hamba, às arreguas e com as mãos abertas quase a envolverem a cabeça baixa, como mandava a tradição. Kanina então se levantou, logo seguido dos seus lengas, dando entrada na sua residência. O barulho se avolumou e o solo começou a tremer com a kuhela, a dança guerreira a que Jardim já havia assistido no início da grande viagem pelo deserto, executada pela guerra preta de Gregório Mendes. Eram agora centenas de guerreiros, com a cabeça enfeitada com plumas de avestruz, que batiam com os pés no chão, ora avançando, ora se esquivando das investidas dos imaginários inimigos. Por fim soltou-se a kúa¹⁵, "ulúlulú!!", o grito de guerra que fazia tremer de pavor os inimigos do grande Hamba da Huíla.

Tinha acabado a primeira audiência que o Kanina Gongga, descendente de outros Gonggas¹⁶ senhores de muitas terras, de nume-

¹³ Cerveja obtida a partir da fermentação do sorgo (massambala).

¹⁴ Bebida obtida a partir da fermentação do milho.

¹⁵ De Onkhwo, grito de guerra.

¹⁶ A família real da Huíla tinha este apelido autenticamente Jaga. Jaga foi um povo guerreiro que invadiu o Reino do Congo, no século XIII, depois o Reino do Dongo até um grupo ter entrado na Huíla, subjugando os seus naturais e fundindo-se com eles, a partir do séc. XVI. Ali fundaram o Reino do Humbe-Onene.

rosas cabeças de gado e de um exército temido em todo o planalto, tinha concedido ao recém-chegado Capitão-Mor.

Já nos carreiros que os conduziam à povoação, António Jardim perguntou ao seu companheiro:

– *Diga-me com que impressão ficou sobre a audiência de Kanina.*

– *Penso que o que o Hamba mais gostou foi do tintilhar das suas esporas, Capitão!...* – disse a rir o velho sertanejo. Mas depois acarinhou-o com um “esteve muito bem!”, levando António Jardim a sentir-se melhor e mais confiante na simpatia que conseguira despertar no velho Soba.

Capítulo VII

“Só o ver-te me basta e adivinhar / cascatas de ternura no teu olhar / Alegrias discretas, o ar leve e o / Vasto, humano céu que tu constelas [...] / Dá-me a tua água, virgem / De intenção, virgem de tudo. Nua, / Sem que o pressintas”

(Mário António – *50 Anos: 50 Poemas*. Lisboa, 1988)

O tempo foi passando vagarento. António Jardim, sempre que podia, dava a entender à filha do seu amigo Pilarte que tinha um fraco por ela. Chegava mesmo, quando as circunstâncias o permitiam, a sussurrar-lhe ao ouvido juras de amor que Huilana não recusava. Um dia combinaram em segredo encontrarem-se na cascata. Seria necessário procederem com toda a cautela e mil cuidados para que não se soubesse nada antes do tempo, pois, de contrário, a sua relação poderia ficar seriamente comprometida.

– *Não podemos ser apanhados com a boca na moringa...* – dizia Huilana com ar matreiro. António Jardim sorria e confirmava, roubando-lhe um beijo. Ele também tinha a noção de que todo o cuidado era pouco e que não podia deixar mal Huilana nem a sua família, que tão hospitaleira e amiga tinha sabido ser para com ele. Mas o fogo da paixão amortecia-lhes o propósito de serem discretos e cuidadosos e levava-os a cometer algumas loucuras que bem poderiam causar os tais problemas que ambos gostariam de evitar. Tornava-se cada vez mais difícil aguentar a separação dos corpos e a fome de afagos e carícias. D. Feliciano, sempre cada vez mais desconfiada no arrulhar daqueles pombinhos, tentava não estar demasiadamente distraída não fossem eles arranjar algum problema de difícil solução e, sempre que podia, ou estava junto deles ou arranjava um serviço qualquer para a filha fazer. Contudo, também ela andava entusiasmada com aquele namorico e com a possibilidade de um bom casamento para a sua filha. Daí que não exagerasse nas vigilâncias ou nos serviços que lhe destinava.

António Jardim, esse, achava sempre pouco o que obtinha de Huilana. Queria sempre mais e aborrecia-o não haver naquela povoação bailes animados como os de Loanda, onde se pudesse gaviotar com as raparigas, ou seja, com Huilana.

– *Bons tempos aqueles!...*

Ali tudo era diferente, um homem ou se deitava com as escravas ou então tinha mesmo que esperar pelo casamento. A verdade é que estava muito difícil aguentar essa espera... e foi assim que, no dia em que tinham combinado encontrarem-se na cascata, o Capitão se retirou da Povoação, dirigindo-se para a Fortaleza e, antes mesmo de lá chegar, inflectiu para a esquerda, entrou numa mata de makopa-kopa para despistar alguma vigilância, e depois tomou o rumo do lugar do encontro. Chegado aí, pôs-se de tronco nu, refrescou a cara e lavou-se na água límpida da cascata que, após turbulenta queda, desmaiava numa grande concha de pedra. Nas suas bordas havia muito musgo, fetos e outras plantas que ele ainda não conhecia. Mas o leve perfume que se sentia no ar era-lhe familiar e as suas narinas abriam-se ao fresco odor do nomepeke.

– *Mas que lugar maravilhoso!* – comentava António Jardim, enquanto esperava nervoso a chegada de Huilana. De repente houve um curto silêncio.

– *Estranho!*

Os pássaros recomeçaram o seu cantar e... Huilana chegou. Viram-se e, por momentos, ficaram embaraçados. Depois foram andando sem dizer palavra, aos poucos se tocando, primeiro só ao de leve com a pontinha dos dedos, como se nada tivessem sentido. Depois ele ajudou-a a saltar cada pocinha de água por mais pequena que fosse, cada pedra e pedrinha. Tudo servia de pretexto para uma maior aproximação entre os dois. Quando já não havia mais nenhuma pocinha, nem mais pedra e pedrinha para saltar, a ajuda foi mútua na aproximação total dos seus corpos. Se abraçaram com força e se beijaram longamente. O batucar das suas pulsações começou a aumentar, aumentar... e deixaram de ouvir o fragor das águas do rio que caíam em cascata. Tiraram as roupas, primeiro as mais inocentes, logo depois todas as outras, em sôfregos gestos ele, mais lentamente ela. Huilana fechara os olhos para poder ver as imagens

que abertos eles não conseguiam descortinar. António Jardim, sedento, bebia na pele fresca dela gotas de excitação pura e se deixava mergulhar nas águas mansas onde, nua, Huilana se reflectia.

– *Como é bela a minha querida!* – murmurava ele, os olhos só nos olhos dela, no colo dela, na barriga dela, nas coxas dela, nas pernas dela. Não aguentou mais e os seus dedos todos, sem faltar nenhum, dedilharam a pele de Huilana até se ouvir a música do amor em descadenciados ais. Se a pele dela sabia a manga, a dele tinha o gosto do jambo, sabores quentes que lambiam até a saliva secar quase. Depois o tempo parou e o fragor da cascata não deixou ouvir o bater das asas do pássaro dos suspiros.

*
* *

Quando fez 15 dias do mês de Agosto desse mesmo ano de 1786, celebrou-se o casamento entre Huilana Carvalho Pilarte e o Capitão-Mor da Huíla, António Rodrigues Jardim. A pequena Igreja de Nossa Senhora das Lágrimas, padroeira da terra, foi pequena para receber tanta gente. A gente da povoação da Huíla – a Alba Nova de Dom Francisco Inocêncio – estava toda ali, mais alguns sertanejos amigos da família Pilarte, cujas quibucas tinham parado na Povoação. Depois da festa, que durou até ao amanhecer, o jovem casal foi para a casa que estava destinada ao Capitão-Mor, reparada pelo próprio sogro com gastos saídos do seu próprio bolso. Da Coroa, dessa longínqua Coroa, os moradores já se haviam habituado a esperar muito pouco.

– *Huilana, Huilana! Gosto do seu nome, minha querida mulher. Nunca conheci ninguém com um nome assim...*

– *É já a décima vez que me diz isso, mas eu continuo a gostar da forma como o diz! Responder-lhe-ei, também, pela décima vez.*

– *Vá!, sabe bem que eu não me canso de a ouvir contar essas estórias.* – Foi dizendo Jardim com meiguice na voz.

– *Como fui a primeira branca a nascer nestas terras da Huíla, também fui a primeira a ter este nome... uma homenagem do meu pai à melhor terra do mundo, como ele diz.*

– *E tem razão! Eu também gosto muito da Huíla... mas gosto muito mais da Huilana* – ronronou António Jardim.

– *Eu conto-lhe como tudo aconteceu...* – disse Huilana sorrindo, enquanto o afastava ternamente. Depois, abrindo os olhos como quem quer imprimir algum suspense à narrativa: – *e prepare-se pois vou contar-lhe certos pormenores pela primeira vez...*

– *Que bom! E eu a pensar que já me tinha contado tudo!* – disse Jardim com ar maroto.

– *O meu pai nasceu em Benguela e por lá se enamorou de minha mãe, filha de um militar que havia chegado há pouco do Reino. Os pais de minha mãe não aceitaram aquele namoro que, segundo eles, levaria a um casamento desigual. O meu avô, esse então ficou completamente desvairado. Não podia aceitar que uma branca do Reino, filha de um militar de carreira, pudesse casar-se com um branco filho-da-terra e sertanejo sem eira nem beira...¹*

António Jardim continuava a acariciar a pele macia de Huilana.

– *Como é curioso o destino! Quando parti da minha Ilha, mil e uma recomendações eu tive da senhora minha mãe para que tivesse cuidado nestas terras de negros e feitiços, onde poderia apanhar alguma moléstia terrível, ou ainda pior, juntar-me e ter filhos de uma negra. Para ela seria pior isso que a moléstia, pois com mulher e filhos por cá, o mais certo era jamais regressar a casa. Nunca chegou a saber a minha mãe que o feitiço da terra e da mulher africana não veio duma negra, mas duma branca e de olhos claros como não vi muitas lá na minha Ilha...*

Huilana interrompeu o marido dizendo:

– *Afinal não era só eu que tinha novas estórias para contar!* – De seguida, com um ar condoído, foi dizendo: – *De facto, como a senhora sua mãe estava equivocada! E continua sem notícias da sua família?*

– *Sim! Desde que minha mãe faleceu há já alguns anos, na sua casa do Seixal, naquela pequena aldeia perdida entre São*

¹ No século XVIII o termo “branco” tinha uma conotação mais alargada: «Os brancos dividir-se-iam em brancos do mar em fora, ou europeus, brancos da terra, ou mestiços, e pretos calçados». (Jofre Amaral Nogueira – *Angola na Época Pombalina [...]*. Lisboa, 1960.)

Vicente e Porto do Moniz, lá na Ilha da Madeira... Nunca me perdoou por ter vindo para África... – disse António Jardim, olhando ternurento para Huilana. E continuou – Mas... não falemos mais de mim! Gosto mais de ouvir as vossas estórias...

Huilana deu-lhe um beijo na face, fez-lhe olhinhos meigos e continuou a falar da sua família:

– Um belo dia, o meu pai raptou minha mãe e foi viver com ela para um sítio onde tinha a certeza que ninguém os encontraria: a Huíla, a Huíla onde já se tinha estabelecido o seu irmão Paulo e onde havia recebido apoios. Para além disso sempre tinha gostado muito da amenidade do clima desta terra.

– Não deve ter sido nada fácil para a senhora sua mãe, mulher do Reino, habituada a outras comodidades, vir viver para estes sítios tão remotos. Eu bem vi os sacrifícios que passei até chegar aqui!... disse Jardim, reconhecendo a coragem revelada por D. Feliciana.

– A senhora minha mãe teve a força e a coragem que o amor dá. Eu faria o mesmo, não acredita?

– Ah, sim! Claro que faríamos o mesmo – completou António Jardim.

– Pois... e foi assim que, passados alguns meses nasci eu, aqui no chão da Huíla. O meu pai disse logo que o meu nome seria Huilana. Minha mãe não se importou e, pronto! Cá estou eu... Mas disto já sabe o senhor meu marido!

António Jardim suspirou, puxou Huilana para ele, e encostando os lábios ao rosto dela, murmurou:

– Já lhe disse que não me canso de a ouvir! Há sempre qualquer coisa, um pormenor esquecido, uma tonalidade diferente na voz, um gesto ainda não efectuado, que fazem as suas estórias serem sempre novas.

– Como é simpático o meu querido marido! Pois bem! Passado um ano nasceu o meu irmão Pedro. O meu pai pôs-lhe o nome do seu próprio pai, Pedro Pilarte, o meu avô que viveu muitos anos em Massangano, lá no Norte, e depois se mudou para Benguela, a terra de meu tio e de meu pai. Depois do meu irmão Pedro, passaram-se alguns anos e só depois nasceram o Juliano e a Francisca. A minha mãe diz que estes já vieram fora de tempo!

Para o fim da conversa de Huilana, Jardim já não ouvia nada. A proximidade do corpo dela fazia o sangue golpear-lhe as têmporas; encostou-se ainda mais... e o calor foi crescendo, crescendo até sentirem necessidade de fazer das roupas pássaros que voaram para longe. Lá fora ouvia-se o cantar dos tchirikuátas e dos catuítas que namoravam no alto das mulembas. Mais ao longe um pássaro troçador fazia kuéééé!, a rir, maldoso, dos homens que não conseguiam caçar o amor.

Quando a manhã acordou, lavada de orvalho e perfumada pelo nompeke, António Jardim levantou-se, sentindo-se especialmente feliz. Olhou para a sua mulher, que ainda dormia, e pensou na sorte que tinha tido em encontrar Huilana naquele lugar. Se tal não tivesse acontecido, tudo poderia ser muito diferente agora. Aproximou-se dela e depositou-lhe um beijo na face. De seguida retirou-se de casa e foi ver como corriam os trabalhos de reconstrução da velha Fortaleza, lembrando-se de quando lhe tinha posto os olhos pela primeira vez. Ficara arrepiado com o estado de degradação daquele símbolo de soberania. No corpo de adobe de má qualidade viam-se profundas rachas e buracos medonhos de mortes adiadas. E o pior fora quando, ouvindo um assobio, olhou para cima e percebeu que era a bandeira a drapejar nos bocejos do vento, a branquinha a deixar-se trespassar pelo vento em descicatrizadas feridas que impossibilitadas estavam de receber qualquer remendo. Tinha ficado bem triste ao ver que, naqueles matos, da antiga bandeira apenas tinha sobrevivido a imperial coroa. Quanto ao resto, escudo e suas heróicas quinas, malé!², tudo se tinha perdido nos rotos que o tempo deixara ficar. Meia desfalecida, a bandeira continuava, teimosa, a drapejar na ponta dum mal acabado mastro, espetado na parte do Forte menos derrubada. Apesar de tudo, tinha pensado então, aquilo era o sinal evidente de que aquelas terras eram avassaladas do Muene Puto, e ele, o Capitão-Mor da Huíla, ali se encontrava para provar isso mesmo.

– *Mas como?*

² Desapareceram, não há. (expressão do kimbundo)

As provações desse dia não tinham, contudo, terminado. Constrangido, recordava-se bem que, enquanto assim matutava, tinha ouvido um barulho vindo mesmo lá do alto, de onde navegava ao vento a desfraldada. Ué!, não é que um passaroco, desrespeitoso na natureza do pau onde havia nidificado, continuava placidamente a construir o seu ninho? Nervoso, começara a enxotar e a zunir pedradas na abusadora ave. Repentinamente, sem mais aquelas, o empenachado dera um pio de zangado e... o Capitão parecia que tinha perdido a visão. Assustado, passara as mãos pelos olhos, sentindo algo peganhento que não o deixava ver. Cheirou, cheirou e... Santo Deus! Não é que o passaroco, todo repimpado no mastro da bandeira, lhe tinha enfezado os olhos? Nesse dia tinha ficado aborrecido de todo e não quis mais ver a Fortaleza e suas obras, preferindo ir para o seu quarto descansar. Atirou-se para cima da cama, desanimado, pensativo...

De novo a caminho da Fortaleza, António Jardim afligia-se a pensar, como sempre lhe acontecia, na sua situação de oficial do Reino ao serviço de S. Majestade na Huíla. Seria possível exercer o cargo de Capitão-Mor ali naquelas tão distantes terras? Nem sabia muito bem o que pensar. Umhas vezes parecia-lhe que sim, outras vezes parecia que não. De facto, não era nada fácil descortinar naquelas terras como se poderia exercer a soberania portuguesa, pois a própria Fortaleza não passava dum pequeno e desconjuntado fortim a precisar de urgentes obras de reparação, se até o mastro da bandeira não escapava aos atrevimentos de um passaroco qualquer que, para além de ter feito dele sua residência, ainda tinha ousado obrar no sereno rosto dum oficial de S. Majestade, o Muene Puto...

Mas, se de soberanias já ele pouco sabia, de uma coisa tinha a certeza: do amor de Huilana e do apoio de sua família, da hospitalidade dos habitantes da Povoação e da relativa segurança que a velha aliança com o grande Kanina transmitia.

Começava, contudo, a ficar mais satisfeito com o que via. Os trabalhos de reparação do Forte prosseguiam a bom ritmo, graças ao seu sogro que tinha disponibilizado alguns dos seus escravos mais habituados àquele tipo de tarefas e à disponibilidade demonstrada por um morador amigo, para seguir e orientar os trabalhos

em curso. Pelo seu lado, o Capitão dera ordens aos seus soldados para ajudarem no que pudessem, sobretudo na orientação dos trabalhos localizados em zonas que obedeciam a critérios mais castrejos.

Juntamente com o seu sogro fez então uma visita detalhada à Fortaleza. Cada vez mais António Jardim admirava e respeitava aquele velho sertanejo, pai da sua Huilana.

– *Quando tiver a Fortaleza pronta, tenho que reunir os moradores desta povoação para dar cumprimento à ordem que me foi enviada pelo Governador. O senhor, meu sogro, ajuda-me a fazer uma lista de todos os habitantes deste lugar?*

– *Pode contar comigo! Penso que não estarei errado em dizer que conheço todos os negociantes que residem ou que vão passando por aqui.*

– *De acordo com os desejos do Senhor Governador, só depois de se saber, ao certo, quem por aqui vive ou tem os seus interesses, se poderão escolher os melhores e mais capazes de os unir e reger. Será necessário, também, determinar o lugar certo onde deverá fazer-se, com regularidade, a grande Feira deste lugar.*

João Pilarte ouvia com atenção e quando o seu genro fez uma pausa, resolveu intervir:

– *Penso que não será difícil fazer-se isso. Embora já tenha passado algum tempo e muita coisa tenha mudado, prestei algumas ajudas ao meu irmão Paulo, enquanto Capitão-Mor. Isso deu-me algum traquejo que poderá agora facilitar.*

– *Sem dúvida! Conto com toda essa experiência que o senhor, meu sogro, possui.*

– *Já quanto à Feira... – foi dizendo Pilarte – ... será um tanto mais difícil de concretizar. Depois lhe explicarei quais as razões.*

– *Será necessário escolher o Chefe e Juiz Ordinário da Povoação de entre os mais sabedores e honrados cidadãos. Cabe-me a mim fazê-lo e, por isso, estava a pensar no senhor, meu sogro.*

João Pilarte virou-se para o seu genro e apenas disse:

– *Meditarei no assunto e logo vos darei uma resposta. Contudo, devo lembrar que, outros homens há por aqui, tão capazes, como eu, de exercerem esses cargos.*



Um pouco nervosa, D. Feliciano perguntava ao marido:
– *Mas passa-se alguma coisa? O que tem vocemecê na mão?*
Ha! É uma carta! Faz tanto tempo já que não recebo nenhuma!
De quem é?

Receosa de alguma notícia menos favorável, D. Feliciano esperava que o seu marido a esclarecesse para que pudesse ficar mais descansada. Carta era coisa rara naquelas latitudes, daí a curiosidade que sentiu quando soube que João tinha recebido uma. Há muito que nada sabia dos seus pais e sobretudo de sua mãe, de quem tinha uma saudade imensa. Mas o amor era assim mesmo e ela não tinha hesitado quando, para o salvar, aceitou o desafio de João Pilarte para com ele ir viver nas terras altas da Huíla. À medida que o tempo foi passando, no lugar da revolta que tinha sentido para ganhar forças para a fuga, começava a crescer uma grande saudade dos que tinha deixado. Nada dizia ao seu marido para o não apoquentar. Mas agora, que sabia da vinda de uma carta, algures de Benguela, não conseguia dominar a emoção. João Pilarte, percebendo a situação, tratou de divulgar o conteúdo da carta à sua mulher.

– *Não é carta de família, não! É do Capitão-Mor a ordenar-me que vá às Praias dos Curocas tentar salvar uns náufragos que deram à costa. Bem, não posso perder tempo! Tenho que ir preparar as coisas para partir o mais depressa possível.*

João Pilarte notou a decepção de Feliciano e, disfarçando o embaraço, despediu-se, evocando a urgência dos preparativos para a viagem. O Capitão-Mor mandava e ele obedecia... até porque algumas vidas humanas estavam em perigo lá para os confins da terra. Dirigiu-se à sanzala e chamou:

– *Kanhuenga! Kanhuenga! Enda nkhólo!*⁶ *Vai já preparar os animais e vinte homens da minha gente para amanhã partirmos para as terras dos curocas.*

⁶ Vai depressa!

O homem de confiança de Pilarte apareceu de imediato e, sem perda de tempo, começou a preparar tudo de forma a ter as coisas prontas para a viagem. Dali a dois dias, na manhã do dia 15 de Janeiro de 1770, saiu a caravana, guardada por quinze quimbares armados de lazarinas, aquelas "Lázaro Lazarino Legítimo de Braga"⁷ que muito e bem disparavam naqueles sertões. Cinco carregadores, Pilarte no seu boi-cavalo, mais dois bois-cavalo para o que desse e viesse, completavam a coluna. A época não era boa para viagens por causa das chuvas abundantes que rapidamente transformavam os riachos em rios intransponíveis e as pequenas mulolas em autênticos lagos.

Aproveitando uma abertura, a caravana pôs-se em movimento, mas, quando acamparam nas terras do soba Carana para lhe pedir ajuda, a chuva recomeçou a cair com mais força ainda. Carana, um velho amigo de Pilarte, ficou satisfeito com a inesperada visita e logo lhe forneceu cinco homens dos seus para ajudarem no necessário e também para lhes indicar os melhores caminhos para chegarem às terras de Serra a Baixo. No entanto, os aguaceiros persistentes, fizeram-nos ficar longamente parados nas terras de Carana até aos inícios do mês de Abril. Daí que João Pilarte tenha resolvido voltar atrás e procurar, na sua residência, o Capitão-Mor da Huíla, António Rodrigues Algarve. Cumprindo escrupulosamente as ordens recebidas por carta, não tinha aguardado a sua chegada, porque tal poderia atrasar muito a partida da caravana, mas agora que a chuva os retinha, por uma questão de cordialidade e de prudência, tinha resolvido verificar se o Capitão-Mor já havia regressado. Em caso positivo, dar-lhe-ia conta da sua partida e solicitar-lhe-ia mais alguns apoios. De facto o Capitão já estava na sua residência. Ali o encontraram atankamado⁸ no alpendre, a descansar. Cumprimentaram-no, pressurosos, mas o Capitão, interrompido na sua sesta, não os recebeu lá muito bem. Respondera aos cumprimentos dos recém-chegados com uns grunhidos

⁷ Inscrição que autenticava a origem desta arma de pederneira muito usada naqueles antigos tempos.

⁸ De tankama, sentar.

tais que, não fora o sítio em que se encontravam, provavelmente, teria havido tiros para os prováveis bichos autores de tais resmungos. Nitidamente mal disposto, o Capitão lá se foi levantando da rede onde adormecera o corpo já enfraquecido pela idade.

– *Meu Capitão, recebi a sua carta e encontro-me pronto para ir até às Praias dos Curocas para tentar descobrir os pobres homens do tal navio que naufragou por lá. Infelizmente o tempo não é o melhor para viagens. Chove muito! A caravana está acampada nas terras de Carana e...*

O Capitão, com um olho fechado e o outro semi-aberto, pediu-lhe, sem muito empenho, que repetisse o que havia dito. O sertanejo, já com a paciência a esgotar-se, voltou a dizer a mesma coisa, ao que o Capitão finalmente respondeu:

– *De facto não é esta a melhor altura para se sair por aí por esses sertões. Mas acontece que os desgraçados que naufragaram não podem esperar muito tempo, correm perigo de vida, não é assim?*

João Pilarte concordou mas foi dizendo que as suas forças não eram suficientes para a defesa de qualquer ataque que viesse a acontecer, que por isso precisava de mais gente...

– *Diz-se por aí que um escravo de Kanina anda revoltado lá para as bandas do Jau, local por onde temos que passar nesta nossa viagem. Ir para aqueles lados sem mais bocas de fogo pode ser um suicídio.*

O Capitão-Mor ia silencioso achando que aquele Pilarte estava a ficar com menos coragem; que a ousadia que ele tinha era mais fama que outra coisa. Porém, aquele sertanejo era o maior conhecedor da região e amigo do Hamba Kanina, o que era de ter em conta. Seria até muito difícil arranjar alguém que o substituísse à altura. Suspirando, ainda muxuxou para os lados e disse:

– *Muito bem!, compreendo os seus temores, mas deve haver aí muito boato. Já sabe como é o gentio, vê uma cobra diz que é jibóia, vê um lagarto diz que é jacaré. É preciso não acreditar em tudo o que se diz por aí. Vá em frente homem!*

Pilarte ouviu o palavrório do Capitão-Mor e pensou que eventualmente ele não estaria muito bem regulado dos miolos. Falar

assim era fácil mas denunciava irresponsabilidade, pouca noção dos perigos que teriam que enfrentar naquela viagem por terras quase desconhecidas. Nunca tinha simpatizado muito com aquele Capitão, sempre bangoso nas suas prosápias de chefe, que a hierarquia era para ser cumprida mesmo quando isso fosse só na aparência. Enfim, Pilarte achava-o vaidoso, mas devia continuar a pedir-lhe apoio em homens de armas:

– *Meu Capitão, faço lembrar que o resultado desta viagem dependerá muito, também, dos homens que eu levar comigo, e...*

O Capitão cortou-lhe o discurso com um gesto, endireitou-se, olhou-o de frente e marcializou um passo, e mais outro. O visitante, espantado, ainda pensou que ele iria marchar por ali, mas, repentinamente, o Capitão virou-se e disse:

– *Está bem, homem! Irão consigo dois dos soldados aqui da capitania e cinco negros da nossa sanzala. É o que posso fazer! Eles levarão o seu próprio armamento para a defesa, caso seja, de facto, necessário!...*

Pilarte agradeceu e aguardou que lhe chegassem os reforços prometidos. Depois rumou de novo às terras de Carana onde reencontrou a sua gente. Foi já quase no fim do mês de Abril que a caravana tomou o rumo das terras mais distantes do Jau, onde o rebelde, nos últimos dias, tinha varrido tudo à zagaia. Kanina tinha prontamente mandado avisar o seu amigo Pilarte, aconselhando-o a ter todos os cuidados e a precaver-se contra as manhas daquele seu escravo revoltado. Foi assim que Pilarte e a sua comitiva se foram internando nas terras perigosas do rebelde, sempre à espera que algo de mau acontecesse.

– *Como é possível que não haja um cabrito, um boi, nada que se consiga comprar para matar a fome? Até a caça parece se esconder de nós. O Injau quer é vencer-nos pela fome já que não quer enfrentar-nos pelas armas. Assim não aguentaremos muito tempo!*

Pilarte, desalentado, falava aos seus companheiros, todos eles já a fraquejar de fome, fome que aumentava a cada novo passo da caminhada. A situação ia piorando à medida que as reservas alimentares se encontravam cada vez mais à beira do fim. Os piores dos seus receios começavam a concretizar-se e um dilema desenhava-se:

se regressar à Povoação era praticamente impossível, continuar a viagem naquelas condições era um suicídio. Como fazer então?

Acabariam por ir em frente, mas os batedores todos os dias iam e vinham para nada, dez dias a andar, andar, cada vez mais longe de casa, e os matos sempre vazios de gente e de mantimentos. Até os eumbos⁹ encontrados se apresentavam vazios dos seus habitantes, os sambos silenciosos dos mugidos do seu gado, até a caça que noutras ocasiões era farta se encontrava definitivamente arredada daqueles sítios.

– *Só temos uma possibilidade de nos salvarmos desta e continuarmos a viagem até à costa: é enviarmos um mensageiro a Kanina a dar-lhe conta das ciladas, das trincheiras que esse astuto do Injau nos faz com os seus gados por negaça.*

E voltando-se para Kanhuenga disse em olunhaneka:

– *Kanhuenga! Enda nkólo k’Ohamba Kanina okumutolela onthwe tu kahi n’ondjala ounene mokonta Injau lipita m’ohika nonongombe, nononkhombo aviho.*¹⁰

E assim foi. Kanhuenga juntou os poucos víveres que tinham sobrado no bernal de cada um e despachou-se a ir pedir ajuda junto de Kanina.

No outro dia, logo ao raiar da aurora, começou a ouvir-se uma grande restolhada, parecendo até que uma manada de elefantes se encontrava a passar nas redondezas. Era o socorro de Kanina que estava a chegar. Pilarte mandou um quimbare subir a uma árvore para tentar ver o que se passava ao certo. De um dos galhos mais altos da mulemba o guerreiro, depois de ter solto o seu olhar nas vissapas à volta, gritou na sua língua qualquer coisa que Pilarte se apressou a repetir aos seus homens:

– *Já estão perto os guerreiros de Kanina. Escutem, já se ouve a kúa. Estamos salvos!*

Era grande a razia que os guerreiros de Kanina faziam já nos rebeldes do Injau. Aquele barulho que se ouvira era o combate a

⁹ Aldeias.

¹⁰ Kanhuenga, vai depressa ter com o grande Kanina e diz-lhe que ele tem que nos vir socorrer pois o Injau escondeu o seu gado no meio do mato e faz-nos morrer de fome.

acontecer, depois dos reforços enviados da Ombala se terem aproximado do inimigo sem terem sido notados. Até aí, rastejaram como felinos, não deixando os do Injau darem pela sua chegada. Quando algum pau estalava sob o peso de algum guerreiro, os confiados rebeldes pensavam serem somente barulhinhos da bicharada do mato, nada de meter medo. Quando davam por ela, viam espantados que os manhosos dos guerreiros de Kanina já lh'estavam a saltar nas kakundas¹¹.

Pilarte, com as forças renascidas e a coragem renovada, mandou de imediato que os seus quimbares subissem num morro próximo, colocassem ali as suas cargas como se fosse o muro de uma fortaleza, e as montadas logo atrás para melhor ficarem protegidas dos atiradores. As lazarinas foram carregadas, as zagaia, adagas e flechas foram verificadas e tudo ficou preparado para a refrega final. Um grupo do Injau, que fora rechaçado na frente de combate, precipitou-se na clareira próxima do morro onde se encontravam os homens de Pilarte. A kúa ouvia-se cada vez mais forte e quando os atacantes estavam já muito perto, a três metros apenas, Pilarte mandou disparar. Uma saraivosa de balas zuniu na frente inimiga, alguns guerreiros feridos de morte caíram logo enquanto outros ainda chegaram a dar alguns saltos, despercebidos das feridas que tinham sofrido. Do lado da gente de Pilarte, enquanto uns carregavam os fuzis os archeiros flechavam os atacantes, e quando os fuzis se faziam ouvir os archeiros preparavam as suas flechas, assim sucessivamente. Alguns guerreiros inimigos tinham conseguido fugir das balas e das flechas, tendo apenas parado nas pontas das zagaia e dos sabres da defesa; outros ainda, que tinham conseguido penetrar as linhas defensivas, gritando que o feitiço para desviar as balas tinha resultado, travavam um feroz corpo-a-corpo com alguns dos quimbares de Pilarte. Uma zagaia silvou e foi cravar-se bem perto do sertanejo, enquanto, ao seu lado, caía ferido um dos seus. Levando a lazarina à cara, desfechou um tiro no inimigo que se preparava para espetar uma mutunga¹² no ferido. De re-

¹¹ Costas.

¹² Facão.

pente, assim como tinham chegado, assim abandonaram a refrega os guerreiros do Injau. Logo se percebeu porquê: os homens de Kanina estavam muito perto e os seus gritos de vitória calavam todas as outras vozes. Depois foi a perseguição aos que fugiam, incluindo o próprio Injau, que conseguiu escapar de vez.

O gado e tudo o resto que interessava aos vencedores mudou de dono. Aos vencidos apenas lhes sobrou a morte ou a fuga; aos vencedores coube um sortido saque que logo foi transportado para a Ombala do poderoso Hamba da Huíla. Pilarte quis verificar com os seus próprios olhos como estavam os seus feridos. Ao que mostrava estar em estado mais grave, disse-lhe que seria levado pelos seus aliados até à sua casa, na Povoação; aos outros três que tinham apenas feridas leves mandou que fossem tratados ali mesmo. Após verificação do estado das coisas, reparadas umas, arrumadas outras, descansados um pouco, logo partiam para os curocas. Alguns filhos de Kanina apareceram a levar-lhes proventos para a grande viagem.

Quatro dias a comitiva andou sem encontrar ninguém. Água ia-se achando alguma, mas muito pouca, de tal forma que nada sobrava depois de beberem para matar a sede do momento. Quando começou a rarear ainda mais, os feridos não aguentaram e acabaram por morrer. No quinto dia avistaram finalmente as Praias e o Cabo Negro: terras áridas por todo o lado, aqui e ali espinhosas vissapas e montes de pedras. Eram desoladoras aquelas paragens, tão desoladoras que parecia que ali nunca tinha caído pingo de chuva. Nem uma árvore, nem uma folha verde, nada para refrescar os estafados caravaneiros. Da parte do Cabo Negro se podia ver grandes montes de pedras e grutas onde habitavam alguns naturais.

– *Olhai! O que está ali naquele buraco não são retalhos de fazenda? Será que estamos perto dos nossos naufragos?*– gritou Pilarte, apontando para o fundo de uma das furnas. Depressa encontraram mais coisas, alguns caldeirões de cobre que logo pegaram e resolveram levar, vários ferrugentos ferros de navios e até restos dum cálice de prata. Mas, naufragos!, não viram nenhum.

Foram mais para o sul e acharam um rio largo mas seco perto dos montes, em cujas margens se podiam ver matebeiras e massambala. De um dos lados do rio encontrava-se uma lagoa muito grande e funda, com meia légua de comprimento e cinquenta braças de largura.

– *Finalmente água!* – gritou Pilarte, enquanto corria para o fundo da lagoa, tendo sido o primeiro a chegar. Com a mão em concha levou água à boca que logo cuspiu. – *Que porcaria de água, é salobra! Não se pode beber...*

O riso de satisfação que se começara a desenhar nos companheiros que o seguiam de perto morreu logo que ele denunciou a má qualidade da água. Desanimados e sedentos, mesmo assim lá foram verificar o que havia nas margens da lagoa, tendo encontrado apenas paus de bimba, caniços e algumas espinheiras, tanto nessas margens como nas do rio, já próximo dos montes, onde viram umas pequenas cubatas, em grupos de três, quatro e cinco, sendo só um de quinze. Ao todo contaram cinquenta cubatas, baixinhas e primitivas como ongandas.

– *Cuidado, eles já nos descobriram e estão furiosos! Vêm contra nós! Não vêm as flechas? Protejam-se! São, talvez, uns sessenta e não mostram medo nenhum!* – alguém gritava, enquanto da caravana se fogacharam dois tiros nos curocas. Mesmo assim eles continuaram mostrando a sua braveza, fugindo pouco e saracoteando sempre os corpos nus e muito pretos da torreira do sol. Naquela pretidão de cor destacava-se o branco dos olhos e da dentadura que abriam exageradamente para assustar os intrusos.

– *Arreganham a dentuça como as feras! Devem ser perigosos, cuidado com eles...* – disse Pilarte, enquanto se refugiava junto dos seus quimbares, ao mesmo tempo que dava ordem de retirada. Quase teve vontade de rir quando os viu também de dentuça arreganhada, a imitar os curocas, o que causou alguma hesitação nos atacantes. Aproveitando-se disso, os da expedição conseguiram fugir a tempo, sem grandes danos sofridos ou males causados e deixaram o mais depressa possível aquele lugar perigoso.

Quando a caravana chegou à praia, um pouco mais a oeste do local onde aportaram a primeira vez, puderam encontrar mais vestígios dos náufragos, só que desta vez tudo indicava que eles já não

era naufragos sobreviventes mas naufragos sobremortos, pois só restavam deles as caveiras bem polidas pelas areias e pelo sol e um ou outro espalhado ossinho.

Pilarte, exausto, resolveu regressar à Huíla, considerando que a sua missão estava tristemente cumprida. Infelizmente não haviam chegado a tempo de encontrar os naufragos com vida, afinal o principal objectivo daquela expedição. Virando-se para a sua comitiva, ordenou:

– Vamos embora! Estou farto disto! Já é o terceiro quimbare da nossa comitiva que morre. Perdemos também um boi-cavalo. Esta terra é imprestável, nua e escalavrada e se nos demoramos mais corremos sérios riscos de ir fazer companhia aos pobres naufragos! Como devem ter sofrido, coitados!

*
* *

João Pilarte, silenciosamente, voltou a sorver os fuminhos da sua mutopa e depois deixou o olhar se derramar liquefeito nos tições da fogueira que logo foi perdendo a chama. Não demorou muito que a fogueira morresse e todos os que ali estavam perceberam que o tempo das estórias tinha terminado. Para a maior parte dos ouvintes, ela não tinha uma novidade absoluta, pois já a tinham ouvido muitas vezes. Mas não se importavam, pois estavam habituados a isso. No sertão aprendiam a ouvir muitas vezes os mesmos episódios sempre como se fosse a primeira vez. Se levantaram e iniciaram as despedidas. Quando o último deles abandonou o terreiro dos Pilarte, António Jardim foi dizendo a Huilana que estava na hora de irem dormir. Quase já nas despedidas, o seu sogro continuava, dizendo:

– Pois é! Não foi fácil, não, essa aventura. Muitas estórias se contam por esse sertão adentro mas as verdadeiras, as heróicas, nem sempre têm um final feliz. Para aqueles que por lá ficaram espalhados pela praia, o heroísmo acabou muito mal. Para os meus homens que morreram, também... Para mim, o único heroísmo foi o de ter conseguido sobreviver...

Capítulo VIII

“É tempo de águas, tem pouco trabalho /
Mas virão as luas que dão só orvalho”

(Ruy Duarte de Carvalho – *Observação Directa: extracção nyaneka*.
Lisboa: Edições Cotovia, 2000)

Ainda o sol iluminava as montanhas que se viam para os lados da Catala e já bandos de catuítas enchiam os céus e mergulhavam, de quando em vez, no dourado das searas maduras. As raparigas, mufikuênas¹ ainda, com os cabelos enfeitados de argila vermelha a formar uma crista-de-galo, corricavam de um lado para outro nas searas ao mesmo tempo que faziam ouvir os seus frescos gritos de afugentação. De reduzidas tangas a esvoaçar, deixando a descoberto as nádegas brilhantes de mulela², causavam suspirosos ais aos rapazes, kakuendjes mesmo, com as carapinhosas melenas levantadas no cocuruto parecendo poupas de kuéle. E eles corriam, corriam no meio das searas, fazendo estalar nos ares os compridos chicotes de mangongue³ que sempre usavam. Os passarocos capianguistas de cereal de todo o tipo, da massambala ao massango⁴, fugiam logo assustados e transformavam-se em compactas nuvens de penas que, por momentos, escondiam o sol.

António Jardim tinha ido com seu sogro visitar os arimbo dele. Gostava muito de deixar o seu olhar perder-se no ondular das searas que dançavam ao vento. Como era bonito! Ah!, mas o prazer completava-se quando via as raparigas cantar tão bem como os pássaros, deixando-os fulos e a chiar de despeito. O Capitão-Mor da Huíla virou-se para um dos jovens e pediu-lhe emprestado o chicote que volteou nos ares. Depois puxou-o bem atrás e...

¹ Raparigas.

² Cosmético feito com manteiga de vaca.

³ Planta carnuda e fibrosa, tipo agave.

⁴ Massango, painço, espécie de cereal.

Táááá! Táááá!, ouviram-se os seus estalos que ecoaram no vale... um bando de catuítes voou para o céu, lançando os seus tuíííís-tuíííís de susto!

– *Como estalam bem estes chicotes! São feitos de quê?*

– *De mangongue! E ali estão alguns...*

Dirigiram-se a um tufo de plantas que parecia um molho de varas verdes, carnudas e com as pontas a terminarem num bico duro e aguçado como uma ponta de picador. Aquela planta era fibrosa e podia-se fazer com ela cordas e chicotes como aqueles que os rapazes usavam. Jardim murmurou os seus espantos pelos muitos segredos e saberes das gentes daquelas terras e continuou a soltar o seu olhar pelas searas e a deixá-lo escorregar devagarinho na pele aveludada das raparigas que cantavam e dançavam com os pássaros. Por momentos vieram-lhe lembranças de Loanda, as escravas a serpentear o ebanoso corpo ao som do batuque nos quintalões e as filhas-do-país a bailar minuets ao sol-pôr nos terreiros transformados em abertos salões. Relembra também as donas nos seus requebros de desfazer vénias que logo viravam sensual encosto nos cavalheiros. Mas o encantamento se quebrava na voz rouca do seu sogro:

– *É preciso regressar à povoação. Faz-se tarde!*

António Jardim suspirou, devolveu o chicote ao rapaz e pôs o braço nos ombros do seu sogro, o pai de sua amada Huilana, também ela tão perturbante na intimidade, como se o erotismo da terra se colasse a qualquer mulher, tanto as de pele mais clara como as de pele mais escura, tanto as dos matos como as das povoações; a diferença muitas vezes residia nos maiores comedimentos e composturas de umas e nos menos de outras, quase que só o retraimento público revelava a sua condição e faziam a diferença. De resto, o mesmo jindungo a aquecer o sangue....

– *Fiquei de passar pela Fortaleza, pois um dos meus soldados mandou-me dizer que havia um problema qualquer com o paiol da pólvora. O senhor meu sogro acompanha-me?*

Pilarte declinou o convite, dizendo que tinha alguma pressa em ir até sua casa, pois tinha umas ordens a dar a um dos seus pombeiros que estava de partida até Caconda. Ainda seguiram

juntos por algum tempo, aproveitando António Jardim para ir dizendo ao seu sogro, que se fosse preparando para, em breve, receber um cargo de muita importância e distinção.

– *Não se esqueça o senhor meu genro que eu sou uma pessoa de muitas ocupações, já com pouco tempo disponível e fresca idade para novos afazeres.*

O Capitão-Mor abanou a cabeça em sinal de contestação e abrandou o passo.

– *Pensei muito e, independentemente dos laços familiares que agora nos unem, acho que o morador João Pilarte da Silva é o mais indicado, pela sua experiência, honra e postura moral, para ser o Chefe e Juiz desta Povoação.*

Pilarte, embaraçado mas com uma ponta de orgulho a notar-se na voz, foi avançando desculpas e razões para não aceitar tal distinção.

– *O que dirão os demais moradores? Pensarão que fui o escolhido apenas por ser o sogro do Capitão-Mor!...*

– *Isso não! Tive o cuidado de auscultar a opinião de um grupo significativo de moradores e foi unânime a resposta. O senhor meu sogro é um homem de prestígio assegurado...*

João Pilarte, já um tanto embaraçado com os elogios, despediu-se do seu genro, não sem antes ouvi-lo dizer que iria, em breve, officiar ao Governador e Capitão-Geral de Angola, sobre aquele assunto.

*
* *

Lá no fundo escondia-se a povoação na margem esquerda do rio Lupolo, adormecida no regaço de um horizonte já a escurecer. As mulheres, com quimbalas⁵ de milho e massambala na cabeça, chegavam aos eumbos cansadas mas alegres. Dirigiam-se ao tchôto⁶ e reavivavam o fogo com abanicos feitos de mateba⁷.

⁵ Recipientes feitos de uma espécie de vime muito fino.

⁶ Altar familiar.

⁷ Fibra vegetal tirada de uma espécie de palmeira.

Depois colocavam a panela de barro com água para ferver, mergulhavam aos poucos a fuba de milho ou de massambala e o luvale,⁸ bem manejado, esmagava cada grumo de farinha que tentava resistir à teimosia de quem queria fazer um bom pirão. O conduto seria bom nessa noite, fitas de carne de holongo secas ao sol, que antes de serem comidas eram bem batidas para ficarem mais macias, sendo de seguida ajindungadas a preceito. Ao pirão que se pegava com cuidado, não fossem ficar as mãos queimadas, testava-se a macieza e, pelo cheiro, ficava-se a saber se havia sido feito ou não com fuba de milho novo! Depois, com as próprias mãos o pirão era moldado em pequenas bolas, amarelinhas e fumeguentas, que... nhôc-nhôc!, saltavam para dentro das gulosas bocas. No final, só mesmo no final, bebia-se bulunga uns, outros makau.

Aproveitando a luz da fogueira, uma velha cabeleireira preparava um penteado novo a uma das raparigas que já tinha feito o ehiko, a festa da puberdade. Kumena, a filha mais nova de Kanhuenga, precisava agora de ter outro penteado, apropriado à sua idade. A cabeleireira fez as suas rezas propiciatórias aos seus manes protectores, aos espíritos dos artistas do cabelo, pois precisava dos seus apoios naquele trabalho e dispôs-se a desfazer-lhe o elike, aquela vermelha crista que ela tinha usado durante os últimos meses. A cabeleireira gostava muito de Kumena e queria fazer-lhe um penteado perfeito. Xinguilou um pouco, os olhos se reviraram porque os espíritos já tinham chegado, xacatou os pés na poeira quando um deles se desencontrou do caminho certo, depois acalmou, se sentou e colocou a cabeça de Kumena nas suas pernas. O trabalho ia começar.

Dos fundos e a pouca distância delas, um tocador arranhava com as unhas dos polegares as palhetas metálicas dum kissanje, como que a dizer, Kumena agora já não és mais criança irresponsável e traquina; daqui para a frente esperam-te responsabilidades maiores, como casar, ter marido e filhos. Era por isso que Kumena chorava, chorava por ter que deixar a infantil idade, tão boa e despreocupada. O kissanje, assim como cantava a passagem de

⁸ O pau com que se remexe o pirão.

Kumena para a idade adulta, também rouquinava misteriosos sons que iam dizendo às sombras do dia que deixassem passar a noite.

Junto ao fogo já aceso no tchôto, um velho magro falava com a voz do kissanje. Contava a um pequeno grupo de homens atentos, estórias antigas dos tempos de Mataman⁹... quando os Bangalas ainda não tinham chegado mais os brancos no rasto deles...

Sentados à frente de uma das cubatas, junto ao fogo, encontravam-se Kanhuenga, sua mulher, sua filha Kumena e Francisca Pilarte, que até ali tinha ido para ver o novo penteado de sua amiga.

– Esse penteado é uma beleza! Mas o elike que usavas era muito mais bonito. Como te ficava bem aquela crista vermelha! Muitas vezes tive mesmo pena de não ser da tua gente para ter um elike como o teu. Que inveja!

Kumena riu-se muito, mostrando os dentes brancos e perfeitos, embora na fila de baixo faltassem os dois incisivos que, segundo a tradição, tinham que ser retirados para que ela ficasse mais bonita. Kumena também achava que Francisca tinha alguma razão no que dissera. As raparigas que viviam com os brancos, fossem de que cor fossem, eram pouco vistosas, quase sempre vestiam e se penteavam de igual maneira. Só em ocasiões especiais é que punham roupas mais vistosas, por exemplo, quando havia festa ou casamento. O casamento era uma festa importante para as pessoas da Povoação! Lembrava-se que tinha ido espreitar Huilana, a mana mais velha de Francisca, na saída do casamento lá na igreja e tinha-a achado muito bonita, assim como ao seu noivo. Este envergara o seu fato de soldado, com as vissapas douradas a brilhar nos ombros, mais as medalhas a faiscar ao peito e os botins a tintilhar. Mas, de resto, no dia a dia, sempre eram aquelas roupas simples e sem qualquer decoração. Kumena voltou-se sobre si mesma e rindo mostrou melhor o seu novo penteado à amiga. As tachas de metal e os botões brancos faziam geométricas figuras em cada uma das três partes em que a cabeleireira lhe tinha dividido o cabelo. Agora ela era uma rapariga casadoira, por isso o penteado

⁹ Grande Reino que existiu no Sul de Angola, invadido e destruído pelos Jagas (Bangalas), a partir dos finais do Séc. XVI.

era muito diferente do anterior. Os rapazes, só de olharem para o seu penteado, sabiam logo que Kumena era uma rapariga disponível para o namoro e para o casamento.

Do lado de lá das velhas mangueiras carregadas de mangas-de-bico-torto e de mangas-de-chacuto, só o clarão das fogueiras bruxuleava figuras que dançavam nas paredes ocre da casa-grande dos Pilarte. Eram as silhuetas dos adivinhos que tentavam encontrar os caminhos perdidos na vida de cada um. Sussurrando como a brisa e milamilando¹⁰ como as folhas das árvores, eles invadiam as entranhas dos cabritos e perscrutavam nas suas vísceras quais os carreirinhos que desaguavam no futuro de cada vivente.

– *Juliano! Francisca! Mas onde estão esses meninos? Venham p’ra casa que já está a escurecer! Olhem as hienas!*

Dos fundos matos ouvia-se o infantil choro das hienas, pareciam bebés a choramingar pela falta da mãe; de sua casa ouvia-se D. Feliciano gritar, debruçada no parapeito da janela que dava para o terreiro. Depois do terreiro, a mancha verde, já escura pelo adiantado da hora, pontilhava-se de frutos de diferentes formas e espécies, laranjas, tangerinas, mangas, mamões, nêspersas e pitangas. Os olhos de D. Feliciano passeavam-se por tudo aquilo até se perderem no horizonte, no qual se fundiam as terras de cultivo. E lá no fundo, bem no fundo mesmo, adivinhava-se a fronteira líquida do Rio Lupolo, cujos guardas eram grandes lagartos que se chamavam lohengues.¹¹ Era perto do local onde o rio se desfazia em cascata que terminavam as terras dos Pilarte e começavam as da família Tirote.

– *Juliano! Francisca!* – continuava a chamar pelos seus meninos, a mãe preocupada porque a noite, lesta, tinha descido muito cedo sobre o casario da povoação e sobre o muro verde, vegetal, que lhe cercava os limites.

– ... *Mas, o que é feito desses meninos? Olha, Huilana, quando o teu filho nascer, vê lá se consegues torcer esta teimosia dos Pilarte. Os teus irmãos só fazem o que lhes apetece.*

¹⁰ De Omamila-Mila, espécie de catalepsia de alguém possuída por um espírito.

¹¹ Grandes lagartos dos rios.

Huilana quase nem ouviu. Aquele dia não tinha começado bem para ela. Logo pela manhã sentira tonturas e a barriga mais pesada que nunca. Por isso, preocupada, tinha ido passar o dia com sua mãe.

– *Muchungo, enda oku-ihana ovana! Nkuári ve-kahi k'osanzala okukarie otchihíma! Enda nkólo!!* – mandava D. Feliciano que o serviçal Muchungo fosse chamar à sanzala os seus meninos, por lá a comer pirão, que era o que eles mais gostavam de fazer. Juliano gostava de estar ali, aquecendo-se na fogueira, entre os quimbares do seu pai; naquele momento, era onde se encontrava, longe dos olhares da mãe. Como era bom ouvir estórias de guerras, escravos tratados como bichos e bichos tratados como homens. Quando a fome começava a cirandar pelo estômago, sentia as narinas a abrirem-se mais para deixar passar aquele cheiro adocicado e fresco da farinha de milho novo. Gostava muito daquele pirão comido à mão, bolinhas que se recheavam com pedaços de peixe-seco ou de carne de caça, tudo assado ali mesmo, na brasa. Mas até a fome desaparecia quando havia kuhela, aquela dança guerreira que vinha de tempos muito antigos com os invasores Ba-Nyika, os que raziavam tudo e faziam a guerra como se ela fosse uma festa.

– *Um homem sem cicatrizes de guerra não era homem nem nada!* – dizia o velho Tchóia, como que em resposta aos seus pensamentos.

– *Humm! É mesmo verdade o que dizem!... Este velho adivinha o pensamento das pessoas...* – pensou Juliano, perguntando, de seguida, ao velho de carapinha branca como a sumaúma no tempo seco:

– *Buále! Conta velho aquela estória dos Vátua¹²... aquela dos tempos mais antigos, quando os povos viviam em ongandas¹³.*

Tchóia olhou para ele e disse:

– *Kana kangue¹⁴, hoje não! Hoje não é noite... noite própria p'ra ouvir estórias do antigamente. A noite hoje não quer. As folhas*

¹² Povo negro, pré-Banto. De Ova-Twa (plur.); Omu-Twa (sing.).

¹³ Habitações primitivas, em forma de cúpula, construídas com paus, folhagem ou capim.

¹⁴ Meu filho!

tão a xuxualhar as palavras delas mas as árvore não lh'escuta. A língua das folhas não é a mesma das árvores. Hoje na noite tudo tá misturado, o leão come a própria cria e a hiena come sozinha bichos vivos. Esta noite tudo tá trocado... Hoje não... – assim falando, o velho Tchóia deixou o tronco onde se encontrava sentado e se enrodilhou melhor no cambriquito velho e esburacado. De um saco preso na sua cintura tirou um pequeno objecto que estendeu a Juliano.

– *Tambula!*¹⁵ *Este kissanje é para ti. Dentro dele está um grande mistério... o som do voo dos pássaros quando vão, o som da voz dos pássaros quando voltam!...*

Aqui, o velho soltou o olhar que esvoaçou e o único som que se ouviu foi um bater de asas por cima das copas altas das mangueiras. O velho Tchóia tinha desaparecido.

Juliano estremeceu. Tudo aquilo lhe era estranho, pois o velho Tchóia nunca se tinha portado daquela forma tão misteriosa e a noite nunca estivera tão enigmática. Esquecido pelos ouvidos dele, o kissanje falou mesmo a voz do velho ausentado, mas directamente na cabeça de Juliano, como se as orelhas fossem só um penduricalho qualquer que não a corneta dos sons:

– *... Tem voz de pássaro e de bicho... também tem voz de gente. Nas noites como esta, tudo está trocado, só as falas do kissanje são ouvidas por todos nos seus direitos lados. Tudo o resto é só mesmo nos seus avessos...*

Juliano coçou a cabeça, olhou para fogueira de fogo vivo que o aquecia na frescura da noite. Segurou o kissanje e sentiu uma preocupação indefinida, um qualquer encantamento nas palavras do velho Tchóia. Olhou para os lados da cubata de Kanhuenga e chamou sua irmã. O homem do kissanje daquele lado tinha desaparecido. Sua irmã afiançou que nunca ali tinha estado qualquer homem a tocar kissanje, só mesmo ela e Kumena cantarolando de quando em vez, nem mesmo o velho Tchóia tinha encontrado nesse dia. Entretanto, ouviram um restolhar que se aproximava e... prepararam-se para ver ressurgir o mais-velho. Afinal, era Mu-

¹⁵ Toma!

chungo que chegava, amuado com os seus meninos por estes fazerem com que ele andasse num corre-corre entre vissapas à procura deles, sempre sob a voz esganiçada de D. Feliciano.

– *Estranho, muito estranho!* – murmurou Juliano, não refeito da surpresa.

Levantaram-se então e, em olunhaneka, desejaram boa-noite:

– *Ma tu-enda pahe. Lalei-po-ei!!*

Depois retiraram-se para a sua casa ao som das palavras de resposta aos seus votos de boa-noite:

– *Kêto! Kêto!*¹⁶

De repente, um grito se ouviu mais alto que o som dos bichos e dos pássaros que conversavam na noite. Pararam e escutaram. Francisca, aflita disse:

– *Foi Huilana que gritou! É a voz dela, tenho a certeza!*

Aí Juliano questionou:

– *Mas porquê? O que se passa?*

O criado Muchungo, meio atarantado, lá ia dizendo que talvez fosse a criança da menina Huilana que estivesse a nascer.

– *A criança?! Não pensava que era p'ra já!* – observou Juliano, meio estonteado, enquanto regressavam à sua cabeça as palavras estranhas de velho Tchóia:

– *Hoje na noite tudo tá misturado...*

Entraram em casa em doida correria, o Muchungo atrás, pastoreando os seus meninos. D. Feliciano andarinhava pela casa, e já tinha entrado e saído duas vezes num dos quartos de dormir, sempre transportando qualquer coisa, quando viu Juliano e Francisca. Esquecida da repreensão prometida, fez-lhes o sinal de “bico calado” e continuou a caminhada, numa das mãos uma bacia com água quente, noutra uns panos brancos. Ali ficaram eles sem saber o que fazer. Seu pai e cunhado estavam a um canto, nervosos a andar da porta para a janela, da janela para a porta. Não quiseram perguntar-lhes nada, pois o seu ar dificultava qualquer aproximação e tinham a certeza que uma qualquer pergunta obteria a seguinte resposta:

¹⁶ Obrigado! Obrigado!

– Isto não é assunto para vocês. Vá, vão dormir meninos!

Mais uma passagem de D. Feliciano por ali e finalmente diz-lhes:

– Vossa irmã já teve a criança. Antes do tempo, mas está tudo bem, graças a Deus!

Juliano e Francisca saltaricaram de alegria, tocaram as palhetas do kissanje mas sua mãe lembrou-lhes que era preciso não fazer barulho. Depois perguntaram:

– E a criancinha... é menino ou menina? É parecido com quem?

D. Feliciano respondeu à curiosidade dos seus filhos:

– É uma menina! E é parecida com a mãe. Apesar de pequenina e ainda abalada do parto, vê-se logo que é uma Pilarte!...

Capítulo IX

“Ombila nga Yatya, matwi k’ondongi ya Lupolo.
Uaândua n’outalala m’Ombala.”

“Quando a chuva parar, iremos até ao Rio Lupolo.
Há quem esteja com resfriado lá na residência real.”

(Provérbio Nhaneka)

Kanhuenga correu a avisar Pilarte:

– *Muhona, uaândua n’outalala m’Ombala!*¹

Essa era a razão de tanto alarido, a causa do falar choroso das ngomas² a encher os ouvidos de todos os bichos e de todos os homens, de as rolas pararem de cantar e os pássaros de voar. Até os cães tinham desaparecido, eles que muito antes dos homens sabem pressentir a mudança dos tempos.

Já há mais dum mês que as pessoas que vinham dos lados da residência real diziam, vagarosas:

– *Uaândua n’outalala! Uaândua n’outalala!*³

As velhas punham a mão direita sobre a nuca e murmuravam só:

– *Aiuê!, está frio lá nos lados da Ombala... nem o fogo sempre aceso no altar da família consegue afugentar a geada. Aiuê!, o vento sopra frio lá nos lados da Ombala...*

Os parentes reviravam os olhos e guardavam as muitas lágrimas que iriam chorar depois. A parentela do Grande Kanina sabia o que isso prenunciava. Na Povoação, Muhona, o sertanejo amigo, foi o primeiro a saber que o Soba estava com resfriado... e ele sabia bem qual o significado dessa metáfora. Começou logo a preparar os de casa, a sua gente tinha que saber que, entre os dias tal e tal não poderiam sair da Povoação, não seria seguro.

¹ Muhona (nome muíla de Pilarte), há quem esteja (o Soba) com resfriado na Ombala (residência do Soba).

² Tambores, batuques.

³ Alguém está com resfriado na Ombala!

– *O resfriado de...* – também ele se escusou a pronunciar o nome do grande Hamba da Huíla. Pilarte sabia que os próximos tempos não seriam de tranquilidade, pois o Soba tinha inimigos que há muito espreitavam o seu desaparecimento... agora a concretizar-se. Provavelmente seria a hora da vingança do Injau, a onça escorraçada que esperava o momento certo para voltar atacar de surpresa; ou dos guerreiros do Nano, que sempre tinham tido a Huíla como a última fronteira dos seus assaltos, pelo grande temor que sentiam por Kanina Gongga. As suas razias chegavam até Quilengues e paravam aí, porque os do Nano sabiam que o Hamba da Huíla era o herdeiro de outros Gonggas que lhe haviam transmitido a herança do sangue autenticamente jaga⁴ e a braveza Bangala⁵. Na galeria dos antepassados de Kanina evidenciavam-se os ferozes guerreiros que ostentavam o Oku-Yaha⁶ como símbolo, como brasão de armas. Eles sabiam que era difícil quebrar a força dos guerreiros de Kanina, bem defendidos na sua chimpaka, essa muralha de pedra, única nas terras onde quase tudo se construía com madeira.

Durante um mês, do Hamba da Huíla apenas se dizia que estava com resfriado, afinal um eufemismo a dar indicação aos seus súbditos que era preciso preparar toda a gente para os dias maus que iriam chegar após o passamento do Senhor da Ombala do Lupolo.

Pilarte dirigiu-se a sua casa, mas de caminho passou pela de sua filha e de seu genro António Jardim. Ainda longe e já ouvia a algazarra dos miúdos nas suas travessuras e brincadeiras. Era o final da tarde e, como era costume, Huilana sentara-se num dos mochos que sempre se colocavam fora de portas para convidar

⁴ Jaga, nome por que era conhecido um povo que, vindo do Leste, penetrou o Reino do Congo, no Séc. XIII, tendo, posteriormente, passado a outras zonas de Angola, chegando, nos finais do séc. XVI, às margens do rio Cunene, no extremo Sul, onde criaram um reino designado Humbi-Onene. Os Jagas ficaram conhecidos pela sua ferocidade.

⁵ Os Bangalas eram conhecidos pelos portugueses por Jagas.

⁶ De oku-yaha, ferir com a flecha, flechar. Pensa-se que este termo derive de Yaka que, aportuguesado, deu Jaga.

alguém a parar e a conversar um pouco, até que a noite trouxesse o frio e a voz dos bichos do mato. Com Huilana encontrava-se sua cunhada Teresa, mulher de seu irmão Pedro e irmã do pombeiro de seu pai, Simão Guimarães. Este ausentara-se para longe, integrado na quibuca do seu cunhado, Pedro Pilarte, em demanda dos sertões de Caconda. Simão era um homem muito experimentado nos funanços, ele próprio filho dum experimentado sertanejo de Benguela, José da Silva Guimarães.

No terreiro, descalços e empoeirados brincavam os miúdos ao canho.

– *Quem tem o canhê? És tu! Pescoço de ganso, monco de peru. Quem tem o canhê? Sou eu! Diabo, diabo, não vais p'ró céu!* – E assim corricavam e gritavam uns e outros, ora se tocando ora fugindo, sempre repetindo aquela lenga-lenga.

– *Meninos, acabou a brincadeira! Já está escuro e é tempo de ir em casa.*

Pilarte aproximou-se, sem que dessem pela sua chegada, tão entretidos se encontravam na conversa e na brincadeira. A sua filha e a sua nora levantaram-se logo e foram cumprimentá-lo:

– *A sua benção meu pai! A sua benção meu sogro!*

– *Deus vos abençoe, minhas filhas!*

Depois perguntou pela neta:

– *Como vai a Eulália, a nossa Lalinha? Bebê, ainda ontem e já fez sete anos. Como o tempo passa, meu Deus!*

– *É verdade, meu pai, como o tempo passa! A Lalinha está lá dentro. Não tem andado muito bem ultimamente. Estou farta de lhe dizer que não deve comer mais do que um maboque de cada vez, mas não liga nenhuma! Depois, é o que se sabe, dói a barriga, fica com prisão de ventre, enfim! O senhor meu pai deseja vê-la?*

– *Não! Depois do jantar venho cá! Olha, dá-lhe chá de folhas de goiabeira, faz-lhe bem. Agora tenho que conversar acerca de coisas muito sérias e inadiáveis.*

Pilarte falou então sobre os últimos acontecimentos e aconselhou-as sobre o que deviam fazer nos próximos dias:

– *Será bom uma maior vigilância junto das crianças, não as deixar sozinhas muito tempo fora de casa. Vocês também devem*

evitar sair, só mesmo quando for estritamente necessário e sempre dentro dos limites da Povoação.

Depois perguntou a Huilana:

– Onde se encontra o teu marido, minha filha? Preciso urgentemente de falar com ele.

– Na Fortaleza, meu pai. É lá que passa a maior parte do tempo. Anda de novo afobado em reparações, porque uma das paredes ruiu com as últimas chuvas.

– Eu sempre chamei a atenção para aquele adobe! Já no tempo do meu irmão Paulo se caiu nessa asneira de fazer o adobe da Fortaleza com o barro da Catala, que não presta para nada. O bom barro tem que se ir buscar ao outro lado do rio, que até fica mais perto. Esse barro é mais espesso e o adobe sai mais resistente. Bem! Mas, não é por causa disso que vim cá.

– Então, meu pai, do que se trata? Está com um ar tão preocupado! É por causa do resfriado de Kanina?– observou Huilana.

– O resfriado do Hamba!... Mas eu já vos expliquei o que verdadeiramente isso quer dizer! Todo o cuidado é pouco doravante...

Huilana e Teresa, incomodadas com a preocupação evidente de seu pai e sogro, ainda tentaram aligeirar a situação:

– Mas, não poderá desta vez ser apenas um resfriado?

– Ó minhas filhas! Por quem sois! Sabeis bem que o vosso pai não é pessoa de temores vãos. Se eu vim cá dizer-vos que o perigo está à solta é porque é mesmo assim!

Huilana e Teresa arrependeram-se logo do que tinham dito. Sem quererem haviam agastado o seu pai.

– Resfriado é a forma que os parentes próximos do Hamba têm para comunicar ao povo que precisa de se preparar para receber a notícia da morte do Soba, o que acontecerá daqui a uns trinta dias. Será nessa altura o pico da confusão! Nunca se sabe bem o que pode acontecer quando um soba grande como Kanina morre. Por isso, tenham cuidado!

João Pilarte despediu-se e dirigiu-se para os lados da Fortaleza, em busca do Capitão-Mor, para o aconselhar a estar atento a todos os sinais que vinham da Ombala. O velho sertanejo ponderava, de semblante carregado pela preocupação, como tudo

poderia vir a ser mais difícil depois de Kanina, com quem ele tinha aprendido a actuar e de quem sempre havia recebido apoios. A sobrevivência da própria Povoação passava, também, pela manutenção do entendimento que se pudesse estabelecer com o soberano da Huíla. Desaparecido Kanina, dali em diante tudo poderia acontecer...

*
* *

Tinham-se passado trinta longos dias desde que se começara a falar no resfriado do Soba... no frio que se sentia na Ombala. Lentamente, do outro lado do rio Lupolo, começou a ouvir-se um carpir que se ia avolumando até engolir completamente o silêncio sobrevivente. Na Ombala os parentes de Kanina choravam. O real cadáver de Gongga foi exposto depois para ser carpido também pelo seu povo, até que fosse a enterrar. Sobre um palanquim feito de paus de murilahonde, a árvore que chora sangue, revestido com peles de leopardo e colocado sobre quatro magníficas presas de elefante, encontrava-se o corpo de Kanina. Quatro guerreiros da guarda pessoal do Soba estavam ali permanentemente a velar por ele, a enxotar as moscas e a queimar plantas aromáticas para que o cheiro do corpo a entrar em decomposição não fosse forte demais.

Ao nobre Katuliende, primo de Kanina, coube a tarefa ritual de zagaia um touro preto na jugular, fazendo com que o sangue espesso e quente do namphinga⁷ jorrasse em vermelha cascata. Katuliende sorveu depois da lâmina da zagaia um pouco daquele sangue sagrado e deixou o restante ser bebido pela terra. Seria bom! O capim ia nascer mais tenro e o gado ia ficar mais gordo e daria mais leite. De seguida escolheu os dois fidalgos que iriam preparar a mortalha de couro onde se depositariam os reais despojos. Os fidalgos começaram a sagrada tarefa aos primeiros raios de sol. E era difícil essa tarefa, pois tinham que esfolar o touro com as próprias mãos e unhas. Somente os primeiros golpes podiam ser

⁷ É o boi "do herdeiro", geralmente abatido por ocasião do falecimento do seu dono.

dados com uma faca. Tat'íê!, como era difícil aquele trabalho! As unhas começavam a partir-se e a pele das mãos ia-se confundindo com a pele do próprio touro. Quando o esfolamento terminou, a carne foi então cortada e o peito separado para o único destinatário possível: o príncipe herdeiro. O povo encontrava-se presente em grande número, testemunhando o apreço que tinha pelo seu Hamba. Dos mais importantes, entre a parentela, destacava-se o herdeiro Gongga Namuêho, sobrinho mais velho do defunto, filho da sua irmã mais velha, que ali se encontrava para assistir à cerimónia do amortalhamento do real corpo com a pele do touro preto. Devagar, chegaram os guerreiros que tinham a seu cargo os dois escravos que iam acompanhar o soberano na definitiva morada, para que ele não ficasse só e os tivesse sempre à sua disposição. O corpo foi então apeado do palanquim e abriram o tchindi, a urna funerária feita de barro vermelho, onde meteram o corpo amortalhado de Kanina mais os corpos vivos dos dois escravos. Depois de fechado, o tchindi foi transportado aos ombros de oito homens da parentela real que o depositaram numa ampla cova, aberta no cemitério dos reis, que se situava nas profundezas da mata sagrada onde até os pássaros, por um misto de respeito e terror, não se atreviam a voar ou a fazer os seus ninhos. O som dos tambores e das puítas⁸ foi grande como nunca e a sua fala se repercutiu em todas as terras vassalas do grande Kanina Gongga, Hamba da Huíla. Durante muitos dias, nem bichos no mato, nem homens nas povoações, puderam descansar. Os bois ondilisa⁹ que depois foram mortos eram tantos como as folhas de uma árvore inteira e a sua carne foi deitada aos cães pois não podia ser comida pelos homens, nem sequer pelo mais desprezível de entre eles. Mas o seu couro, esse era um despojo importante, uma dádiva que pertencia aos sobrinhos do soba, daí que, por muito tempo pesasse no ar o cheiro apodrecido de dezenas de peles a serem curtidas ao sol. As hienas e os insectos atraídos pelo nauseabundo cheiro invadiam tudo e a todos incomodavam.

⁸ Cuícas.

⁹ São os bois “de fazer chorar”, destinados a serem abatidos por ocasião do falecimento do seu dono.

Na Povoação sentia-se o problema de uma forma gritante, pois não se podia matar a bicharada sem que houvesse ruído e até as demonstrações de sofrimento estavam interditas.

– *Uma desgraça nunca vem só!* – murmurou Pilarte, de caminho para a casa dos seus vizinhos Tirote. Ali chegado, cumprimentou vários moradores que tentavam consolar alguns membros da família enlutada. Jeremias Tirote logo que o viu dirigiu-se a ele, mostrando no rosto as marcas de um grande desgosto.

– *Pilarte, meu velho amigo, obrigado por ter vindo.*

– É uma obrigação minha estar aqui convosco, nesta hora tão triste.

Aquela família chorava o recente falecimento de um dos seus membros mais jovens. Depois das orações que sempre se costumava rezar nestas alturas, contaram-se episódios dos quais fazia parte o falecido, entre sufocados suspiros e afogados choros.

– *Vieram-me dizer que não poderei carpir nem fazer as exéquias funerárias do meu filho. Tem de ser assim?* – perguntava-se Jeremias, sem esconder a sua revolta.

Pilarte, com o cuidado que a situação merecia, anuiu:

– *Sim, meu caro amigo, nem pensar nisso! Foi anunciado o passamento de Kanina e decretado luto em todo o seu reino. Os próximos trinta dias serão de descanso forçado e nenhum funeral poderá ser feito nesse tempo. O ongondji¹⁰ é a lei suprema! Quem morrer nesse período deverá ser enterrado sem qualquer cerimonia. É assim que manda a tradição e os costumes desta terra que devemos respeitar!*

Jeremias baixou a cabeça e começou a soluçar.

– *O meu filho morreu e nem o posso chorar como deve ser. Esta terra tem sido uma terra madrasta para mim. Estou farto desta vida!*

Pilarte comoveu-se com a pouca sorte do seu vizinho e abraçou-o tentando consolá-lo. Para segurança dele voltou a lembrar-lhe o que devia ou não fazer naquelas circunstâncias:

¹⁰ Descanso de um mês obrigatório durante o luto decretado pelo falecimento do Soba dos Nhaneka-Humbe.

– O meu amigo terá que chorar discretamente o desaparecimento de seu filho, sem alarde, pois ao contrário poderá atrair a cólera dos filhos de Kanina, e isso não é bom para ninguém!

Em sua casa, D. Feliciano fazia os possíveis por tornar menos barulhentas as brincadeiras de Juliano e de Francisca. Habitados ao ar livre, sempre em disputas que envolviam correrias e trepadeiras em tudo o que era árvore, sentiam-se aborrecidas por estarem confinadas à pequena área da sua casa, tornando-se inquietas e maldispostas. Era preciso inventar mil e uma histórias para as acalmar. Quando ela contava uma que envolvia o velho Tchóia e os mistérios que sempre rodearam a sua vida, ouviu-se ao longe um som de kissange que embalou a noite toda... Só então as adormeceram e D. Feliciano pôde descansar.

Nos dias que se seguiram ao enterro do Soba, o único barulho que se podia ouvir era o das correrias dos jovens fidalgos e os berros dos incautos transeuntes a serem agarrados e despojados de tudo o que levavam, pois deviam saber que era proibido passar nas imediações da Ombala, durante o luto real.

Gonga Namuenho, o sobrinho do grande Kanina, era agora o Hamba da Huíla. Os tempos, porém, iriam ser outros...

Capítulo X

“Omukúio uie ndjamena k’ondongi.
Ovanthu vaiendjamena k’ononkhia.”
“A figueira debruça-se sobre o rio.
Os seres humanos debruçam-se sobre a morte.”

(Provérbio Nhaneka)

Na Fortaleza preparava-se tudo para que a defesa impedisse o ataque dos guerreiros do Nano. Felizmente, as caravanas sertanejas que por ali passavam, levavam quase sempre um dos artigos mais procurados e vendidos no interior, que eram as armas de fogo. Assim podiam abastecer-se, com alguma regularidade, de armamento e pólvora para uso dos moradores e para guarnecer a Fortaleza. As lazarinas e as clavinhas tinham sido limpas umas, reparadas outras; as sem arranjo iriam servir de moccas ou porrinhos, pois nenhuma seria dispensável. As lanças e as adagas foram colocadas em locais estratégicos para que pudessem ser utilizadas no momento mais apropriado. Os defensores ostentavam na cintura as suas espadas prontas a serem desembainhadas quando chegasse a luta corpo a corpo. A única peça existente, de calibre um, ainda disparava bem mas não havia munições suficientes para seu uso. Muito se tinha esperado que elas chegassem de Benguela mas... nada! Da parte do Soba Gongu Namuenho tinham chegado à Fortaleza alguns guerreiros para ajudar na defesa. Não muitos, pois por todo o reino surgiam sublevações de tudo o que era povos avassalados do Hamba da Huíla. Mais uma vez os problemas tinham começado no Jau, como já era esperado, pois logo que o Injau se apercebeu que o grande Kanina já não se encontrava no mundo dos vivos, se preparou para um vingativo regresso. Namuenho não tinha o carisma nem a força que o seu tio Kanina tivera. O poderoso Reino da Huíla começava a desmembrar-se e o novo Hamba sentia-se impotente para fazer face a todos os ataques que o ameaçavam.

O grande perigo que espreitava agora a Povoação e que explicava a preocupação geral, vinha de terras mais acima, conhecidas por Nano. De lá começaram a chegar sinais inquietantes: os Ova-Nano, logo que receberam notícia do passamento de Kanina começaram a preparar a razia que havia muito acalentavam. Notícias da Huíla, trazidas pelos espiões que enviaram, diziam que era chegada a altura de se prepararem os guerreiros para o grande combate. Diziam esses espiões que o novo Senhor da Huíla tinha poucos apoios e os seus guerreiros se encontravam divididos por todo o imenso Reino, na tentativa difícil de debelar as muitas revoltas que explodiam por muitos lados. Também era já falada a sublevação dos povos Herero das terras baixas, sobretudo dos orgulhosos Cuvale, que recusavam enviar o seu tributo em bois à Ombala do Lupolo. Detentores de tanta e exacta informação, os do Nano entenderam que não deveriam esperar mais para se lançarem sobre as ricas terras da Huíla. E assim foi. Em Agosto desse ano de 1794, sete mil guerreiros do Nano iniciavam no Huambo a sua caminhada com destino à Huíla. As razias começaram a fazer-se logo em Quilengues, seguiu-se a Socovala, e por aí adiante. Muitos eram os gritos, muitas as mortes nos caminhos da guerra do Nano. As sentinelas nhanekas colocadas nos pontos mais distantes ouviam os seus gritos de guerra e iam em correria avisar o Soba da Huíla. Na Ombala do Lupolo foi grande o alarido e os guerreiros prepararam a defesa

Foi então que o Soba Namuêho se refugiou no seu retiro de guerra, uma autêntica fortaleza que Kanina tinha mandado edificar no interior da chimpaka. Para lá foi com a sua parentela mais chegada e ali se instalou, com armas e provisões para muito tempo. Antes de sair da Ombala, contudo, o Soba tinha mandado que guerreiros seus fossem para a Fortaleza juntar-se às forças do Capitão-Mor. Ele sabia que a aliança com os moradores da Povoação e seus quimbares era importante para deter o inimigo comum, os ferozes guerreiros do Nano. Contara, sobretudo, com a perspicácia de Muhona, o velho amigo de seu tio. Pelo menos naquele momento, o novo Soba da Huíla achava que talvez valesse a pena manter viva a velha aliança.

*
* *

Pilarte tinha reunido os seus quimbares. Bem mais do que o genro era ele a quem, naturalmente, iria competir a delineação de toda uma estratégia de defesa. A guerra do Nano estava já muito próxima e Kanhuenga deveria juntar alguns homens experientes a quem pudesse confiar o transporte das mulheres e das crianças até ao abrigo do Bumbo. Se as coisas corresse mal e os guerreiros do Nano avançassem até lá, os refugiados sempre poderiam abrigar-se no fortim de Capangombe. Pilarte andava ultimamente com alguns pressentimentos menos bons e isso incomodava-o muito. Não que fosse uma pessoa cismada ou presa fácil de sugestões ou medos. Talvez por isso estivesse tão empenhado em mandar a família para um sítio seguro. Contudo, alguém muito chegado ia ficar com eles: Huilana. Ninguém tinha conseguido fazer com que ela mudasse de ideias. Tinha decidido ficar com o seu pai e o seu marido e ajudar na defesa, se não a combater, pelo menos a carregar as armas e a cuidar dos feridos.

– *É teimosa esta Huilana!* – resmungou Pilarte.

– *Tem mesmo a quem sair!* – disse António Jardim, com um sorriso brincalhão nos lábios. Huilana olhou apaixonada o seu marido e pensou que gostava de ver aquele sorriso maroto brilhar nos lábios do seu amado. Mesmo nas horas de aflição ele conseguia sorrir! Fora com esse sorriso que António a conquistara. E as recordações correram céleres até ao primeiro dia em que ele tinha chegado a sua casa acompanhado de seu pai, ainda meio adoentado das febres palustres, mas de bonita figura, ao namoro escondido e ao primeiro encontro, na cascata.

– *Ah!, a cascata!* – murmurou suspirando fundo, de tal forma que o seu pai e o seu marido ouviram sem nada perceberem.

– *Huilana!, passa-se alguma coisa?...*

– *Não, não é nada!* – disse Huilana, um pouco embaraçada e apressando-se a ir até sua casa acabar de preparar algumas das mezinhas que pretendia levar para junto dos homens que defenderiam a Povoação.

Quase todos os habitantes tinham mandado suas famílias para a segurança do Bumbo e de Capangombe. O grupo saía de madrugada, ainda não se via o sol. D. Feliciano e os netos iam numa tipóia carregada por fortes escravos. Cinco carregadores levavam alguns produtos para se trocarem por outros, caso fosse necessário, agasalhos e comida. Três quimbares armados mantinham a segurança. Com as outras famílias do grupo a situação era semelhante: mulheres e crianças iam nas tipóias, os homens a pé ou de boi-cavalo.

O perigo maior poderia surgir nas bandas do Jau, mas o Soba da Huíla havia garantido que iria ordenar aos guerreiros que por lá andavam a combater o sublevado Injau que protegessem a coluna de refugiados. Sorte e fé em Deus seriam necessários para manter aquela gente calma e esperançada. As mulheres tinham rezado e feito promessas a Nossa Senhora das Lágrimas, a padroeira da Povoação, e isso dava-lhes algum conforto e confiança. Mais uma vez punham o seu destino nas mãos da Santa Senhora e pensavam que, se das outras vezes ela tinha derramado as suas miraculosas lágrimas para eles sobreviverem, não havia razão para que, desta vez, o mesmo não viesse a acontecer. Era gente habituada às incertezas e aos perigos, certa de que a fé era uma preciosa ajuda para todos os males.

D. Feliciano chorou, sozinha, toda a noite. Durante a fuga, contudo, a sua expressão era tranquila, para não tirar a coragem aos outros. Escondia o medo, o muito medo que tinha pelo que poderia vir a acontecer aos seus homens e à sua filha, lá na Povoação à espera do ataque dos guerreiros do Nano. Juliano, encafuado na tipóia agarrava fortemente o seu kissanje, como se fora um amuleto protector.

*
* *

– Temos que organizar a defesa a partir dum semicírculo que abarque as casas da Povoação mais próximas da Fortaleza. As outras terão que ser abandonadas pois não é possível a defesa casa a casa. As mulheres que ficaram, carregam as armas enquanto os homens disparam – dizia António Jardim, tentando coordenar

a defesa o melhor possível. Tirando os moradores que estavam longe em quibuca, apresentaram-se cinquenta homens com o seu armamento para garantirem a defesa. A eles se juntaram quinhentos quimbares, serviçais dos moradores, e cem guerreiros do Soba. Presentes estavam também os mesmos cinco soldados que tinham vindo de Loanda com o Capitão-Mor.

– *Entre cada casa é necessário fazer um muro com espinheiras e pedras. A fortaleza ficará resguardada para a necessidade de um recuo estratégico.*

Foi bem no dia a seguir ao da retirada das mulheres e crianças que as sentinelas, postadas nas árvores mais altas, começaram a imitar o pio de pássaros que nunca cantavam juntos. Era o primeiro sinal de alerta. Pouco depois, um som afastado começou a ouvir-se, primeiro um lamento só, depois um ronco que foi crescendo, crescendo, como se todos os leões estivessem juntos para uma grande caçada...

– *Alerta!, que já se ouvem os tambores dos guerreiros do Hamba.* – Gritou a sentinela, na Fortaleza.

– *Oiçam! A guerra do Nano aproxima-se!* – ouviu-se dizer na Povoação.

Huilana sentiu um frio repentino a gelar-lhe o corpo. Inspirou fundo o ar leve da manhã, como para ganhar forças, e disse a seu pai que se encontrava com ele:

– *Meu pai, por favor, não se exponha muito! Deixe a frente para os mais novos!*

Pilarte, apesar dos seus setenta anos de idade, ainda estava forte e desempenado e a sua mão era firme no tiro ou no golpe da espada. Por isso não aceitou bem o conselho da filha, antes retorquiu que ela é que não devia estar ali, num lugar para homens e não para senhoras. Huilana, fingindo estar zangada, venceu bem a sua posição.

As horas, entretanto, foram passando e o ataque não aconteceu durante a manhã. Com o dia a caminhar para o fim, era quase certo que os do Nano não iam atacar de noite, mas... quem poderia ter tal certeza? Sabia-se que eram ardilosos os que vinham para o ataque e ninguém arriscava dizer o que lhes passaria pela cabeça.

– *Só Deus, ou o diabo, sabem mesmo!* – falou com ar de sábio José Pedro da Silva, mulato grandalhão, forte e nervoso como uma pacaça, que havia chegado do Bié havia três dias, na sua quibuca grande, estacionada na Huíla a negócio e descanso e cujo destino final era Benguela. Era ele que fornecia a maior parte das informações sobre a gente do Nano, garantindo que os conhecia muito bem. Mas os moradores tinham notado no Zé Pedro ademanos de vaidade, mania de sabedorias e riquezas, vincando sempre que a sua quibuca era das melhores do sertão, que os seus quimbares eram os mais fiéis e os mais aguerridos quando as makas aconteciam, etecétera e tal. Poupavam-lhe críticas, contudo, e até acabaram por se habituar às suas estórias, as quais, apesar de tudo, sempre os iam distraíndo e aliviando a tensão, como nessa noite aconteceu, quando o Zé Pedro começou as suas perorações. Só uma pessoa havia que ele apresentava como não tendo dúvidas de que era muito melhor do que ele próprio nas andanças pelo sertão. Tratava-se do seu sogro António Francisco e, como sempre que dele falava, juntava respeitosos gestos às elogiosas palavras. António Francisco da Conceição Matos, o “Baiano” como o conheciam no sertão, era um brasileiro esperto no comércio e assanhado com as donas. Por isso mesmo ficou conhecido e reconhecido pela grandeza das suas quibucas, pela qualidade de suas mulheres e quantidade dos seus filhos. Pilarte conhecia-o relativamente bem, pois já se tinham encontrado algumas vezes nas suas deambulações pelos matos. De facto era um homem divertido esse Baiano!

– *Quando o senhor meu sogro António da Conceição, chegou do Brasil, o Bié não valia nada! Só mesmo negócio de escravaria, maltratada e malconduzida, a maior parte dela a morrer nos caminhos dos portos d’embarque. As tribos andavam revoltadas, só guerras e makas em todo o lado. Mal ele chegou e começou a empenhar-se no negócio, progrediu e fez progredir também o Bié, de tal monta que, há três anos recebeu de Loanda a merecida nomeação de Capitão-Mor...*

Pilarte, que há já algum tempo tinha deixado de prestar atenção às intermináveis estórias do Zé Pedro, virou a cabeça, interessado, e cortou-lhe a palavra:

– *Capitão-Mor de quê? Do Bié? Mas porquê? Que eu saiba apenas contribuiu para o seu próprio enriquecimento e... não sabia que tinha sido militar!?*

Mal acabou o seu comentário, já se arrependia de ter falado. Sabia que iria ter problemas com o genro do Capitão-Mor do Bié e não estava com disposição nenhuma para as diatribes que se seguiriam. Enfim! Preparou-se para não ouvir.

Zé Pedro olhou para Pilarte. O seu ar de estupefacção era bem demonstrativo de que não acreditava no que ouvira. Recomposto, ia já preparar sua ensinadela naquele velho maliducado, quando se ouviu uma berraria infernal vinda de fora e todos se sobressaltaram. Tinha começado o ataque.

Os guerreiros do Nano avançavam dos matos, adivinhadas as caras ferozes, olhos arregalados e bocas escancaradas, realmente ouvidos os ululantes gritos de guerra, cujo objectivo era, sobretudo, o de causar pânico nos atacados. Zé Pedro, fazendo jus aos conhecimentos que dissera possuir sobre os costumes dos povos do Nano, gritou:

– *Não se assustem! Essa berraria é só p’ra intimidar. Eles pensam que quando chegam perto do inimigo ele já está cagadinho de medo...*

Mas os moradores não eram gente de ficar aterrada só por isso. Conheciam bem aquela táctica que não era exclusiva dos guerreiros do Nano, e esperaram com a calma possível que os atacantes se aproximassem mais para lhes cortarem o ímpeto logo à chegada. Depois de incendiadas as libatas e as casas mais distantes da Povoação que haviam sido abandonadas por serem indefensáveis, os raziadores começaram o seu ataque pelo eumbos dos nhanekas, que foram presa fácil, matando os que não fugiam a tempo e aprisionando alguns que ainda poderiam servir para escravos. O gado encontrado era, todo ele, roubado. A fraca resistência encontrada fê-los pensar que aquela guerra ia ser fácil e que, afinal, a fama dos guerreiros do Soba da Huíla parecia não corresponder à verdade. Encheram então o peito de valentia e convencimento, sentiram-se imbatíveis e foi por isso que facilitaram no ataque à parte principal do terreno inimigo. Quando se apro-

ximaram pelo lado da zona norte do Rio Lupolo encontraram uma inesperada resistência da parte dos guerreiros do Soba Namuêho. Ficaram verdadeiramente espantados quando depararam com uma construção a que não estavam habituados: um grande muro de pedra! Avançaram mesmo assim. Por detrás da chimpaka tremulavam ao vento os penachos de avestruz dos guerreiros nhanekas. Estes esperavam o inimigo com os seus arcos de tendão de holongo retesados ao máximo e as flechas bem apontadas. Entrincheirados nas grandes muralhas de pedra, sentiam-se seguros e logo começaram com a sua tática de enervar o inimigo lançando-lhes *tukanices*¹. Muitos guerreiros atacantes começaram a cair, feridos uns, mortos outros.

Do outro lado do rio, na Fortaleza, erguia-se no seu mastro a bandeira esbranquiçada do Muene Puto. Os raziadores já lá tinham chegado a transbordar de vontade em tomar de assalto aquele bastião da defesa. A fuzilaria era grande e, de quando em quando, ouvia-se o troar da única peça que existia na Fortaleza. Aí os guerreiros de parte a parte paravam a luta por segundos, desabituaados que estavam daquele troejar, para logo depois recomeçarem o combate como se nada fosse.

Na Povoação, os defensores aguardavam o embate, logo que ouviram os primeiros tiros. O guerreiros do Nano tinham deixado a inconquistável chimpaka e para aí convergiam. O primeiro a ser ferido com uma zagaia que lhe atravessou um ombro foi o Zé Pedro, de imediato retirado para o interior da Fortaleza onde Huilana se encontrava com os outros.

– *Ai! Será que eu vou morrer?*

– *Vá lá, não diga disparates que vai ficar bem! Foi só um arranhão...* – dizia Huilana enquanto lhe fazia o curativo. Pouco depois, mais dois moradores se envolviam em combate corpo a corpo com dois dos assaltantes. Se um matou, o outro foi morto. A ala da direita não se aguentou e foi preciso começar a preparar a retirada para o último reduto, a Fortaleza, por um corredor bem defendido que o possibilitava. A luta continuava cada vez mais

¹ De tukana, ofender com palavras feias, indecorosas.

difícil. Huilana, sem descanso, deixara de carregar armas e passara a cuidar dos feridos, que já eram muitos. Um pressentimento fê-la sair da Fortaleza e correr até ao local onde o seu pai disparava havia pouco, perto de sua casa. Encontrou-o estendido no chão.

– *Meu pai!...*

O grito de Huilana perdeu-se entre os outros gritos. Na Fortaleza, o Capitão-Mor estremeceu e viu uma estranha sombra que avançava sobre ele. Olhou para cima e percebeu, então, que era um falcão negro a esvoaçar. Um quimbare olhou o pássaro e exclamou:

– *Evimbi! Evimbi! É mesmo o pássaro mau. Kapitia, não deixa a sombra dele te tapar! Não deixa! Não é bom, não é bom!!*

Mas era tarde e o falcão pairou alguns segundos sobre a Fortaleza, e a sombra dele envolveu o Capitão.

Capítulo XI

“Omphula-mphula kaili ukola.

Ongenda na ina kaiimbila.”

“Quem muito pergunta não come veneno.

Viagem feita com a (nossa) mãe não escapa da memória.”

(Provérbio Nhaneka)

A Povoação da Huíla desapareceu afogada em destroços, naquele terrível ano de 1794. João Pilarte da Silva foi enterrado no chão da Fortaleza, acabando por ficar na terra que se tinha fundido com a sua própria vida e, na morte, se tinha confundido com ele para sempre. A Fortaleza fora invadida e incendiada, acabando por ficar abandonada. Enquanto os seus últimos ocupantes a deixavam, definitivamente, um antigo residente preparava-se para retomar o seu lugar: na ponta do mastro chamuscado, onde já não drapejava a bandeira, começava a ser construído um novo ninho e, por muito tempo, os pássaros foram a única companhia do velho sertanejo, que jazia sepultado naquela terra.

Os sobreviventes refluíram até ao Bumbo, numa fuga terrível, quase sempre sob perseguição dos ferozes guerreiros do Nano. Depois foi a temida passagem nas terras revoltadas do Jau. Felizmente o Injau tinha os do Nano por maiores inimigos que os da Povoação, pelo que deixou em paz os fugitivos, ocupado que esteve a defender-se dos invasores.

Após a cansativa descida pelo Bruco, chegaram ao Bumbo e ali encontraram as suas famílias. Para uns foi a alegria de receberem vivos os que pensavam mortos; para outros foi o desgosto de saberem mortos os que esperavam vivos. D. Feliciano nunca mais recuperou da morte do seu marido. Entrou num torpor que anunciava já o seu desaparecimento, o que veio a acontecer pouco tempo depois. O pequeno cemitério de Capangombe em breve se abriria para receber o corpo de D. Feliciano Pilarte.

António Jardim e Huilana, a filha, Eulália, os jovens cunhados, Juliano e Francisca, e ainda sua cunhada Teresa, que continuava a aguardar pelo seu marido Pedro e pelo seu irmão Simão, acabaram por ir para Benguela e ali ensaiaram novos passos na já cansada vida. Quanto aos cinco soldados da Fortaleza, três deles haviam sido mortos durante a refrega, tendo os restantes dois, feridos e extenuados, acompanhado os sobreviventes. Quando instados a seguir o seu Capitão até Benguela, arrepiaram-se só de pensar na viagem que tinham feito na expedição de Gregório Mendes e apresentaram as suas escusas com base nos seus ferimentos. Na verdade, preferiam ficar em Capangombe, pois assim estavam mais próximo da Huíla, para onde pretendiam regressar logo que pudessem, já que haviam constituído família com mulheres nhanekas.

Para a família Pilarte Jardim, tudo foi difícil, peregrinando por aqueles desertos de muita areia mas de pouca existência. Os olhos do Capitão foram reconhecendo os caminhos da caravana de Gregório Mendes e isso foi útil na travessia daquelas despistadas terras até chegarem a Benguela já que, tantos anos depois, ainda as bovinosas carcaças, sobras daqueles almoços e jantares de então, continuavam os únicos e preciosos sinais para quem caminhava naqueles desertos. Lá conseguiram chegar ao seu destino, palavra já de si defeituosa a querer dizer que o seu significado é mesmo esse, desatinado, sem tino... que foi mesmo nesse estado que os refugiados terminaram a sua odisséia.

Em Benguela tiveram, desde a primeira hora, o apoio de um velho amigo de João Pilarte, sertanejo como ele, José da Silva Guimarães. Afinal, laços familiares ainda os uniam, porque Teresa, a mulher de Pedro Pilarte, era filha de Guimarães. Sua mulher, Kassessa, foi impagável nos carinhos ofertados aos refugiados do Planalto, tendo-os deixado ficar em sua casa. Uma semana depois de terem chegado a Benguela, Guimarães quibucou a negócios para Loanda, onde pensava estacionar por algum tempo. Kassessa Guimarães, sempre amável, preocupava-se em mostrar a todos como era bom tê-los ali na sua casa a fazer-lhe companhia. Mas Huilana começava a sentir-se mal com a situação. Ela não gostava de carregar nas outras pessoas o seu próprio peso e o dos seus,

ainda por cima num alargado tempo porque o velho Guimarães estava a demorar o seu regresso e um mês já tinha passado desde a sua chegada.

A situação dos refugiados não estava a ser fácil, pois António Jardim não conseguia que lhe fosse superiormente autorizado o pagamento do soldo a que tinha direito como oficial. Em Benguela não sabiam como resolver o problema e, por essa razão, aconselharam-no a fazer uma exposição sobre o caso ao Governador, para Loanda. Mas as demoras de tudo e sobre tudo criavam problemas difíceis de superar a quem tudo faltava. Num dia sufocante de calor, António Jardim tonturinou e encontraram-no caído nos descaminhos da Fortaleza. Ele não aguentava mais tantas idas e vindas, de casa para a Fortaleza, da Fortaleza para casa, e nada! Sempre a mesma resposta, que o Capitão teria que aguardar, que o problema dele não era órfão, pois havia outros esperando também por solução.

– *Volte cá amanhã, meu Capitão!*

Chegado a casa, era Huilana quem esperava uma boa nova e logo ficava triste e acabrunhada quando ele lhe contava a mesma coisa que no dia anterior. A sua Huilana, alegre como os pássaros do Planalto, já não cantava, e a tristeza pintava sombras na claridade dos seus olhos. Comia pouco, estava mais magra e sempre lhe espreitavam lágrimas nos intervalinhos das pestanas. Alegria espontânea malé!, a tal alegria natural que era o encantamento do Capitão-Mor foi fugindo-indo... e Jardim definiu com ela. Foi assim que, naquele dia de calor sufocante e de saudades da frescura das terras altas, a negativa resposta da Fortaleza lhe viangou uma traiçoeira tontura, uma miragem do deserto. Ali na sua frente, marulhenta e fresquinha, estava mesmo a cascata da Huíla. Na concha de pedra a água caía e molhava o corpo belo e nu da sua Huilana. Ela sorria p'ra ele e abria os braços num gracioso convite. Jardim parou, tropeçou numa pedra e se lançou enlouquecido de amor na concha das frescas águas onde se banhava Huilana. Mas desconseguiu de chegar até ela. Sentiu uma forte pancada e se perdeu na fuga dos sentidos. Quando abriu os olhos, a sua mulher estava ali com ele, mas a cascata já não existia e a cabeça

doía-lhe muito. Então Huilana contou como a filha de Maria Kandimba o tinha visto meio alucinado a querer atirar-se a uma cacimba enquanto ela tirava água. A pobre rapariga tinha corrido de susto até à casa dos Guimarães para dar contas do malacontecido. Toda nervosa só dizia que fossem lá depressa pois parecia que o hóspede deles tinha emalucado.

– *Aquele desmiolado queria saltar-me para cima, mas, minha sorte, escorregou no barro e bateu com a cabeça numa pedra. Hi! Foi a minha salvação, siá Kassessa!*

*
* *

Huilana, antes de deitar a sua fadiga, foi beijar um boa noite nos irmãos e na filha e ajeitar-lhes as roupas da cama. Desde o desaparecimento súbito de seus pais, sobretudo de sua mãe, que ela assumia uma postura mais maternal para com os seus irmãos. Tinha pena deles!... Depois disse ao seu marido:

– *António, é preciso mudar de vida rapidamente, senão endoiçamos todos. Este teu acidente é um sinal. Tens que fazer ver ao comandante da Fortaleza que a nossa situação é má e que tu, como oficial do exército de Portugal, não mereces tanta desconsideração.*

António Jardim gemeu um pouco e passou a mão pela cabeça dorida, silencioso, distante.

– *Sei que talvez não seja altura ideal para falarmos nisto. Ainda te dói a cabeça! Mas acho que é precisamente quando os sinais nos chegam que nós temos de agir ainda com mais firmeza... sob pena de perdermos o fio do nosso destino. Sinto tanto a falta de meus pais! E quanto tempo andaremos por aqui assim, sem eira nem beira, a depender da bondade dos outros? Não aguento muito tempo mais esta situação!*

– *Meu Deus! Mas que mais eu posso fazer?* – gemeu António, ao mesmo tempo que olhava sua mulher, com ar perdido. Huilana agarrou-se ao seu marido, abraçou-o com a força que ela lhe queria transmitir e sentiu que as lágrimas lhe corriam pelo rosto e iam refrescar a cabeça ferida de António.

– *Amanhã irei pela última vez à Fortaleza e só sairei de lá quando tiver uma notícia boa para te dar, aconteça o que acontecer!*

Passados cinco dias, o Capitão António Jardim apareceu, finalmente, com uma boa nova para dar a sua mulher. Pressionado por uma situação tão dramática, que se tornara ainda mais evidente com a presença permanente daquele homem que aprendera a respeitar, o Comandante tinha dado ordens para que lhe fosse cedida uma das casas adstritas à Fortaleza e adiantara algum dinheiro, segundo alguns, do seu próprio bolso, dado que não havia ainda resposta de Loanda. Jardim, após a instalação na nova casa, quis agradecer ao Comandante mais uma vez o apoio prestado e pedir-lhe que continuasse a insistir com Loanda, no sentido de ser resolvido mais depressa o seu caso. Durante a audiência, para além do assunto que o levava ali, acabaram por falar de variadas coisas, pois o anfitrião de Jardim mostrava-se interessado em saber pormenores sobre as terras do interior e sobre a vida dos sertanejos. Jardim, já mais familiarizado com o Comandante da Fortaleza, atreveu-se a questionar:

– *Será que informações sobre as terras do interior são mesmo importantes, ou ficarão perdidas como ficaram as de Gregório Mendes? Eu sei que ele tomou muitas notas durante a viagem que fizemos até ao Cabo Negro e às faldas da Serra da Chela, para depois enviar para Loanda um relatório sobre tudo o que viu... e não foi pouco! Mas, segundo ouvi dizer, nada se fez com base nas informações que ele enviou...*

– *Quanto a mim, também me parece que de pouco serviram todos esses apontamentos... a não ser à vaidade do próprio Gregório!* – rematou o Comandante, mostrando não ter muita simpatia pelo outro.

António Jardim apercebeu-se logo da animosidade que o Oficial revelava ter por Gregório Mendes, resultado talvez de velhas zangas de quem vive numa terra pequena como Benguela onde com facilidade se podia tropeçar nos interesses dos demais, mas mesmo assim, insistiu:

– *Será que me sabe dizer alguma coisa sobre ele? Gostava tanto de o rever!*

O Comandante abanou a cabeça e respondeu:

– *Olhe! Já vai perceber qual a razão da minha observação de há pouco!* – e continuou – *o Governador de Angola...*

– *O Barão de Mossamedes?* – interrompeu António Jardim.

– *Sim! O Barão de Mossamedes! Ficou tão agradado com os feitos de Gregório durante a tal expedição à Angra do Negro, da qual, aliás, também fez parte, que logo solicitou ao Rei de Portugal o hábito e a confirmação de nova e importante patente para o Gregório. Passado algum tempo lá passava ele a Coronel da Legião das Descobertas do Sul e Director dos seus Estabelecimentos. É um título pomposo, não é?* – acabou por perguntar ao seu interlocutor, com um leve sorriso de ironia a marcar-lhe os lábios.

– *Que é pomposo lá isso é! Como o meu amigo Gregório deve ter ficado orgulhoso!... Mas ele merecia uma distinção qualquer... eu bem vi como foi duro aguentar aquela viagem. E, sem dúvida alguma que o grande responsável pelo êxito dela foi Gregório.*

– *Mas muito vaidoso, muito vaidoso!...* – foi murmurando o Comandante, maldisfarçando algum azedume.

– *Mas muito corajoso!* – concluiu António Jardim. – *E então? Gregório ainda vive em Benguela?*

O oficial anfitrião abanou a cabeça em sinal de negação e lá foi largando os seus dizeres, com alguma ironia na voz:

– *O senhor Coronel da Legião das Descobertas do Sul já não vive cá, não. Subiu-lhe à cabeça o pomposo título e depressa começou a mudar coisas. A primeira, foi mandar construir uma casa nova e apalaçada... um sobrado e tanto! Como merecia quem era portador de uma patente tão elevada... Depois aumentou a escravaria e a sua guerra preta... enfim!, foi uma azáfama inabitual nesta terra. Claro que, com tanto estardalhaço, acabou por se incompatibilizar com o meu antecessor, o que não foi nada bom para nenhum deles.*

António Jardim estava surpreendido com as novidades. Ainda comentou:

– *Deve ter sido bem complicado, sim!*

O Comandante deixou escapar mais um sorriso irónico e depois continuou:

– Um belo dia, Gregório reuniu uma força de mais de dois mil guerreiros e dirigiu-se para o sertão. O meu antecessor, que era o Comandante das tropas estacionadas na cidade, intimou-o a não sair com a guerra preta sem a sua autorização. Gregório não aceitou tal intimação e fez mais: mandou marchar a sua horda pelas imediações da Fortaleza. Foi o diabo! Tivemos quase uma guerra aqui em Benguela. Felizmente houve quem tivesse demovido o Comandante de enviar os soldados contra Gregório. Quanto à guerra preta, prosseguiu o seu caminho, internando-se no mato circundante... – aqui o Comandante parou para ganhar fôlego, pediu a um soldado que lhe trouxesse mais água para beber e concluiu:

– ... e ainda hoje se aguarda o regresso de Gregório Mendes e da sua guerra preta...

António Jardim ficou silencioso. Como era estranha aquele terra!, pensou, deixando os seus olhos perderem-se nas distâncias que vislumbrava pela ranhura que havia na parede da sala onde se encontrava.

*
* *

Algo veio mudar, para melhor, a situação dos refugiados da Huíla, permitindo-lhes aguardar, sem dificuldades de maior, que se definisse a situação de António Jardim. Pedro Pilarte e Simão Guimarães haviam chegado, finalmente, da sua viagem a negócio pelo sertão e contaram, então, que quando iniciaram o seu regresso a casa, souberam do caos que se vivia na Huíla e não voltaram à Povoação. Desviando-se dos locais mais perturbados, acabaram por chegar a Capangombe, onde lhes contaram, com mais minúcia, os trágicos acontecimentos. À alegria dum viagem de negócios com óptimos resultados sucedia a tristeza de saberem do falecimento de entes queridos e da destruição da sua terra. Pedro ainda teve tempo de se dirigir ao cemitério onde, junto à campa de sua mãe, depositou flores brancas de munhongolo¹ e rezou pela sua alma.

¹ Árvore que dá uma flor branca e uma baga doce, comestível. Também conhecido por minhangolo, ou mirangolo.

Seguiu-se a travessia do deserto até Benguela, onde finalmente puderam matar as saudades de familiares e amigos e descansarem de tão longa e penosa viagem. O que tinham vendido no interior e o que agora traziam para trocar e vender na cidade garantia-lhes lucros avultados, permitindo-lhes, com relativa facilidade, fazer face às despesas com a sua instalação na nova terra e garantir alguma estabilidade económica à restante família, até que a situação de seu cunhado António se clarificasse. E assim aconteceu. Aos poucos a vida entrava nos seus certos caminhos e Huilana voltava a cantar... quase como os pássaros do Planalto.

– *Recebemos um convite da mulher do velho Guimarães para irmos jantar hoje a sua casa.*

– *Trata-se de uma ocasião especial?* – perguntou António Jardim a sua mulher.

– *Penso que o seu marido chegou de Loanda e trás notícias frescas. Acho que é só por isso!*

Jardim ficou logo mais interessado e os olhos reavivaram-se de um antigo brilho.

– *Ah! Mas isso é uma boa novidade! Pode ser que Guimarães saiba alguma coisa que nos interesse particularmente...*

A tarde passou mais devagar do que o costume, tal era ânsia que os convidados sentiam por ver chegar a hora do jantar. Porém, as notícias que receberam ainda eram um tanto vagas. Guimarães apenas conseguira saber que o caso dos refugiados da Huíla já tinha sido analisado pelas autoridades e que a resposta às suas inquietações sairia muito em breve. De qualquer modo, foi bom reencontrar esse velho amigo e, depois do repasto, sentaram-se no terreiro, como era costume, a refrescarem-se na noite. António Jardim teve curiosidade de saber novidades da grande cidade, que tantas marcas havia deixado nele. Entre outras coisas, perguntou a Guimarães se o Governador ainda era o mesmo.

– *O Barão de Mossamedes esteve só seis anos no governo, mas os loandenses afeiçoaram-se muito a ele e tiveram muita pena da sua retirada para o Reino. Chegaram mesmo a fazer uma petição à Rainha para ver se o Governador ainda ficava mais alguns anos,*

mas, nada! Ele e a baronesa sua mulher ficarão por muito tempo na memória daquela gente!

– Foi ele que me mandou para a Huíla! E apesar de tudo, ainda bem! – disse Jardim, enquanto olhava para Huilana que se encontrava ao lado da mais velha Júlia, a mulher do anfitrião. Ela percebeu e sorriu.

Guimarães mudava de assunto:

– O que se nota é que o actual Governo anda de novo muito interessado nestas sulinas terras. Não sei se para nosso bem se para nosso mal... Às vezes, quanto mais despercebidos andarmos por aqui, melhor!

– Eu penso que, de quando em vez, esse interesse acontece. Só que depois tudo volta a cair no esquecimento. Passam-se uns anos e volta a aparecer outro iluminado a dizer a mesma coisa como se fosse inédita. Enfim!, as eternas indefinições dos portugueses! – disse Jardim em jeito de desabafo. – Veja-se o meu caso!

– Bom... mas de qualquer forma é sempre bom saber-se que há algum interesse, não é?

– Então eles contactaram-no, foi?

– Sim! O Ouvidor-Geral, João Álvares de Melo, soube que eu estava em Loanda e mandou-me chamar. Lá fui até à Ouvidoria e perguntou-me uma série de coisas. Umas sabia responder, outras não, claro.

– Mas o que é que eles queriam saber que não soubessem já? – questionou Jardim, mais interessado na conversa.

– Informações sobre os sertões que medeiam entre os estabelecimentos portugueses da África Ocidental e Oriental para assim se poder abrir uma comunicação entre as terras de Benguela e as dos Rios de Sena, em Mossambique.

– Mas isso já se fala há muito tempo, desde o governo de Sousa Coutinho! Não é novidade! – interrompeu Jardim, um bocado desabridamente. O velho sertanejo atalhou:

– Pois é, mas o facto é que nunca se foi para além da manifestação desse interesse! E é por isso que agora andam a tentar de novo saber coisas sobre essas terras.

– Ah! E talvez por isso o Comandante da Fortaleza me tenha feito tantas perguntas sobre o sertão! Falámos, também, na Expedição de Gregório Mendes. Fiquei a saber do seu desaparecimento... O que se terá passado?

– Ninguém sabe! – disse apenas Joaquim Guimarães.

Durante uns segundos houve um silêncio geral que incomodou a todos. Joaquim Guimarães levantou-se, bebeu mais um gole de água, e voltou ao assunto anterior.

– Claro que eu disse o que sei ao Ouvidor. Que as terras mais distantes onde estive são as dos sobas Katoko, Banje e Holimbamba, a cerca de oitenta léguas de Caconda.

– Lembro-me que o meu sogro me disse uma vez que havia ido até às margens do rio Cutalo, aí uns três dias de viagem das terras desse tal soba Holimbamba, que ele bem conheceu. – Disse Jardim, lembrando-se do muito que sabia e tinha visto o saudoso João Pilarte.

– Sim! Eu e o vosso sogro fomos juntos nessa quibuca. Ele convidou-me a ir com ele. Fui dizendo ao Ouvidor que, para além dessas terras, mais para o interior, só tinha sabido da ida de pretos disfarçados com trajes próprios daqueles países, até às terras do potentado Kiseta.

– O senhor Guimarães não ouviu falar de umas terras chamadas Zambrelas, ou Ndjamba ia Mbela, que era onde se compravam escravos mais em conta?

Guimarães sorriu, afastou uma mosca molengona do calor, e disse:

– Sim! Cheguei a comprar escravos oriundos dessa zona por preços muito mais baixos do que em outros lados. Mas não valeu a pena. Eram peças fracas, sem resistência, mal alimentados pois as suas terras são quase estéreis. Produzem apenas um pouco de milho, massango e uma fruta de casca muito dura e de sabor um tanto ácido que se chama maboque.

– Maboques! Há tantos na Huíla. Em miúda adorava comer maboques, mas deixavam os dentes tão botes! Mas continue, continue... – disse Huilana, um tanto atrapalhada pela sua abrupta intervenção.

– O Ouvidor continuava interessado em ouvir-me e eu fui-lhe dizendo que o Ventura, um parente meu, aqui de Benguela, tinha conseguido ir até bem longe no interior do sertão, vestido à moda do país. Como ele é um mestiço bastante escuro de pele, pôde confundir-se com um natural e conseguiu chegar a um lago que, segundo ele e um escravo que me trouxe desses lugares, de tão grande não se conseguia ver a margem oposta.

– *Muito interessante! Muito interessante!* – ia dizendo António Jardim, cada vez mais interessado na conversa. O velho sertanejo, que era um bom conversador, continuava a contar as suas novidades e experiências:

– *Ainda mais se interessou o Ouvidor quando eu lhe disse que o meu parente afirmara que o soba daquelas terras usava uns caldeirões e outros utensílios de cobre, restos dum saque que tinham conseguido os seus antepassados numa guerra com uma tribo rival. E que esses utensílios bem podiam ter vindo da outra costa.*

Joaquim Guimarães, sentindo-se um pouco cansado, calou-se por uns momentos e pediu à sua mulher um pouco de água. Kassessa Guimarães dirigiu-se a uma mesa onde se encontrava uma moringa, coberta de um pano molhado para ter a água sempre bem fresca, verteu o precioso líquido numa caneca de barro e levou-a ao seu marido.

– *Ah! Não há como esta água, sempre mantida fresquinha pela minha mulher. Em Loanda a água é muito má. Foi do que eu mais saudades tive... para além da minha Kassessa, claro está!*

Todos se riram da bonomia do velho Guimarães. António Jardim bebeu também uns golinhos de água, cuja frescura e sabor não deixou de comentar.

Guimarães virou-se depois para Huilana, dizendo:

– *Soube que já estiveram com a vossa avó! D. Júlia deve ter tido uma grande emoção...*

– *... e também ficou muito feliz!* – interveio sua mulher, que até ali permanecera calada. Foi a vez de Huilana contar os seus desencontros na sua avó. Não tinha demorado muito, não! Perguntando por ali e por acolá, Huilana e Jardim procuraram a Vó Júlia por

tudo o que era canto e lado. Após porfiados esforços, lá foram juntando informações e acabaram por encontrar o caminho certo que os levaria até àquela avó desconhecida, agora a abeirar-se dos oitenta anos. Souberam que a viúva do Capitão Zeferino Carvalho morava para os lados do Casseque. Coitada!, depois do falecimento do senhor seu marido tudo tinha mudado para pior. Começaram por deixá-la ficar na casa que sempre habitara, situada no quartel. Depois... é o que se sabe! Como a viúva estava a demorar mais do que se imaginara a despedir-se deste mundo e a libertar a casa para outro oficial, informaram-na que teria que ir para fora do quartel, pois o falecido capitão já tinha a sua última morada atribuída e não precisava daquela. Aí D. Júlia se zangara muito e lhes respondera, perguntando se ela não era filha de Deus e se não merecia mais respeito.

– Mas que pouca vergonha! Pensam que eu vou deixar esta casa para viver como uma selvagem nesses matos, sem eira nem beira? A viúva de um oficial do Reino deitada fora como uma coisa sem serventia? Pois, daqui não saio e daqui ninguém me tira!

Tiraram-na mesmo. Foi quase um escândalo na pacata Benguela, a D. Velha, viúva do Capitão Carvalho, posta fora do quartel como arma fora de uso. Algumas pessoas de bem acorreram a prestar-lhe ajuda e deixaram-na ficar numa pequena casa no Casseque, casa baixa nos seus colmos a varrer as poeiras do caminho. E foi ali que os seus netos a foram encontrar.

Huilana, Juliano e Francisca deram encontro na sua velha avó Juliana com a emoção a cobrir choros e lamentos. Primeiro a mais-velha confundiu-a com a sua própria filha Feliciano. Vó Juliana abraçou Huilana, com a voz afogada num rio de lágrimas secas como secos já se encontravam os seus olhos há muito. Soluçava só:

– Finalmente, minha filha! Minha querida Feliciano!

Huilana sentiu pena da sua velha avó e teve algum trabalho em tornar clara a confusão que fazia. Quando finalmente percebeu o que tinha acontecido ao longo de todos aqueles perdidos anos, D. Juliana carpiu todos os mortos que a sua memória enfraquecida ainda conseguiu lembrar. Depois, estancadas as secas lágrimas, quis saber:

– *Mas porquê tanto tempo? Esperei e rezei dias a fio para que voltasse a ver a minha filha...*

Huilana contou a sua estória, a dos seus pais e ainda os acontecimentos terríveis que se tinham dado na sua terra. A velha senhora ainda a questionou:

– *Porque nunca deram notícias? O meu finado, teu avô, que Deus o tenha!, era orgulhoso e tinha imaginado um futuro diferente para a sua Feliciano. Para ele foi um desgosto muito grande ver a sua única filha ir viver “com aquele selvagem”, como ele dizia ao referir-se ao genro. E...*

Huilana interrompeu-a:

– *Mas avó! Os meus pais sempre me disseram que não podiam ser descobertos pois o avô mandaria prender o meu pai...*

D. Juliana abanou a cabeça e disse:

– *Isso só foi nos primeiros tempos! Com o rolar dos anos e a saudade a crescer, o teu avô foi perdendo a dureza inicial, ou teimosia, sei lá eu!, e começou a entristecer muito. Sofria calado, mas eu sabia que eram as saudades da filha que não o deixavam sossegar. E esse desgosto matou-o!*

Huilana sentiu uma tontura. Que triste era este lado da estória afinal! Sempre tinha gostado de contar aquele episódio romântico da vida dos seus pais... e agora, por causa do sofrimento causado, começava a achar que ele perdia algum do seu encanto. Tinha pena! Pena de ter perdido quase a “sua” estória, onde o amor tinha sido mais forte que tudo o resto.

– *Teu avô ainda esperou que, depois daquela carta que ele escreveu a tua mãe, tudo viesse a resolver-se, mas...*

– *Mas, que carta avó? Os meus pais nunca me falaram em carta alguma! Eu sei que a minha mãe tinha muitas saudades vossas. Muitas vezes a vi chorar e rezar pela minha avó! Acho que ela nunca chegou a receber essa carta, senão eu teria sabido... ela vivia com o desgosto de nunca ter recebido notícias vossas.*

Depois Huilana, apontando para o irmão, disse:

– *Foi a pensar na senhora que minha mãe baptizou o meu irmão de Juliano...*

As duas mulheres voltaram a abraçar-se e naquele abraço estavam todas as pessoas queridas, dessaídas e desavindas nos insondáveis caminhos da vida. O Capitão Carvalho tinha morrido mais cedo sem aguentar o peso do desgosto; Feliciano tinha morrido sem matar a grande saudade que tinha dos seus pais, sobretudo de sua mãe. Porém, tudo podia ter sido diferente se uma carta do velho capitão tivesse chegado ao seu próprio destino...

Capítulo XII

“E foi então que na sua alma sentiu o *ondele* da morte e ficou, de verdade, a saber, porque é que no seu povo se diz— “*Kalunga k’olufa nda weya, tutilila pi? Evela lyavela!*” (Onde nos esconderemos quando a morte vier? O que tem de ser tem de ser!)”.

(Fernando Fonseca Santos – *Os Caminhos da Terra*. Lisboa: Quetzal, 1997)

Passaram-se quatro anos, um tempo curto mas que se foi esticando à medida que as dificuldades surpreendiam os Pilarte Jardim na sua caminhada em terras de Mombaka. Os cabedais dispensados por Pedro não esticavam eternamente e o conseguido soldo do desempossado Capitão-Mor da Huíla era pequeno para tão grande família de seis pessoas, contando com ele: Huilana, sua mulher; seus dois filhos, Eulália e José, este já nascido em Benguela; os dois cunhados, Juliano e Francisca. E foi nesse ano de 1798, quando preparavam o primeiro Natal com um bocadinho mais de tranquilidade já que o desaforo económico era ainda uma miragem, que aconteceu outro inevitável sempre inesperado. Na manhã quente do dia sete de Dezembro morria tranquilamente, na sua casa do Sombreiro, José Guimarães. A sua ausência foi muito sentida por toda a gente, sobretudo pela família Pilarte Jardim, que tinha contado com o seu apoio desde a primeira hora. Juliano, que tinha criado uma forte amizade pelo velho sertanejo, foi um dos que mais a sentiu. Pensativo, andou pelas ruas poeirentas de Benguela para confundir a tristeza que o perseguia. Aquele mais-velho fazia-lhe falta, pelas estórias do mato que contava como ninguém, pelas quibucas organizadas com seu pai nos recônditos sertões, pelas aventuras saboreadas e as desventuras sofridas, enfim!, pelos mistérios sussurrados à volta da fogueira, fazendo-lhe lembrar o velho Tchóia... Sim!, ele era a outra versão do velho Tchóia, a sua outra cara, a sua outra aventura vivida no avesso de

umas coisas ou no direito de outras... Os dois completavam, assim, o mundo em que vivia.

Juliano olhou longamente a baía, com aquela água toda a capiangular o azul do céu, naquele céu onde apenas se via, solitária, uma nuvem só, negra da chuva pesada que transportava. Quando a viu pareceu-lhe que iniciava um voo planado e se dirigia para o local onde ele se encontrava. A nuvem foi vindo, vindo, e deixou-se escorregar aos seus pés. Surpreendido, ouviu uma voz conhecida. Era a do velho Tchóia, cujos cabelos brancos surgiam agora pretos e a pele mais clara, tornando, por contraste, a nuvem mais escura ainda. Juliano ainda gaguejou o seu espanto mas o velho olhou-o nos seus olhos e falou-lhe com inaudíveis palavras. Juliano abanou a cabeça em sinal de assentimento e murmurou consentimentos. Quem por ali passava naquele momento, não deixava de olhar para Juliano com aquela pena que só os loucos fazem nascer. Para eles, este era só mais um maluco a juntar aos muitos outros que por ali deambulavam pelos caminhos do nada, a falar sozinho.

Depois, aos olhos sós de Juliano o velho Tchóia desapareceu para os mesmos lados de onde tinha vindo. A nuvem transformara-se já em nuvens e os trovões anunciavam tempestade. Nesse resto de dia e durante a noite, a chuva batucou em todos os tectos e lavou todos os quintalões de Benguela. Nos ouvidos de Juliano o cantar dos pingos da chuva era o som do kissanje que o velho Tchóia lhe tinha oferecido um dia. Nunca ninguém soube bem porquê, mas dizia-se que aquela chuva era o choro da terra, cujas lágrimas nunca mais deixaram de alagar os olhos de Juliano...

Último Capítulo

“Esta África tem qualquer coisa de embrionário, de protoplásmico, de massa a levedar. Tudo nela me parece informe, indeciso, os rios ainda sem leito, os montes ainda sem equilíbrio, os seres ainda sem destino...”

(Miguel Torga cit. em: José Maria Moreiro– *Miguel Torga e África*. Lisboa: Universitária Editora, 1996)

O barco se desamparou no porto de Luanda e o grito de alguém desancorou-se da garganta e se fez espuma nas ondas do susto:

– *Cuidado aí!*– e um caixote passou razante sobre a cabeça de António José que, mais atento baçulou o sono e se escondeu do cansaço acumulado de vários dias. Triste, imensamente triste, esfregou os olhos e limpou algumas lágrimas teimosas que... mais pareciam gotas de chuva. Olhou em volta:

– *Ah!, o meu kissanje ainda aqui está!*

Das poucas coisas que trazia, esse instrumento guardião do som, ganhava a importância do sonho. A sua música vinha do fundo do tempo e lhe murmurava nos ouvidos dos afectos com a voz da terra, a voz do Planalto dos Pássaros. Ao som leve daquele kisanje ele alcançava os ares como uma dessas aves, migrando para outros horizontes para que o ciclo da vida se pudesse cumprir.

António José olhou para fora e viu que o mar-de-água se tinha transformado num mar-de-caixotes, e ancorados neles se podiam ver, ali, muitos barcos de carga, mais de carga que saía do que de carga que chegava. Os caixotes empilhavam-se em grossas e altas pirâmides, muitos e desvairados nomes se podiam ler, a negro, naquelas caixas que guardavam espólios pequenos de vidas grandes e espólios grandes de vidas pequenas, e se muitos deles guardavam o que os portugueses haviam conseguido colher da sua passagem, de alguns breve, de outros mais longa, por Angola, uma parte deles era a jangada em que angolanos fugiam, uns ximbicados pelo medo, outros viangados na descrença, outros

ainda arrastando os pés e a alma nos desrumos das perseguições inventadas.

Há já alguns meses que Luanda era uma cidade de caixões e de caixotes. Em todas as casas, em todos os apartamentos, em todos os quintais, até nos cantos das ruas e nos becos crescia um rio de tábuas que, a pouco e pouco, ia encaixotando a própria cidade. Os sons eram de uma kizomba baralhada, onde o bongó martelo sangazuzava com a dikanza serra, ao som metálico dos mona kaxitu e das vozes esganiçadas do grupo coral kudibanguela. No entrechocar das vagas daquele oceano de madeira se começou a distinguir um naufrago, uma jangada de caixotes onde se podia ler a negro:

António José Pilarte

Proveniência: **Huíla**

Destino: **Lisboa (Portugal) – Out. 1975**

Epílogo

Para os Pilarte e todas as famílias fugidas da Guerra do Nano, a Huíla não deixou nunca de ser sonhada como a terra do futuro. Estava cravada fundo na memória daquela gente e fazia parte das estórias que sempre se contavam ao pôr-do-sol ou à volta das fogueiras. Até que um dia, passado quase meio século, um bisneto de João Pilarte, neto de Huilana, voltou a lançar raízes nas Terras Altas da Huíla, as raízes que um dia o vendaval do Nano tinha disperso... E o regresso aconteceu no tempo do Soba Nangolo. Mas isso já são outras estórias...

Glossário

A

Ajindungar, Ajindungado – *De jindungo. Diz-se de uma comida muito picante.* (K.)

Aka! – *Xiça!* (K.U.)

Ambuíla, batalha de – *Grande batalha travada entre os portugueses e o poderoso Dembo de Ambuíla, em 1692.* (K.)

Anhara, enhala – *Zona baixa e alagadiça coberta de capim alto e denso.* (U.)

Arimo, Arimbo – *Lavra. Terra de cultivo.* (K.U.)

Azuelado – *Aparvalhado.* (K.)

B

Baçula – *Rasteira, queda.* (K.)

Banga, Bangão, Bangoso – *Vaidade, vaidoso.* (K.)

Bangalas – *Conhecidos pelos portugueses por Jagas.* (K.)

Beçangana – *Mulher de Luanda que mantém o uso dos panos tradicionais como vestuário. De “Beça, ngana!” (A benção, senhor!), cumprimento que usam habitualmente.* (K.)

Bitacaia – *Pulga penetrante. O mesmo que matacanha.* (U.)

Bulunga – *Bebida obtida a partir da fermentação do milho.*(N.)

Bungululo – *Árvore com propriedades medicinais, cuja casca é usada contra a febre.*(N.)

C

Cacimba, Kacimba – *Poço.* (K.)

Cacimbo – *Tempo húmido e frio. Estação seca e fria (Maio-Agosto).* (K.)

Caçula – *Irmão mais novo.* (K.)

- Cacunda, Kakunda, Onkhunda** – *Costas, corcunda.* (N.)
- Cafuso** – *Mestiço de preto e mulato.* (K.)
- Calú, Kalú** – *Abreveviatura de “Caluanda”, natural de Luanda.* (K.)
- Cambriquito, Kambilikiti** – *Cobertor* (U.)
- Cambuta, Kambuta** – *Pessoa de baixa estatura.*(K.)
- Camundongo, Ka-mu-Ndongo** – *Natural do Reino do Dongo (Ndongo). Depois passou a significar natural de Luanda.* (K.)
- Cangundo, Kangundu** – *Indivíduo ordinário de raça branca, rasca.* (K.)
- Canhangulo** – *Arma de fogo antiga de fabrico artesanal.* (U.)
- Capiango, Capianguista** – *Roubo, ladrão.* (K.)
- Caprandanda, Cambrandanda** – *Corruptela de “Câmara Leme”, nome do director da colónia madeirense que se estabeleceu no Vale do Lubango, a 19 Janeiro de 1885. Por extensão quer dizer qualquer coisa antiga, do tempo dos pioneiros da colonização do Sul de Angola.*
- Caputos, Ova-kwa-Puto** – *Lit. os (naturais) de Portugal, portugueses.* (N.)
- Carro Bóer** – *Grandes carros, parecidos com os carroções do O. Americano, de quatro rodas, puxados por várias juntas de bois, as espanas. Foram introdução no S. de Angola, no séc. XIX, pelos bóers, oriundos da África do Sul.*
- Catuíti, Katwitwi** – *Pássaro, peito celeste.* (N.)
- Cauêha, Kawenya** – *Enfermidade bovina, peripneumonia.* (N.)
- Chana, Otyana** – *Planície de vegetação rasteira.* (U.)
- Combaritóquê, Kombaritokwe** – *Lit. “Varrer as Cinzas”, exéquias funerárias.* (K.)
- Conca, Onkonkha** – *Cabra das pedras.* (N.)
- Cúa, Kúa** – *De Onkhwo, grito de guerra de alguns povos do Sudoeste Angolano.* (N.)
- Cuáta Cuáta, Kwata Kwata** – *Lit. “Agarra agarra!”. Alusivo à caça de escravos.* (K. U.N.)

Cuéle, Nkhwele – *Pássaro canoro, pássaro-troçador “chizaerhis concolor”.* (N.)

Curoca, Kuroka – *Etnia do deserto do Namibe.*

Cuvale, Ova-Kuvale – *Etnia do Sudoeste Angolano, do grupo étnico Herero (Ova-Helelo).*

D

Dembo – *Potentado ou Soba Grande (o mais importante foi Kakulo Kahenda) da reg. dos Dembos, localiz. entre os rios Dande (ao N.) e o Bengo (ao S.).* (K.)

Dengue, Dengoso(a) – *Sensualidade, sensual.* (K.)

Dicanza, Dikanza – *Instrumento musical, constituído por um bordão com inúmeras ranhuras por onde se faz passar uma vara. Reco-reco.* (K.)

Dongo – *Canoa.* (K.)

E

Ehiko – *Festa da puberdade das raparigas nhanecas.* (N.)

Ekoto – *Lacrau de pinças grandes e curvas.* (N.)

Elike – *Penteado em forma de crista que as raparigas ostentam durante as festividades da puberdade.* (N.)

Empacaceiro, Empacasseiro – *Começaram por ser as tropas irregulares africanas ao serviço do exército português nas lutas da ocupação. Também vieram a constituir a praça irregular da polícia de Luanda, recrutada entre os moradores dos musseques. A denominação vem-lhe do barrete de pele de pacaça (pequeno búfalo) que usavam.* (K.)

Enda Nkholo! – *Vai depressa!* (N.)

Epata – *Habitação.* (N.)

Espana – *Conjunto das juntas de bois (chegavam a ser doze a dezoito juntas) dum carro bóer. Os bois da espana eram chamados*

pelos seus nomes em africânder, por ex.: Buchman, Lentland, Rovifelt, Blesman, Steeberg, Donkrag, Falteen, Swartberg.

Eumbos – Aldeias. (N.)

F

Fefenha – Comer chupando os ossinhos todos até nada restar. (K.)

Fiote – Alusivo a Cabinda.

Fula – Pessoa mestiça ou negra de pele clara. (K.)

Funanço – Comércio do sertão. (K.)

G

Gaviota – De Gavota, dança de salão muito em voga no século XVIII.

Girassonde, Murilaonde, Omulilahonde – Lit. “que chora sangue”, alusivo à sua seiva de vermelha. Madeira de cor avermelhada. (N.)

Gonga – A família real da Huíla tinha este apelido autenticamente Jaga (Ver: Jaga). (N.)

Guerra Preta – Designação que se dava à tropa de auxiliares negros do exército português dos tempos das guerras de ocupação.

H

Hamba – Soberano, rei. (N.)

Holongo – Grande antílope “tragelaphus strepsiceros strepsiceros”. (N.)

Hotentote – Povo habitante das zonas áridas do Sudoeste Africano. Nos finais do Séc. XIX invadiram o Sul de Angola para roubar gado aos povos vizinhos. Chegaram a entrar na Chibia sob o olhar aterrorizado dos seus habitantes.

I

Imbondeiro – *Árvore de grande porte "adansonia digitata". (K.)*

J

Jaga – *Povo guerreiro que invadiu o Reino do Congo, no século XIII, depois o Reino do Dongo e sucessivamente até um grupo ter entrado na Huíla, subjugado os seus naturais e fundindo-se com eles, a partir do séc. XVI. Ali fundaram o Reino do Humbe-Onene. Alguns estudiosos defendem que o termo Jaga seja o aportuguesamento do termo Yaka (oku-yaha – ferir com a flecha, flechar, em olu-nyaneka).*

Jeribita – *Água-ardente de cana, importada do Brasil. Cachaça.*

Jikula Omesu, uála mu Hila – *Abram os olhos, estamos na Huíla! (K.)*

Jindungo – *Espéc. de malagueta muito picante. (K.)*

Jinguba – *Amendoim. (K.)*

K

Kakuendje – *Rapaz. (N.)*

Kamba – *Amigo, companheiro. (K.)*

Kana Kange! – *Meu filho! (N.)*

Kêto! Kêto! – *Obrigado! Obrigado! (N.)*

Kifufutila – *Doce feito de jinguba (amendoim), açúcar mascavado e farinha torrada, tudo reduzido a pó. (K.)*

Kimbanda, Kimbandista – *Curandeiro. (K.)*

Kimbo, Ko imbo – *Aldeia. (U.)*

Kindumba – *Penteado formando uma poupa. (K.)*

Kissanje – *Instrumento musical. Espécie de xilofone, cujas palhetas metálicas são tocadas com as unhas dos polegares. (K.)*

Kissentto, Kisi – *Albino. (N.)*

Kúa – *ver: Cúa (N.)*

Kuhela – Dança guerreira, simulacro de combate, lit. “brandir a zagaia”. (N.)

L

Lazarina – Espingarda antiga de pederneira fabricada em Portugal.

Lenga – Ministro, fidalgo, de Ou-Lenga, nobreza. (N.)

Libata – Habitação, residência. (U.)

Lohengue, Lossengue, Oluhengi – Grande lagarto aquático “*varanus niloticus*”. (N.)

Luvale – Pau com que se remexe o pirão (Otyihima). (N.)

M

Maboque – Fruto silvestre de forma esférica e de casca muito dura “*strychnos aculeata*”. (K.)

Macau, Omakao – Cerveja obtida a partir da fermentação do sorgo (massambala). (N.)

Maka – Confusão. Conflito. Zanga. (K.)

Makota – Velho respeitável, fidalgo. (K.)

Malé! – Não há! Desapareceram! (K.)

Malembe-lembe – Lento, vagaroso. (K.)

Mangongue, Engonge – Planta carnuda e fibrosa, tipo agave “*sansevieria cylindrica*”. (N.)

Mangonha, Mangonhice, Mangonheiro – Preguiça, preguiçoso, indolente. (K.)

Massambala, Masa-a-mbala – Cereal, sorgo “*andropogon sorghum*”. (K.)

Massango, Assango – Espécie de cereal, painço “*penisetum*”. (U.)

Matacanha – Pulga penetrante. O mesmo que bitacaia. (K.)

Mataman – Grande Reino que existiu no Sul de Angola, invadido e destruído pelos Jagas (Bangalas), a partir dos finais do Séc. XVI.

Mateba – *Fibra vegetal tirada de uma espécie de palmeira.*

Matumbo – *Do mato, provinciano.*

Mezonguê – *Caldo de peixe muito picante. (K.)*

Milamilar – *De Omamila-Mila, espécie de catalepsia de alguém possuída por um espírito.*

Minhangolo, Mirangolo, Munyongolo – *Árvore que dá uma flor branca e uma baga doce comestível.*

Molenga, mulenguice – *Preguiça, indolência. (K.)*

Mona de Cacunda – *Criança-de-colo. A trad. à letra será: criança-de-costas, pois é nas costas (de Onkhunda – geba) que as crianças são transportadas. (N.)*

Monangana – *Filho de branco, lit. “filho do senhor” (Mona-a-ngana), mestiço. (K.)*

Mosquiteiro – *Só a partir de 1870 se vulgarizaram os mosquiteiros nas zonas insalubres, devido às descobertas de Beauperthuy que associam o mosquito à transmissão do paludismo.*

Muadiê – *Senhor, Fulano. (K.)*

Muana-Puó, Mwana Pwo – *Máscara quiôca (Tyokwe) representando um rosto feminino.*

Mucanda, Mukanda – *Carta. (K.)*

Mucano, Mukano – *Espécie de multa que o sertanejo tinha que pagar ao soba por qualquer falta cometida por si ou por algum elemento da sua caravana. (K.U.)*

Mucuále, Mukuale – *Facão de dois gumes. (U.)*

Muene Bumbo – *Senhor do Bumbo. (N. U.)*

Muene Mutapa – *Senhor (Rei) das terras de Mutapa, na costa oriental africana. (N. U.)*

Muene Puto – *Rei de Portugal. (N. U.)*

Mufiquena, Mufikwena, Muhikwena – *Rapariga. (N.)*

Muhona – *Homem rico, possuidor de muito gado. Pessoa respeitável. (N.)*

Muhumbe, Omunkhumbi – *Da etnia Humbe (Ova-Nkhumbi), localiz. no Sudoeste Angolano.*

Mujimbo – *Boato. Falsa notícia. (K.)*

Mukanda – *Carta. (N.)*

Mulela – *Cosmético feito com manteiga de vaca. (N.)*

Mulemba – *Árvore de grande porte “*ficus welwitschili*” (de Kulemba, escurecer, alusivo à sombra que projecta). (K.)*

Mulilahonde, Girassonde – *Árvore de seiva avermelhada “*pterocarpus erinaceus*” . Lit. “chora sangue”. (N.)*

Mulola – *Zona baixa e alagadiça. (N.)*

Mundas – *Montes. Serra. (U.)*

Mundombe – *Etnia do Sudoeste angolano. Assim eram conhecidos os Cuvale em épocas mais remotas.*

Muntiati, Omunthiati – *Árvore de médio porte muito comum na savana “*copaifera mopane*”. (N.)*

Mupapa, Omupapa – *Árvore de seiva aleitada, cujos frutos “*omphapa*”, se comem nos anos de fome “*mauprania africana*”. (N.)*

Mupica, Mupika – *Escravo. (N.)*

Mussequenho – *De musseque, originalmente, “terreno arenoso” (mu-seke); mais tarde, passaria a designar os bairros periféricos de Luanda. (K.)*

Mutopa – *Cachimbo de água. (K.)*

Mútua, Omutwa – *Povo negro, pré-Banto, localizado no Sudoeste Angolano.*

Mutungu – *Facão, punhal. (N.)*

Muxito – *Mato, arbustos. (K.)*

Muxoxo – *Estalido feito com a boca, em sinal de desprezo ou de fastio. (K.)*

Muzumbo – *Lábios. (K.)*

N

Namibe – Palavra que, em hotentote, quer dizer deserto.

Nano – De cima. Ova-Nano, gente de cima. Refere-se aos habitantes do Planalto Central. (N.)

Namphinga – Boi “do herdeiro”, geralmente abatido por ocasião do falecimento do seu dono. (N.)

Nga – Senhora. (K.)

Ngana – Senhor. (K.)

Ngomas – Tambores, batuques. (N.)

Nhaneca, Nyaneka – Etnia do Planalto da Huíla.

Nompeke, Mupeke – Planta de cheiro forte e perfumado “ximénia americana”. (N.)

O

Okanhina kangue – Lit. O que tem o mesmo nome. Homónimo. (N.)

Olumango – Duas varas compridas onde se amarravam a carga (c. 30 Kg.) que era transportada por cada carregador da quibuca. (U.)

Ombala, Embala – Aldeia real, capital do reino, onde se encontra a residência do Soba. (N.)

Ondilisa – Bois “de fazer chorar”, destinados a serem abatidos por ocasião do falecimento do seu dono. (N.)

Onganda – Habitações primitivas em forma de cúpula. (N.)

Ongondji – Descanso de um mês obrigatório durante o luto decretado pelo fal. do Soba dos Nhaneka-Humbe. (N.)

Orix – Antílope.

P

Piroada – O mesmo que pirão, alimento preparado com farinha de milho.

Pombeiro – Responsável pelos carregadores da caravana sertaneja, a quibuca. De Pombo, sertão. (K.)

Puíta, mpwita – Cuíca. (N.)

Pumumu – Peru do mato. (N.)

Puto – Portugal.

Q

Quêto, Quêto!, Kêtu, Kêtu! – Obrigado! Obrigado! (N.)

Quibuca, Kibuka – Caravana sertaneja. (K.)

Quiçongo, Kisongo – Responsável pelos carregadores da caravana sertaneja, a quibuca. Mais usado no Sul.(U.)

Quimbala, Tchimbala – Recipiente feito de uma espécie de vime muito fino. (N.)

Quimbanda – Tributo cobrado pelos sobas aos sertanejos sempre que estes partiam ou chegavam de viagem. (K.)

Quimbare(i), Kimbare(i), Mbali – Escravos libertos e seus descendentes. Serviçais. De uma carta datada de 30.04.1798, consta o seguinte: “Quimbares são Negros livres, ou libertos, que vivem agregados aos brancos” (Arquivos de Angola, I, 5–6, 1936). (K.)

Quinamas, Kinamas – Pernas, pés. (K.)

Quindumba, Kindumba – Cabelo alto, formando uma poupa. (K.)

Quissonde, Kissonde, Ochisonde – Formiga guerreira, carnívora e muito feroz. (K.)

Quitute – doces, guloseimas. (K.)

R

Rebita – Dança de salão muito em voga em Luanda, no séc. XIX, a qual, seg. alguns autores, terá surgido a partir da valsa. “Tocando a valsa da maneira errada, os luandenses criaram a rebita [...]”, escreveu José Eduardo Agualusa.

S

Sambo, Ohambo – Curral, geralmente construído com ramos de espinheira. (U. N.)

Sangazulo – De sangue azul, fidalgo..

Sanzala – Aldeia tradicional africana. Acampamento de africanos. (K.)

Soba, Sova, Osoma – Chefe tribal, régulo, soberano. (K.U.)

Sobrado, Sapalalo, Saparalo – Casa de dois pisos.

Sualala, kusualala – Mexer-se muito, como o salalé (térmite). (K.)

Sukuama! Sukuá! – Meu Deus! (K.)

Sunga, Sungar – Arrasta, arrastar. (K.)

T

Tchindi – Urna funerária feita de barro vermelho. (N.)

Tchiricuáta, Tyirikwata – Pássaro canoro. (N.)

Tchôto, Tyoto – Altar familiar. (N.)

Tambula! – Toma! (N.)

Tankama, Tankamar – Senta, sentar. (K.)

Tchimpumpunhime – Rio que passa na vila da Chibia e vai desaguar no Caculuvar (Okakuluvala). De "Otchimpumpu Nhime", rugido do leão, alusivo ao barulho das suas águas. (N.)

Tipoia – Meio de transporte, liteira.

Tocaiar – De tocaia, espera, cilada.

Tukana, Tukanar – Ofender com palavras feias, indecorosas. Injuriar. (N.)

U

Uanga – Feitiço. (K.)

Umbundo – A língua africana mais falada em Angola, entre os povos que habitam as regiões que se estendem do Planalto Central ao litoral de Benguela. Língua dos Ovi-Mbundu.

V

Vianga – *Finta*. (K.)

Vipepe – *Desejo, necessidade*. (U.)

Vissapa – *Arbustos, mato*. (U.)

W

Welwitschia Mirabilis – *Planta existente no Deserto do Namibe, estudada e divulgada pelo naturalista austríaco, Friederich Welwitsch, em 1859.*

X

Xaxata, Xakata – *Arrastar os pés*. (K.)

Xicuála, Xikwala – *Casca da árvore do mesmo nome a que se atribuem propriedades afrodisíacas. Pau-de-Cabinda*. (K.)

Ximbicar – *Empurrar. Quando se faz mover uma embarcação com a ajuda de varas que ximbicam o fundo do rio ou do mar baixo*. (K.)

Xingar – *Insultar*. (K)

Xinguilar – *Cair em transe, ser possuído pelos espíritos*. (K.)

Z

Zangular – *Lançar, atirar*. (K.)

(K.) do Kimbundu (Língua falada pelo povo Ambundo, localizada nas regiões da Luanda, Kuanza N. e S., Malange e Uíge).

(N.) do Olu-Nyaneka (Língua falada pelo povo Nyaneka, localizada no Planalto da Huíla).

(U.) do Umbundu (Língua falada pelo povo Mbundu, localizada na região que vai do Planalto Central ao litoral de Benguela).

O PLANALTO DOS PÁSSAROS

Autor: JORGE ARRIMAR

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

MUKERENG MPÔIO CALUNGA CARDOSO



Todos os direitos desta obra reservados a

JORGE ARRIMAR

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL
PORTUGUESA"**

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

**Títulos publicados nas
Edições CHÁ DE CAXINDE**

Arnaldo Santos
A Casa Velha das Margens

António Jacinto
Sobreviver em Tarrafal de Santiago

Amélia A. Mingas
*Interferência do Kimbundu no
Português Falado em Lwanda*

Beto Van-Dúmen
22 Poemas para o 29 de Março

Basil Davidson
*O Fardo do Homem Negro – os efeitos
do estado-nação em África*

Fragata de Morais
Momento de Ilusão

Carlos Ferreira
Ressaca

Ryszard Kapuscinski
Ébano – Febre Africana

Boaventura Cardoso
Mãe, Materno Mar

Castro Soromenho
Terra Morta

Óscar Ribas
Temas da Vida Angolana

Jorge Arrimar
O Planalto dos Pássaros

A guerra que deslizava de norte para sul, teimando em violentar um país inteiro, ameaçava também uma vila pacata como a Chibia, cuja última invasão guerreira tinha acontecido em tempos que já lá iam, tão distantes para os vivos que só Vó Ana teimava em se lembrar. Uns ainda ficavam mas outros partiam, e António José, já na baía de Luanda, aninhava-se na voz triste do seu kissanje, que gemendo um som estranho, lhe trazia de outros tempos a voz do velho Tchóia, contador de estórias e de lendas.

Abrem-se, então, novos capítulos deste romance que nos fala de uma Angola antiga, do século dezoito: os sertões de Benguela e a criação de novas povoações no interior, como Alba Nova, nas terras altas da Huíla; a governação do Barão de Moçâmedes e a aventureira expedição terrestre até Angra do Negro e faldas da Chela, chefiada pelo morador de Benguela, Gregório Mendes; o encontro, no Bumbo, do novo Capitão-Mor da Huíla, António Rodrigues Jardim, com o sertanejo João Pilarte da Silva; o poder e a importância do grande senhor da Ombala do Lupolo, o Rei Kanina Gongá; a vida na povoação da Huíla e a sua destruição pela guerra do Nano.

O sortilégio do kissanje liga o tempo remoto ao tempo contemporâneo, prometendo mais estórias no futuro, quando um descendente dos refugiados da Guerra do Nano, que havia assolado a Huíla, em 1794, regressa ao Planalto "no tempo do Soba Nangolo".

Esta é a trama de O Planalto dos Pássaros, reconstituição ficcionada dos tempos remotos de uma Angola colonial e setecentista, cuja narrativa, carregada de simbolismo, apresenta ao leitor situações e personagens que o narrador vai descrevendo com ironia e humor, retratando-as na sua dimensão humana, com as suas virtudes e com as suas fraquezas e defeitos.